O MUNDO
DO LIVRO
11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa

PARNAZO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

TÓMO I.

RIO DE JANEIRO.

NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL. 1829.

AO PUBLICO.

EMPREHENDI esta collecção das melhores Poesias dos nossos Poetas, com o fim de tornar ainda mais conhecido no mundo Litterario o Genio daquelles Brasileiros, que, ou podem servir de modellos, ou de estimulo á nossa briosa mocidade, que ja começa á trilhar a estrada das Bellas Letras, quasi abandonada nos ultimos vinte annos dos nossos accontecimentos Politicos.

Os que se derão á huma semelhante taréfa na Inglaterra, França, Portugal, e Hespanha, de certo não tiverão tantas difficuldades á vencer, como as que encontro neste Paiz, onde a Imprensa he moderna, e por isso os escriptos, por mais de huma vez copiados, podem ser, em muitas partes, differentes dos que sahirão das pennas de seos Authores.

Todavia, confrontando manuscriptos de amigos entendidos, e amantes dos nossos Poetas, e sem despresar o conselho de alguns, que ainda lhes pertencem por sangue e affeição, julgo prestar hum serviço louvavel, aos que desejão possuir, em huma só colleção, tantas Poesias estimaveis, que o tempo vai ja consumindo, com prejuizo da nossa gloria Litteraria.

Fôra bom ajuntar á esta collecção huma noticia Biographica de tantos Poetas, que honrão o nome Brasileiro com producções distinctas; mas esta tarefa offerece maiores difficuldades, sem com tudo desanimar a quem espera ainda offerecer ao conhecimento do

mundo as memorias dos Illustres Brasileiros, que fazem honra á Litteratura Nacional. Os dous *Alvarengas*, *José Basilio*, *Salles*, *Claudio Manoel*, *João Pereira*, *Caldas*, e outros que hoje só vivem em suas obras, tem parentes e amigos, que de certo se prestarão a communicar-me as materias necessarias á Biographia dos Poetas Brasileiros, que intento escrever, para ser publicada em algum dos seguintes Tomos desta Collecção. A esperança em que estou de ser coadjuvado n'esta empreza de gloria Nacional, por todas as pessoas, que possuem poesias e noticias dos nossos bons Poetas, até hoje sepultados em archivos particulares, obriga-me a pedir, que as confiem do Editor do *Parnaza Brasileiro*, remettendo-as á sua morada, Rua dos Pescadores N.º 112. (porte pago), onde se dará recibo, para a entrega do original, depois de copiado.

O Conego *Januario da Cunha Barboza.*

SONHO.

Pelo Doutor Ignacio José de Alvarenga.

OH que sonho! oh que sonho eu tive n'esta
Feliz, ditosa, e socegada sesta?
Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
E no meio das ondas tranformar-se
Na figura de hum Indio o mais gentil,
Representando só todo o Brasil.
Pendente ao tiracol de branco arminho
Concavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava;
Era thesoiro e juntamente aljava.
De pontas de diamante erão as settas,
As asteas d'oiro, mas as pennas prettas;
Que o Indio valeroso activo e forte
Não manda setta, em que não mande a morte.
Zona de pennas de vistosas cores
Guarnecida de barbaros lavores,
De folhetas e perolas pendentes,
Finos chrystais, topazios transparentes,
Em recamadas pelles de Sahiras
Rubins, e diamantes, e Saphiras,
Em campo de Esmeralda escurecia
A linda Estrella, que nos traz o dia.
No cocar... oh que assombro! oh que riqueza!
Vi tudo quanto póde a natureza.
No peito em grandes lettras de diamante
O nome da Augustissima Imperante.
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe occupa, em quanto ao doce accente
Das saudosas palhetas, que afinava,
Pindaro Americano assim cantava.

Sou vassallo, e sou lial,
Como tal,
Fiel constante,
Sirvo á gloria da Imperante,
Sirvo á grandeza Real.

Aos Elysios descerei
Fiel sempre á Portugal,
Ao famoso Vice-Rei,
Ao Illustre General,
A's bandeiras, que jurei.
Insultando o fado e a sorte,
E a Fortuna desigual,
A' quem morrer sabe, a morte
Nem he morte, nem he mal.

ODE.

A Rainha D. Maria I. pelo mesmo Auctor, servindo de continuação ao Sonho.

Invisiveis vapores
Da baixa terra, contra os Ceos erguidos,
Não offuscão do Sol os resplendores.
Os padrões erigidos
A' Fé Real nos peitos Lusitanos,
São do Primeiro Affonso conhecidos.
A nós Americanos
Tóca levar pela razão mais justa
Do Throno a Fé aos derradeiros annos.
Fidelissima Augusta,
Desentranhe riquissimo Thesoiro
Do cofre Americano a mão robusta;
Se o Tejo ao Minho e ao Doiro
Lhe aponta hum Rei em bronze eternizado,
Mostre-lhe a Filha eternizada em oiro.

Do Throno os resplendores
Fação a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de vistosas cores.
Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.
Sirva á Real grandeza
A prata, o oiro, a fina pedraria,
Que esconde d'estas serras a riqueza.
Ah! chegue o feliz dia,
Em que do novo Mundo a parte inteira
Aclame o nome Augusto de Maria.

Real Real Primeira,
Só esta voz na America se escute
Veja-se tremular huma bandeira.

Rompão o instavel sulco
Do pacifico mar na face plana
Os Galeões pezados de Acapulco.
Das serras da Araucana
Desção Nações confusas differentes
A' vir beijar a mão da Soberana.
Chegai, chegai contentes,
Não temaes dos Pissarros a fereza,
Nem dos seos companheiros insolentes.
A Augusta Portugueza
Conquista corações, em todos ama
O Soberano Author da Natureza.
Por seos filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura
E os seos favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Ja era vosso o mundo novo inteiro.
Eu fico que estendesse
Do Cabo ao mar pacifico as medidas,
E por fóra da Havana as recolhesse.
Ficavão incluidas
As terras, que vos forão consagradas,
Apenas por Vespucio conhecidas.
As cascas enroladas
Os aromas, e os Indicos effeitos,
Poderão mais que as Serras prateadas.
Mas nós de amor sugeitos
Prontos vos offertamos á conquista
Barbaros braços, e constantes peitos.

Póde a Tartaria Grega
A luz gozar da Russianna Aurora;
E á nós esta fortuna não nos chêga?

Vinde, Real Senhora,
Honrar os vossos mares por dous mezes
Vinde ver o Brasil, que vos adora.
Noronhas e Menezes
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Tem prendido o Leão por muitas vezes.
Fiai os Reaes Sellos
De mãos seguras, vinde descançada,
De que servem dous grandes Vasconcellos?
Vinde á ser coroada
Sobre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a Lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na Real Lisboa
Sem ser sentido do invejoso Tejo:
Aos pés Augustos voa,
Chora, e faze que a Mãi compadecida,
Dos saudosos filhos se condoa.
Ficando enternecida,
Mais do Tejo não temas o rigor,
Tens triumphado, tens a acção vencida.
Da America o furor
Perdoai, Grande Augusta; he lealdade,
São dignos de perdão crimes de amor.
Perdoe a Magestade,
Em quanto o mundo novo sacrifica
A' tutelar propicia Divindade:

O Principe sagrado
Do pão da pedra, que domina a barra
Em colossal estatua ferantado,
Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado Sudoeste esbarra;
E veja glorioso
Vastissima extenção de immensos mares,
Que cerca o seo Imperio magestoso;
Honrando nos altares
A mão, qne o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seos, ambos os mares

E a Fé mais Santa e pura,
Espalhada nos barbaros desertos,
Conservada por vós firme e segura.

Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do Luso Imperio,
Eterna Paz, eternamente goza.
N'hum e n'outro hemispherio
Tu vês os teos Augustos Descendentes
Dar as Leis pela voz do Ministerio:
E os povos differentes,
Que he impossivel quasi enumeral-os,
Que vem á tributar-lhes obedientes;
A honra de mandal-os,
Pedem ao neto glorioso teo;
Que adorão Rei, que servirão vassallos.
O Indio o pé bateo,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desappareceo.

ODE.

Pelo mesmo Autor, á Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquez do Pombal.

Não os Heroes, que o gume ensanguentado
Da cortadora espada
Em alto pelo mundo levantado
Trazem por estandarte
Os furores de Marte;
Nem os que sem temor do irado Jóve
Arrancão petulantes
Da mão robusta, que as esferas móve,
Os raios crepitantes,
E passando á insultar os elementos
Fazem cahir dos ares
Os cedros corpulentos
Por hir rasgar o frio seio aos mares,
Levando a toda a terra
Tinta de sangue, envolta em fumo a guerra.

Ensanguentados rios, quantas vezes
Vistes os ferteis valles
Semeados de lanças e de arnezes?
Quantas, ó Ceres loura,
Crescendo huns males sobre os outros males
Em vez do trigo, que as espigas doura,
Viste espigas de ferro,
Fructos plantados pelas mãos do erro,
E colhidos em montes sobre as eiras
Rotos pedaços de serviz bandeiras!
Inda leio na frente ao velho Egypto
O horror, o estrago, o susto
Por mãos de Heroes tiranamente escrito;
Cezar, Pompeo, Antonio, Crasso, Augusto,
Nomes, que a Fama poz dos Deoses pérto,
Reduzitão por gloria
Provincias e Cidades á desérto:
E a penas conhecemos pela historia
Que o tem roubado ás eras,
Qual fosse a habitação, que hoje he das feras.
Barbara Roma, só por nome augusta,
Desata o pranto vendo
A conquista do mundo o que te custa;
Cortão os fios dos arados tortos
Trezentos Fabios n'hum só dia mortos,
Zelosa negas hum honroso asylo
Ao illustre Camilo;
A' Manlio, ingrata, do escarpado cume
Arrojas por ciûme,
E vêz á sangue frio, oh povo vario,
Subir Marcello as proscrições de Mario.
Grande Marquez, os Satyros saltando
Por entre as verdes parras
Defendidas por ti de estranhas garras;
Os trigos ondeando
Nas fecundas seáras;
Os incensos fumando sobre as aras,
A nascente Cidade,
Mostrão a verdadeira heroicidade.
Os altos cedros, os copados pinhos,
Não á conduzir raios,
Vão romper pelo mar novos caminhos:
E em vez de sustos, mortes, e desmaios,
Damnos da natureza
Vão produzir e transportar riqueza.

12.

Eu só pondero, que essa força armada
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre huma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos,
Isto que tem co' a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a fórma da terrestre esfera
Apezar de huma vida a mais austera.

13.

Se o justo e o util pode tão sómente
Ser acertado fim das acções nossas,
Quaes se empregão, dizei, mais dignamente
As forças d'estes, ou as forças vossas?
Mandão á destruir a humana gente
Terriveis Legiões, armadas grossas;
Procurar o metal, que acode a tudo
He d'estes homens o cansado estudo:

14.

São dignas de attenção... hia dizendo
A' tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro com o poder sagrado
E já o nosso Heroe nos braços tendo,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito.

15.

Filho, que assim te fallo, filho amado
Bem que hum Throno Real teo berço enfaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes de primeira Graça;
Deves o nascimento ao Pae honrado,
Mas eu de Christo te alistei na Praça;
Estas mãos por favor de hum Deos Superno
Te restaurarão do poder do Inferno.

16.

Amado filho meo, torna á meos braços,
Permitta o Ceo, que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teo Pae os passos.
Honrando algumas Paternaes fadigas
Não receio que encontres embaraços,
Por onde quer que o teo destino sigas,
Que elle pisou por todas estas terras
Matos, Rios, Sertões, Morros e Serras.

17.

Valeroso, incansavel, diligente
Do serviço Real, promoveo tudo
Já nos Paizes do Pori valente,
Já nos bosques do bruto Boticudo,
Sentirão todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo,
E quantos virão seo sereno rosto
Lhe obedecerão por amor, por gosto.

18.

Assim confio o teo destino seja
Servindo a Patria, e augmentando o Estado
Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo illustre de teos Paes herdado;
Permitta o Ceo, que eu felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado,
Assim contente acabarei meos dias,
Tu honrarás as minhas cinzas frias.

19.

Acabou de fallar o honrado velho,
Com lagrimas as vozes misturando;
Ouvio o nosso Heroe o seo conselho
Novos projectos sobre os seos formando.
Propagar as doctrinas do Evangelho,
Hir aos patricios seos civilisando,
Augmentar os Thesoiros da Reinante,
São seos disvelos desde aquelle instante.

20.

Feliz governo, queira o Ceo sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o seculo dourado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
Seculo, que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto e de alegria,
Até os tempos, que o destino encerra
De governar José a Patria terra.

SONETO.

Pelo mesmo Auctor, em huns Outeiros.

MOTE

NOMEIA VICE-DEOS AO GRANDE AUGUSTO.

NAS azas do valor em Accio vinha
Por Antonio a Victoria declarada,
Mas a sombra de Tullio não vingada
Postos os Deoses contra Antonio tinha.

Fez que fugisse a barbara Rainha
De falsas esperanças enganada,
E o criminoso Heroe voltando a espada
No coração zeloso a embainha.

O fatal estandarte a Grecia enrole,
Cesse entre Espozas e entre Mães o susto,
Descanse hum pouco de Quirino a prole;

Que Jove Eterno piedoso e justo,
Antes que Roma e Roma se dessole,
NOMEIA VICE-DEOS AO GRANDE AUGUSTO.

SONETO.

Pelo mesmo Autor, ao Marquez de Lavradio, na fundação do Theatro do Rio de Janeiro, servindo de Prologo á Tragedia — Merope — traduzida do Italiano pelo Autor.

SE armada a Macedonia ao Indo assoma.
E Augusto a sorte entrega ao immenso lago,
Se o grande Pedro errando incerto e vago
Barbaros duros civiliza e doma:

Grecia de Babilonia exemplos toma,
Aprende Augusto no inimigo estrago,
Ensina a Pedro quem fundou Carthago
E as Leis de Athenas traz ao Lacio e Roma.

Tudo mostra o Theatro, tudo encerra;
N'elle a cega razão aviva os lumes
Nas artes, nas Sciencias, e na guerra.

E á vós, alto Senhor, que o Rei e os Numes
Derão por fundador á nossa terra,
Compete a nova escola dos costumes.

SONETO.

Do mesmo Autor.

A MÃO, que aterra de Nemeo a garra,
Attéo, Achiles, Sofonisba, e Phedra,
São assumptos da Lyra, e nunca medra
Invejosa dos Cysnes a cigarra.

Tu onde o vento e o mar a furia esbarra,
Sem chammas de rubim, facetas d' edra,
Immortal ficarás por mim, ó pedra,
Que ao longe mostras do teo Rio a barra.

Abrazado entre as xispas na bigorna
Malha Vulcano, e do trifauce perro
Brontes a Estigia caldeando entorna.

O grande Castro em bronze, em oiro, em ferro
Por mão de hum Deos a tua frente adorna,
Mais durarás do que o Sefaz do Serro.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

POR mais que os alvos córnos curve a Lua
Roubando as luzes ao Author do dia;
Por mais que Thetis na morada fria
Ostente a pompa da belleza sua;

Por mais que a linda Cytherea nua
Nos mostre o premio da gentil porfia,
Entra no campo, Tu, bella Maria,
Entra no campo, que a victoria he tua.

Verás a Cynthia protestar o engano,
Verás Thetis sumir-se envergonhada
Para as humidas grutas do Occeano.

Venus ceder-te o pômo namorada,
E sem Troia sentir o ultimo damno,
Verás de Juno a colera vingada.

SONETO.

Do mesmo, nas Exequias de ElRei D. José.

DO claro Tejo á escura foz do Nilo,
E do barbaro Araxe ao Tibre vago,
A fama, o susto, e o Marcial estrago,
Rompe a Fama os clarins em repetil-o.

Mas não podem achar seguro asilo
Fora das margens do estigio lago
Os assombros de Roma e de Cartago,
Annibal, Scipião, Fabio, e Camillo.

Os grandes ossos cobre a terra dura,
E a morte desenrola o negro manto
Sobre o Pio José na sepultura.

Injusta morte, soffre o nosso pranto,
Que ainda que he lei a toda a creatura,
Parece não devias poder tanto.

SONETO.

Do mesmo, ao Marquez de Lavradio.

HONRADAS sombras dos maiores nossos,
Que estendestes a Lusa Monarchia,
Do torrado Equador á Zona fria,
Por incultos Sertões, por mares grossos;

Sahi á ver os Sucessores vossos
Revestidos de gala e de alegria,
E nos prazeres do mais fausto dia
Dai vigor novo aos carcomidos ossos.

La vem o grande Affonso, a testa erguendo
A ver Carvalho, em cujos fortes braços
Crescem os Nettos, que lhe vão naseendo.

E o suspirado Almeida rompe os laços
Da fria morte, o Netto invito vendo
Seguir tão perto de Carvalho os passos.

SONETO.

De mesmo, aos annos de D. Joanna.

NEM fizera a discordia o desatino,
Que urdio funesta liga a gente humana,
Nem soberba a Republica Romana
Poria ao mundo inteiro hum freio indino.

O' Asia, O' Grecia, O' Roma, o teu destino
Fora feliz só com nascer Joanna;
Respeitoso no peito a acção profana
Suffocaria o barbaro Tarquino.

Ella das Deosas trez as graças gosa,
E os dons sublimes ella só encerra
De Rainha, de Sabia e de formosa.

Ah! se Joanna então honrasse a terra!
O' Esposa Romana, ó Grega Esposa,
Não fora a formosura a Mãe da guerra.

SONETO.

Por José Bazilio da Gama á mesma Senhora.

A Idade, aquella idade, que primeiro
Vio em mão delicada o sceptro e o mando,
E a Egypcia, que as ruinas pôde amando
Duas vezes causar ao mundo inteiro:

Que vio levada de furor guerreiro,
Parte da trança negra ao vento dando,
Correr c'hum peito atado, outro ondeando
A usurpadora Mãe do Assirio herdeiro:

Que vio co' a mão, que erguia huma Cidade
Confundir com o dom da mão Troiana
Hum resto de fraqueza e de saudade;

Que ultrajada belleza, alma Romana
Vio nadar o seo sangue, aquella idade
Tudo não vio, por que não vio Joanna.

A GRUTA AMERICANA.

POR ALCINDO PALMIRENO ARCADE ULTRAMARINO; A' TERMINDO SIPILIO, ARCADE ROMANO.

Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga, á José Bazilio da Gama.

N'HUM vale estreito o Patrio Rio desce
De altissimos rochedos despenhado
Com ruido, que ás feras ensurdece.
Aqui na vasta gruta socegado
O Velho Pae das Nimphas tutelares
Vi sobre urna musgosa recostado;
Pedaços d'oiro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o Ceo quiz derramar n'estes lugares.
Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphiteatro, onde respirão
No ardor da sesta as Driades formosas.
Os Faunos petulantes, que delirão
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco n'estes bosques girão.
Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e Antas fortissima Amazona
Rege do alto lugar, em que se assenta.
Prostrado aos pés da intrepida Matrona,
Verde, escamoso Jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.
Quem hes, do claro Ceo inclita filha?
Vistosas pennas de diversas cores
Vestem, e adornão tanta maravilha.
Nova grinalda os Genios e os Amores
Lhe offerecem, e espalhão sobre a terra
Rubins, Saphiras, perolas e flores.

Juntão-se as Nimphas, que este v'le encerra,
A Deosa accena e falla: o monstro enorme
Sobre as mãos se levanta, e a aspera serra
Escuta, o rio pára, o vento dorme.
Brilhante nuvem d'oiro
Realçada de branco, azul, e verde,
Nuncia de fausto agoiro,
Veloz sóbe, e da terra a vista perde,
Levando vencedor dos mortaes damnos
O Grande Rei José dentre os humanos.
Quando ao Tartareo açoite
Gemem as portas do profundo Averno,
Igual á espessa noite
Vóa a infausta Discordia ao ar Superno,
E sobre a Lusa America se avança
Cercada de terror, ira, e vingança;
Eis a Guerra terrivel
Que abála, atemorisa, e turba os povos,
Erguendo escudo horrivel,
Mostra Esphinge, e Medusa, e monstros novos;
Arma de curvo ferro o iniquo braço:
Tem o rosto de bronze, o peito d'aço.
Palida, surda e forte,
Com vagaroso paço vem soberba
A descarnada morte.
Com a miserrima triste fome acérba;
E a negra peste, que o fatal veneno
Exhala ao longe, e offusca o ar sereno.
Ruge o Leão Ibero
Desde Europa troando aos nossos mares,
Tal o ferez Cerbero
Latindo assusta o reino dos pesares.
E as vagas sombras ao tifauce grito
Deixão medrosas o voraz Cocyto;
Os montes escalvados,
Do vasto mar eternas atalaias,
Vacilão assustados
Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
E o pó sulphureo, que no bronze sôa
O Ceo, e a Terra, e o Abysmo atrôa.
Os eccos pavorosos
Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,
E os peitos generosos,
Que no seio da paz a gloria inunda,

Armados correm de huma e d'outra parte
Ao som primeiro do terrivel Marte.
A hirsuta Mantiqueira,
Que os longos campos abrazar presume,
Vio pela vez primeira
Arvoradas as Quinas no alto cume,
E marchar as Esquadras homicidas
Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.
Mas oh Ramha Augusta,
Digna Filha do Ceo justo e piedoso,
Respiro, e não me assusta
O estrepito e tumulto bellicoso,
Que tu lanças por terra n'hum só dia
A discordia, que os povos opprimia.
As horridas phalanges
Ja não vivem d' estrago e de ruina,
Deixão lanças e alfanjes,
E o elmo triplicado, e a malha fina;
Para lavrar a terra o ferro torna
Ao vivo fogo e á rigida bigórna.
Ja cahem sobre os montes
Fecundas gotas de Celeste orvalho;
Mostrão-se os horizontes,
Produz a terra os fructos sem trabalho;
E as nuas Graças, e os Cupidos ternos
Cantão á doce Paz hymnos eternos.
Hi te, sinceros votos,
Hide, e levai ao Throno Lusitano
D'estes climas remotos,
Que habita o forte e adusto Americano,
A pura Gratidão e a Lealdade,
O Amor, o sangue, e a propria Liberdade.
Assim fallou a America ditosa,
E os mosqueados Tigres n'hum momento
Me roubarão a scena magestosa.
Ai, Termindo, rebelde o instrumento
Não corresponde á mão, que ja com gloria
O fez subir ao estrellado accento.
Sabes do triste Alcindo a longa historia,
Não cuides que os meos dias se serenão,
Tu me guiaste ao Templo da Memoria
Torna-me ás Musas, que de lá me acenão.

OS CAMPOS ELISIOS.

Aos Condes da Redinha, por José Bazilio da Gama.

CANTO UNICO.

1.

Nos arvoredos bemaventurados,
Por onde o Lethes vagaroso gyra,
Pelas sombras felizes habitados,
Entrei, fiado na Thebana Lyra;
Giravão juntos os ditosos prados,
Dous vultos, por quem a Patria inda suspira,
Que trajavão, se a vista não me engana,
Manto Ducal, e purpura Romana.

2.

Hum era Paulo, o Irmão do Alcides nosso,
Que de força invencivel ajudado
Pizou da Hydra o aspero pescoço;
Outro era Nuno, á pouco em flor cortado,
Noticias lhe pergunta ao Duque moço,
Dos paizes, que cobre o Sol doirado:
Elle os casos refere em doce estilo,
Chegão-se as outras sombras para ouvil-o.

3.

Vive o famoso Irmão, dice; annos largos
Esperareis, que desampare a terra;
Deu-lhe os hombros d'Atlante, os olhos d'Argos
Aquella mão, que os grandes desenterra;
Fogem os dias funebres e amargos,
Foge de arredor d'elle a iniqua guerra,
E sempre ao lado seo anda abraçada
Co' a candida justiça a paz dourada.

4.

Quando dos olhos meos a luz fugia
Ja vizinho a pagar tributo ao fado,
Huma ecco mal distincto ao longe ouvia
Que o meo tronco ao seo tronco era enlaçado;
Com os olhos busquei a luz do dia,
Era o publico voto, ajoelhado,
Que repetia, erguendo as mãos ao Ceo
Hymineo, Hymineo, vem Hymineo.

5.

Na tua toxa inextinguivel arda
O fogo animador d'almas famosas;
Descendencias de Heroes o Ceo nos guarda
De quem se esperão obras gloriosas.
Descansa, Lusitania, o Ceo não tarda;
D'ambos os filhos, d'ambas as esposas,
Quaes os lindos amores inquietos,
Hão de cercar o Avô os doces netos.

6.

Se respirasses inda a aura serena,
Tu, que cantaste Achilles d'Asia espanto,
Acháras n'outra mais formosa Elena
Nova materia á nunca ouvido canto;
Porque sendo a bellissima Lorena
Tão bella, que não he formosa tanto
Na orvalhada manhã a fresca rosa
Inda o menos que tem he ser formosa.

7.

Reviveo a esperança, que entretinhas,
Formou o coração mais firmes laços;
Doce união, que invejão as pombinhas,
E que imitão da hera os verdes braços.
Encheu o Rei as esperanças minhas,
Que os nossos Reis não forão nunca escassos,
E as novas honras no ditoso dia
A bella alma de Daun merecia.

8.

Pintar-te do seos dotes o Thesoiro
He reduzir o mar á concha estreita;
Estima as Artes, ama o verde loiro
Ditosa geração aos Ceos acceita:
Por vós tornou ao mundo a idade d'oiro.
Dice; e a sombra purpurea satisfeita
Airosa pas-eou no alegre prado
Cheia da idéa do sobrinho amado.

EPITHALAMIO.

Por José Bazilio da Gama, á Senhora D. Maria Amalia.

1.

Nimpha d'esta aspereza ao Ceo visinha,
Cingi-me a fronte de arrojado loiro:
Torne a correr a mão cansada minha
Com plectro de marfim as cordas d'oiro;
Ouça dos sete montes a Rainha
Ouça o Danubio, o Patrio Tejo e o Doiro,
Amor na minha Cythara se esconda,
E Amalia, Amalia o ecco me responda.

2.

Vejo Cisnes de pennas prateadas
Trazer do Ceo sobre o fecundo leito
Fitas de roza no pescoço atadas
Estrellas d'oiro no encrespado peito.
Ja dão caminho as nuvens enroladas,
Ja sente a terra o amoroso effeito;
Deixa rastros de luz no ar, que trilha
A bella Deosa das escumas filha.

3.

Vem, ó Santo Hymineo, desce dos ares
Coroado de Lirios e de rosas,
Rodêem teos purissimos altares
Do Tejo as mansas aguas vagarosas,
D'estes bosques os Deoses tutelares,
Ornando as tranças negras e formosas,
Hirão co' as nuas graças e os amores
Pelo chão espalhando as braucas flores.

4.

Esposo afortunado, em quem tem posto
A Patria as suas doces esperanças,
No meio dos aplausos e do gosto
Ah! conhece o que logras & o que alcanças.
A fortuna, que á tantos vira o rosto
Te poem na mão as fugitivas tranças,
Premio do teo amor, a Deosa cega
Quanto te pode dar tudo te entrega.

5.

Estas faces mimosas e serenas,
A boca onde se forma o doce encanto,
Causa de tanto susto e tantas penas,
Os olhos que enche o vergonhoso pranto,
A garganta de neve e de assucenas
Tão desejada e suspirada tanto:
Olha os siguaes da doce magua sua,
Alma feliz, esta belleza he tua.

6.

Entra, Esposa immortal, de amor no Templo,
Dá á Patria que te ama, e se disvéla
Doces fructos de amor, eu os contemplo
Successão numerosa illustre e bella;
Que siga os passos, e o paterno exemplo,
E se deixe guiar da sua estrella,
Que de fortes Leoens Leoens se gerão,
Nem os filhos das Aguias degenerão.

7.

Se ameaçando a Europa injusto e irado
Vai Frederico da victoria certo,
Vês o Heroe do teo sangue em campo armado
De pó, de fumo, e de suor cuberto;
Rotas as plumas do chapeo bordado,
A banda solta, o peito d'aço forte,
Livrando Austria do jugo e vituperio
Suster nos hombros o cadente Imperio.

8.

Hum dos dous Tios do seo Rei ao lado
Com o semblante placido e jucundo,
Governa ao longe o Imperio dilatado
Que separa de nós o mar profundo;
Outro gloria da Igreja e do Senado,
A' quem a grande Capital do mundo,
Ha muito que magnifica prepára
A purpura, e lhe accena co' a Theara.

9.

Não lhe mostres na Patria a estranha terra,
Os antigos illustres que passarão,
Mostra-lhe o grande Avô, em quem se encerra
Quanto os Heroes da antiguidade obrarão;
E basta-lhe na paz e em dura guerra
Que se lembrem hum dia, que beijarão
A mão, seguro arrimo da Coroa
A mão que da ruina ergueo Lisboa.

10.

Quando dos Alpes ao famoso estreito
A discordia cruel com vario estudo
Fez armar tanto braço e tanto peito,
Esta mão nos servio de amparo e escudo;
Sentio ao longe o lacrimoso effeito
Da quarta parte novo o povo rude,
E a foz do rio, e o tumido caminho
Cedeu com tanto cedro, e tanto pinho.

11.

O monstro horrendo do maior delicto,
Que abortou do seo seio a noite escura,
Por obra d'esta mão no alto cadito
Manchou de negro sangue a terra impura,
Range debalde aos pés do Throno invicto
A soberba, e debalde erguer procura
A atterrada cabeça, em que descança
O duro conto da pesada lança.

12.

Quiz erguer a ambição com surdas guerras
Fantastico edificio, aerias traves,
Porém geme debaixo d'altas serras
E tem sobre o seo peito os montes graves:
La vão passando o mar á estranhas terras
Os negros bandos das nocturnas aves,
Com a inveja, ignorancia, e hypocrisia,
Que nem se atrevem á encarar o dia.

13.

Ja tirar-nos não pode a sorte e o fado
Esses alegres dias, que estão perto,
Inda ha de ver a Patria e Reino amado
O Céo todo de nuvens descoberto,
Errar no monte sem pastor o gado;
E sem cultura, e sem limite certo,
Ondear pelo campo o trigo loiro,
Imagem da saudosa idade d'oiro.

14.

Eu não verei passar teos doces annos,
Alma de amor e de piedade cheia:
Esperão-me os desertos Africanos,
Aspera inculta, e monstruosa arêa;
Ah! tu fazes cessar os tristes damnos,
Que eu já na tempestade escura e feia...
Mas diviso, e me serve de conforto
A branca mão, que me conduz ao porto.

15.

Assim as azas vai ao peito abrindo
E força os mares co' a cançada próa,
Grave das couzas, que mais preza o Indo
A Náo, que torna do Oriente e Gôa
Que as nuvens no horizonte descobrindo
De flamulas se adorna e se coroa,
Vencedora do mar, que lhe faz guerra,
E sauda de longe a amada terra.

CANTO UNICO.

Por José Bazilio da Gama; ao Marquez de Pombal.

1.

De ti a Lira e o loiro a Archadia fia,
Não invileças nunca o dom sagrado,
Canta do Pai da Patria; assim dizia.
Com a tremula voz o Velho honrado;
Quando junto do Tibre, que o ouvia
Sobre tropheos antigos reclinado,
Cingio na minha frente o verde loiro,
E poz nas minhas mãos a Lira d'oiro.

2.

Amada Lira, se o teo doce accento
Abala troncos, e levanta muros,
Enfrea as ondas, adormece o vento,
E abranda os corações dos Tigres duros:
Accompanha o meo novo atrevimento,
Faze-te ouvir nos seculos futuros,
Se te assusta hir comigo aos pés do Throno,
Instrumento infeliz, busca outro dono.

3.

Pôde hum Heroe no berço recostado
Despedaçar co' as mãos Dragões torcidos,
Romper da eterna noite o horror sagrado
Mostrar a luz ao cão dos trez latidos;
E hum dos joelhos sobre o chão firmado,
Os braços pelas nuvens estendidos,
Sustentar elle só cheio de assombros
Todo o pezo do Ceo sobre os seos hombros.

4.

Pode depois de longa resistencia
Ver á seos pés o susto do Erimanto,
Dar hum asilo á timida innocencia
Na terra, e o crime encher de horror e espanto;
Possuir os thesoiros da eloquencia,
Quem cuidou que os mortaes podião tanto?
Pôde Pombal... O' Grecia, não duvides;
E tu cuidavas que eu cantava Alcides?

5.

Afóga as serpes o Indiano ousado,
E os feroces Leões co' agarra erguida,
De curto ferro e de destreza armado
Lança por terra o Caçador Numida;
Porém contra as Esfinges, que rasgado
Tem no seio da Europa alta ferida,
Deo o Ceo hum Heroe aos Portuguezes,
Dadiva, que o Ceo dá bem raras vezes.

6.

Europa, envolve o rosto em negro manto,
Tu viste o crime nos altares posto,
E viste o Irmão, da Irmã, banhado em pranto
O peito virginal rasgar com gosto;
Consagrar o punhal no Templo Santo
Para depois ferir voltando o rosto
Os velhos Paes, os filhos innocentes;
Tanto a Superstição pode nas gentes!

7.

Infama agora hum povo de guerreiros,
Vomita essas injurias, que tens prontas,
Porque entornava o sangue dos cordeiros,
Ou porque á branca rez dourava as pontas,
Os barbaros do mundo derradeiros
Não contão mais estragos, que tu contas:
O sangue humano, e não hum Crocodrilo,
Tornou infame o habitador do Nilo.

8.

Se a Lusitania diz em seo abono
Que não teme que a guerra hoje a destrúa:
Se são a Fé, e o amor guardas do Throno,
Grande Marquez, a gloria he toda tua.
Ninguem perturba da innocencia o sono,
Ensina aos povos a verdade nua
O Sacerdote em candidos vestidos,
As mãos, e os olhos para os Ceos erguidos.

9.

O Lavrador co' as uvas enlaçadas
Entóa em teo louvor alegre o hymno,
Responde o cégador co' as mãos doiradas
De seo nobre suor tributo dino,
E só co' a tua vista amedrontadas
Aos gelos Boreaes, ao Ponto Euxino,
Fogem de nós as guerras sanguinosas,
Detestadas das Mães e das Esposas.

10.

No capacete a abelha os favos cria,
Curva-se em fouce a espada reluzente,
O insecto industrioso as roupas fia,
Outras fia a Serrana diligente;
Manda ao Tejo brilhante pedraria
O ultimo Occaso, o ultimo Oriente
Ao Tejo manda perolas redondas,
Arbitro antigo das ceruleas ondas.

11.

Formoso Tejo, que do Patrio assento
Respeitado das Tropas do inimigo,
Vês ondear á discrição do vento
No Elmo as plumas, na Seara o trigo:
Reconhece do Throno o firmamento,
A balança do premio e do castigo,
O Pai da Patria, o Defensor da Igreja;
Vai ao Grande Marquez, e os pés lhe beja.

12.

Depois ao mar, que vio o caso triste,
Que a cinzas reduzio Lisboa inteira,
Pinta a nova Lisboa, e que lhe ouviste
Que não tinha saudades da primeira;
Conta-lhe a doce paz, dize que a viste,
De Carvalho e pacifica Oliveira
Enramadas as torres, e altos muros,
Ir pôr as mãos sobre os altares puros.

Correndo pela primeira vez a fonte do Passeio publico do Rio de Janeiro estabelecido pelo Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, foi recitada a seguinte Poesia pelo seo Autor — O Doutor Bartholomeo Antonio Cordovil.

PROTHEO.

Gemem no Pindo tristes e confusas
Aos pés de Apollo os desgrenhadas Musas,
Chorão de ver a Cabalina pura,
Fonte perenne em misera secura,
Pavorosas consultão sobre o caso
Ao Deos, que inspira os Vates no Parnaso;
Na Tripode sentado lhe responde,
Que altos misterios Jove d'ello esconde.

Mal profere estas vozes, sem demora
Huma desmaia, outra suspira e chóra,
Outra pasma, outra grita, outra se cala,
Mas Phebo as afagando assim lhes fala:
Irmãs honestas, filhas da Memoria,
Huma praia ali tendes, que da gloria
O nome tem no Rio de Janeiro:
Na viva rocha de hum vizinho outeiro
Huma grutta achareis, aonde habita
Poucas horas no dia, quem repita
Da Cabalina a subita mudança;
O Ceruleo Protheo ali descança,
Depois que deixa de Neptuno o armento,
E tem corrido o liquido elemento
Nos bipedes ginetes enredados
De verdes limos, camarões curvados.
Este Propheta, ó Muzas, previdente
O remoto futuro tem presente.
Mas tudo quanto diz he constrangido,
A' brandos rógos nunca deo ouvido.
Eu mesmo, quando o Sol hoje abrazado
Na metade do Ceo vir levantado,
Quando as aves os troncos procurarem
E nas sombras das folhas se ampararem,
Vos mostrarei a grutta, em que se abriga,
Depois que deixa a liquida fadiga.
Aonde quando vires sepultados
Em grave sono os olhos desvelados,
Cuidadosas, deveis sem acordal-o,
Com asperas prisões maneatal-o.
A' tudo o que fizer mostrai-vos duras,
Que costuma tomar varias figuras;
Ora em bruto horroroso muda a fronte,
Ora se troca em arvore, ora em fonte;
Já se eleva qual ave á esfera ardente,
Já se arrastra qual tumida serpente.
Ora de Javali recebe a forma,
Ora em rabido Tigre se transforma,
Já em Dragão medonho se offerece,
Já grosso rio, já Leão parece,
E quantas mais mudanças fizer feias,
Mais lhe apertai as rigidas cadeias.
Assim Phebo fallou, dando a bebida,
Que a Jove o moço dá roubado em Ida;

Descem do Ceo em nuvens enroladas
As castas Musas de jasmins ornadas;
A' grutta chegão quando o Sol ardia
A prumo sobre a terra, ao meio dia.
Eis que Protheo do mar se levantando
A solita caverna vai buscando;
Em torno d'elle salta a escamea gente,
Gotas erguendo ao ar de salsa enchente,
Qual o Pastor, que na montanha attento,
Já quando a noite vem, guia o armento,
E antes que o recolha muitas vezes
Conta á ver se ali estão todas as rezes,
Assim tambem Protheo entre o seo gado
Antes que durma, o deixa numerado.

Tanto que as Musas na caverna o virão
E prezo de Morfeo o presentirão,
Rompendo a nuvem, n'elle se lançarão,
As mãos ligando, por Protheo gritarão.
Da sua arte sagaz então lembrado
Mil prodigios obrou, Leão irado
Rio, Tigre, Serpente, Fonte e bruto,
Nada faltou ao seo juizo astuto,
E vendo em fim que nada lhe valia,
Vencido torna á forma, que devia,
E diz ás Musas com semblante amigo:
Sagradas Deosas, que quereis com migo?
Ellas lhe tornão; teo juizo experto,
Do que nós pertendemos vive certo.
Então Protheo sahindo da floresta,
Rangendo os dentes, enrugando a testa,
Torcendo os olhos, para os Ceos olhando
Com som de voz lhes falla humilde e brando.

Escrito estava em chapa diamantina
Que havia de secar-se a Cabalina,
E ter o novo mundo dias bellos
Quando n'elle regesse hum Vasconcellos;
Que em lugar d'esta fonte outra haveria,
Que aos Vates melhor estro influiria,
Para cantar acções do varão justo,
Que rege as terras do Brasil adusto.
Amphibios Jacarés de agudo dente
Darão, que o Pindo, mais feliz enchente,
Suas aguas darão em poucos annos
Homeros novos, novos Mantuanos,

Que deixando de Achilles os furores
Do Grego Ulysses os fataes horrores,
Do Frigio Capitão a vã piedade
Melhor hão de cantar em toda a idade
A Justiça, a Clemencia, os bons disvellos,
Com que o grande Luiz de Vasconcellos
Seguindo outro caminho em tudo novo
Formosea a Cidade, pule o povo,
Enriquece o Comercio, as Lettras ama,
Adorna as Praças e mil bens derrama:
E porque tudo com prazer vos conte
Quer Jove que habiteis só n'esta fonte,
Onde influir deveis estro mais forte
Qual nunca á nenhum Vate deo a sorte;
Quer que no mundo só se louve e cante
O famoso Luiz, cujo semblante
Estima sem rebuço a sã virtude,
Quer esteja no nobre, ou quer no rude;
Piza do vicio a sordida garganta,
Para longe daqui o vicio espanta;
E por gloria da gente Americana
Póde ser que ella veja ainda ufana,
Que esta prodiga fonte de si deite
Com copia liberal nectar e leite.
Dice, e lançou-se sobre o mar profundo,
Onde deixou em vortice rotundo
Lambentes ondas de alvejante espuma.
Depois que isto lhe ouvirão, de huma em huma
A fonte do Passeio procurarão,
E de n'ella habitar todas jurarão.
Novas coroas, não de mirtho ou louro,
Mas de flores que dão pomos de ouro,
As Musas Laranjiculas colherão,
Aos Brasileiros Vates prometterão
Influencia benigna, e desprezada
Do sacro Pindo a Delphica morada,
Afagão a Luiz sobre o seo collo
A' quem recebem por seo grande Apollo.

EPISTOLA.

Do mesmo Autor, aos Arcades do Rio de Janeiro.

Socios queridos, que voaes ligeiros
Pelas vastas campinas de Minerva,
Até parar nos Delphicos Outeiros;

A voz de Evandro, que não tem reserva
Guardai constantes dentro em vossos peitos,
Pois que amizade á todos vos conserva.

Elle deseja que sejaes perfeitos,
E nos tempos futuros apontados
Por homens sabios, livres de defeitos.

Não jaz dormindo em leitos torneados
A incançavel sciencia, que se alcansa
Com trabalhos continuos e cansados.

Aquelle, que constante mais se cansa,
E a noite toda passa os livros lendo,
Esse tem de saber mais esperança.

Mas he preciso, que só vá colhendo
Aquillo que bom for, o máo deixando,
E bom criterio na lição fazendo.

Andar obras immensas folheando
Nem gósto, nem aprovo, e só me agrada
Estar hum Sabio Autor sempre trilhando.

Eu sei que o nosso espirito se enfada
De calcar sem mudança huma materia
Tres vezes pelos olhos já passada;

Mas he couza disforme e pouco seria
Confundir as idéas, e volante
N'hum instante passar do Nilo á Hesperia.

Se hum Poema quereis compor brilhante
Lede e relede aquelle Autor mais puro,
Que seja ao vosso intento só bastante.

Deixai os mais, que lá para o futuro
Servir-vos poderão, porém agora
Que os leaes nem permitto, nem atúro.

Queixas quereis fazer de huma Pastora?
A Theocrito lede, e tendes Maro,
Em quem do campo a simples graça mora.

Se descreveis as furias de hum avaro,
Que brilhantes idéas aprezenta
O nosso Venusino, amigo charo?

Quem graça busca, quem clareza intenta,
Em Satyras, Epistolas, ou Ode,
Elle de dal-as a ninguem se izenta.

Heroes famosos decantar bem pode
Quem ler os feitos do piedoso Eneas,
E a quem abraça Homero, Homero acode.

Quem traz metido em sangue amor nas veias,
Quem quer chorar seos funebres pezares
Ovidio lhe dará bellas idéas.

Apollo a taes Varões ergueo altares
Com elles esgotou o seo thesouro,
E seos nomes ergueo até aos ares.

Com prospera alegria e fausto agouro
As Musas sobre as testas lhes puzerão
Coroas enlaçadas de hera, e louros.

Aquelles que estes premios pretenderão,
E ver do Pindo o cume dezejarão,
Por imitar taes Vates só fizerão.

Se o bom Camões com outros alcançarão
Eternisar seos nomes entre a gente,
Sobre os seos passos muito trabalharão.

J. Camões

Pureza, locução, frase corrente
N'elles beberão; quem os não imita
Viver depois de morto nunca intente.

Não passe dia algum sem que repita
Cinco vezes ou seis estes Authores
Quem quizer de Poeta ter a dita.

Nem vale ornar o assumpto só de flores:
He preciso substancia, succo, e fructo,
Com que se nutrão sempre os bons leitores.

Se o vosso espectador com olho enxuto
Nunca ver pretendeis na triste scena,
Quando de Ignez pintaes tragico o luto:

Se de Andromacha triste a dura pena
Pela morte de Heitor quereis ao povo
No Theatro mostrar, he couza amena.

Mas este assumpto velho fareis novo,
Lendo a historia primeiro, e bem sabida,
Que a fabula enventeis então aprovo.

E depois d'ella estar bem concebida,
Em vós o inverosimil não domine,
Que a mentira aborrece quando ouvida.

De noite e dia folheai Racine,
Repassai a Voltaire, tão boa escola
O Tragico artefacto vos ensine.

Huma obra má, á todos desconsola,
E sem compor Poemas, hoje quero
Ser pedra de afiar, que o ferro amóla.

A Moliere no comico venero,
Ninguem pinta o ridiculo mais proprio,
E n'esta parte, que o sigaes espero.

Os vicios soube ver com microscopio,
E mostra com fiel galantaria
Como quer o vadio dar hum opio.

Agora, amigos meos, he que eu devia
Dar do Soneto as Leis impertinentes,
Pois quem os faz perfeitos gloria cria.

Elle aflige, e deshonra a muitas gentes
(Mas sendo bom iguala ao bom Poema,)
Inda que tenha versos excellentes.

Quem chegou dos Sonetos ver a extrema
Alfeno foi, e quem seguir seos passos
O agudo dente do mordaz não tema.

Garção, o bom Garção, que sobre os braços
Viveo sempre das Musas recostado
E que de louro lhe poserão laços,

Apenas dous ou tres nos ha deixado,
Que dignos sejão de immortal memoria,
Sem que por isso fique deshonrado.

As Decimas não dão ao Vate gloria;
Labirinthos, Acrostico, Anagramma,
Foi sempre do Parnaso vil escoria,

Em fim, amigos meos, a honrosa fama,
Com a tuba na mão pizando os ares,
Para o Templo do Gosto, só vos chama.

No seo Portico entrai, nos seos altares
Bebei para lição linguagem pura
Para com graça bem vos explicares.

O Congresso dos Sabios não atura
Carunchosa dicção, frazes corruptas,
Palavras expressivas só procura.

Não se analysem frivolas disputas,
Em materias serviz nunca fallemos,
Sejão altos assumptos nossas lutas.

De sermos proveitosos só tratemos,
Sejamos aos bons livros aplicados,
Se nome e honra acaso pretendemos.

Estes sejão em fim vossos cuidados,
E seja sempre toda a vossa gloria,
De ficardes por bons canonizados
No Santo Templo da feliz memoria.

Ao Senhor Luiz de Vasconcellos, Vice-Rei do Rio de Janeiro.

ODE.

Illustre Souza, que de Reis descendes,
Tu, que me honras, tu que me defendes,
Bem conheces no mundo quanto as gentes
A' projectos se inclinão differentes.
Huns gostão de cavar nas aureas Minas;
Com mil escravos montes e campinas,
Sertões ignotos avidos retalhão,
Em busca do metal, por que trabalhão.
Outros forçando em producções o engenho
Com caduca riqueza em fragil lenho,
Vão ver as Ursas ápesar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno.
Gosta o Soldado com a fronte impia
Ouvir roncar a rouca arthilheria,
E oppõe raivoso com horror sanhudo
Ferro a ferro, elmo á elmo, escudo á escudo,
Até romper as inimigas linhas.
O dextro agricultor fabrica as vinhas,
E gozando do campo o doce abrigo
Recolhe em seo celleiro o loiro trigo.
Deixa o nauta sem medo a pobre aldeia,
Dos ventos pluviaes não se receia,
E depois de sofrer larga tormenta
Novas viagens com prazer intenta.
Antes quer supportar a tempestade
Do que a triste infeliz necessidade.
Da moça Esposa o caçador se esquece,
Empinadas montanhas sóbe e desce.
Acode com trabalhos excessivos
Passa em caçar os servos fugitivos.

Eu porém só me julgo venturoso
Quando formo de louro misterioso
Enramadas capéllas para a frente.
He minha inclinação, Senhor, sómente
Entoar o teo nome illustre e amado;
A frescura do Pindo venerado,
As leves danças das gentis Napéas,
Dos Semi-capros Faunos as coréas
Do povo me separão. Nem duvida
Aos meos versos Caliope dar vida,
Se do Templo onde estás da honrosa fama
Tu me chamares, e de verde rama
Cingires com piedade a pobre testa
De quem só te cantar jura e protesta.

SONHO.

Pelo mesmo Author.

Sobre os braços do somno recostado
Que objectos me não mostra a phantasia?
Pelos vastos espaços do Universo
Dilato a vista á hum lado, e a outro lado,
Quando da parte Austral vejo hum gigante
Que hum pé tinha na terra, outro nos mares,
Hia a cabeça a se esconder nos ares.

Verdes cabellos de robustos troncos
A frente circulavão bronzeada;
Do collo lhe pendião por ornato
Amphibios Jacarés e Acarapepes;
Cada pulso prendia huma manilha,
Onde o Topazio e os diamantes brilha;

Era rispida a barba, hirsuta, e negra,
Povoada de esqualidas serpentes,
Que em torno do pescoço se enroscavão;
Por cajado na mão tinha hum coqueiro,
Cuja ponta nas nuvens se occultava,
E a base no abismo se interrava.

V. no "Florilégio" de Varnhagen.

Longa aljava nos hombros lhe carréga
De settas emplumadas guarnecida,
Sustenta a esquerda mão por arco hum tronco
De pezado madeiro extenso e branco;
O peito lhe apertava huma Esmeralda
Com certas Letras de Rubim gravadas,
Que nao pude entender o que dizião,
Por mais que os meos sentidos aplicasse;
Eu lhe pergunto, e elle a voz erguendo
D'este modo falleu com som horrendo.

„ Eu sou o Maranhão soberbo Rio
„ Que nas minhas entranhas tenho e crio
„ Immensa copia de metal luzente;
„ Altivo pizo com terror da gente
„ Brilhante pedraria, e mais riquezas
„ Até hoje aos Indigenas defesas;
„ A' pezar do furor, á que me inclino,
„ Devo ceder á força do Destino.
„ Chega o tempo por elle decretado,
„ Em que manda que eu seja navegado;
„ Tristão, o bom Tristão, que hoje governa,
„ Com fama e gloria, que ha de ser eterna,
„ E cujo nome he este, que não lias
„ Traz aos meos Nacionaes ditosos dias.
„ Elle o primeiro foi, que providente
„ Fez explorar do meo poder a enchente;
„ Elle tenta primeiro os meos desertos,
„ E poz os meos sertões de todo abertos.
„ Ao novo navegante e viageiro
„ Não ha de assombrar mais o canoeiro;
„ Elle desiste da cruenta guerra,
„ Com que assusta nas aguas e na terra;
„ E deixando as Pirogas, e as covas,
„ Tristão sobre a cerviz lhe põe leis novas;
„ Eu quero obedecer aos seos accenos.
„ Vós geraes moradores dos terrenos,
„ Que com meos braços sem terror retalho,
„ Vinde abraçar o provido trabalho,
„ Que Tristão vos offerta, e em breves annos
„ Subjugados tereis os vossos damnos.
„ Do meo descobrimento expoem a historia,
„ A'quem de descobrir quizera a gloria

„ Seos designios declara, e patentea
„ [1] A Francisco, a importancia d'esta idéa.
„ Tristão conhece a força e vê a essencia
„ De huma nova e geral correspondencia;
„ Mas antes que o Comercio estabeleça,
„ Como pratico e sabio quer que cresça
„ Huma firme e legal civilidade,
„ Sem a qual não persiste a Sociedade.
„ Só quando este principio se connece,
„ Se faz indispensavel o interesse.
„ Communicão-se os Povos mutuamente
„ Pela troca, que fazem differente;
„ As maximas, e as Leis introduzidas
„ Vão pouco a pouco nas Nações vencidas
„ A operação firmando sem excesso,
„ Que facil torna todo o seo progresso.
„ Se povos, que não pensão, nem discorrem
„ Com firme actividade, inda não correm
„ A' buscar as riquezas, que lhe offerto
„ No thesouro, que tem Tristão aberto,
„ Tempo virá que busquem infelizes
„ As ricas producções dos meos paizes,
„ E que fiquem depois involuntarios
„ Da opressão e miseria tributarios.
„ Systema regular e reflectido
„ Da boca de Tristão eu tenho ouvido
„ E p'ra vosso constante beneficio
„ Sobre solida base ergue o edificio
„ De huma futura e doce Sociedade
„ A industria, a paciencia, a sobriedade
„ A mutua confiança perduravel,
„ São de huma precisão indispensavel
„ A' nascente Colonia, que se fórma:
„ Tristão regra vos dá, preceito, e norma,
„ E sem que mais palavras eu repita,
„ Nos suaves costumes, que exercita,
„ Melhor firmeza e ordem achareis
„ Do que na força e no vigor das Leis. „

Assim o monstro fala meneando
A virente cabeça, e suspirando
O beiço então mordeo, a cara volta,
E de novo esta voz aos ares solta:

---

[1] D. Francisco de Souza Coutinho.

„ Finalmente Tristão quebrou o Imperio
„ Que tinha o meo poder n'este Emisferio.
„ De ardentes febres huma audaz cohorte,
„ Que atacando era certa e pronta a morte,
„ Para o Averno intrepido desterra:
„ Com fogos novos purifica a terra,
„ Alimpa-se a athmosphera, e as malinas
„ Para longe se vão d'estas campinas.
„ Benignos ares são substituidos
„ E alimentos saudaveis produzidos,
„ Em vez das hervas más e venenosas:
„ Sibilantes serpentes perigosas
„ Vão a furia cevar n'outros lugares
„ Distantes de meo leito, e dos meos ares.
„ E terão os meos novos navegantes
„ Outra saude que não tinhão dantes.
„ Sinto o que posso „... Basta, lhe repito,
Não quero escutar mais as tuas vozes:
Antepões a crueza á humanidade?
„ Perdoa, me responde, crueldade
„ Não chames ao que he pura natureza,
„ Tu louvas de Tristão d'alma a grandeza,
„ Eu sigo a inclinação, que o Ceo me inspira,
„ Sem que o louvor denigra com a ira.
„ Do teo Heroe conheço a illustre alma,
„ Digno pelo que faz de louro e palma:
„ Elle, só elle rompe-me as entranhas,
„ Quer-me abater as lateraes montanhas,
„ Intenta-me arrancar todo o thesouro;
„ Como posso occultar a pedra e o oiro,
„ Se cede o meo poder á sua força?
„ Quem ha que o seo mandato evite ou torça?
„ Quer que os meos hombros com valor suportem
„ O pezo, que me impoem, e que o transportem
„ Aos dezejados fins do seo destino:
„ Quer que me sulque o nauta peregrino
„ E que tome por fim até ao mar
„ A volta e direcção que me quer dar.

Em quanto assim commigo conversava,
Voltei a face, e vi que branquejava
Hum soberbo edificio, a quem adornão
Marmoreos balaustres encrustados
De laminas brilhantes d'oiro e prata;
Pela elevada porta immenso povo

Alegre ora sahia, ora tornava,
E mutuamente os parabens se dava.

Ao Gigante pergunto o que contemplo,
„ Quando elle me responde: he este o Templo
„ Da immortal gratidão; esse congresso,
„ Que vês sahir, e entrar com tanto excesso,
„ E que ser povo immenso tu suppunhas,
„ São os Heroes, que as azuladas cunhas
„ Ao teo illustre Protector deixarão,
„ E que tanto com elle melhoratão;
„ Mutuamente se estão congratulando,
„ E huns aos outros os parabens se dando,
„ Por ver que em beneficio dos humanos
„ Enche Tristão o giro dos seos annos
„ E que a mão poderosa da alegria
„ Inda trouxe a Goyaz tão bello dia.
Ouvi á este tempo hum grande viva,
Que nos concavos ares retumbava:
Acórdo, deixo o Templo, e n'hum instante
Vejo em agoa tornado o meo Gigante;
Porém para louvar a Tristão forte
Tomara sonhar sempre d'esta sorte.

ODE ANACREONTICA.

Composta em Hespanhol por Melendes, e traduzida por José Eloi Otoni.

O' inquieta pombinha,
Tu moves as brancas pennas,
Voando do hombro de Felix
Ao regaço de assucenas.

Se a immensa dita, que gôsas,
Eu tambem felis gosára,
Nem fôra tão inquieto
Nem de lugar eu mudára.

Porém do regaço ao seio
Hum vôo sómente eu dera;
Ali descanço encontrára;
Ali meo ninho fizera.

DYTHIRAMBO.

Composto por Bartholomeo Antonio Cordovil.

Nimphas Goyanas,
Nimphas formosas,
De cor de rosas
A face ornai.
Vossos cabellos
Com muitas flores
De varias cores
Hoje enastrai.
Sim, Nimphas, aplaudi tão grande dia:
E tu, doce Lyéo, Pai da alegria
Vem me influir,
Que os annos de Tristão quero aplaudir.
O' lá, traze do Pheno
O suave licor grato e sereno:
Traze os doirados cópos cristalinos,
Venhao Falernos
Venhão Sabinos
Deita, deita, enche o copo; gró, gró, gró;
Não entornes, espera, que este só
Não he que havemos
Hoje beber;
Mais vinhos temos
Sem confeição
Para brindar
Ao bom Tristão.
Hoje á sua saude
Pretendo de beber mais de hum almude,

Evoé
O' Padre Lenêo
Sabeé
Evan Bassarêo.

L. 8. "Florilegio" de Varnhagen.

Nectar suave, ó quanto me consolas?
De mim se ausentem
Rixas, temores,
Maguas, tristezas,
Penas, e dores.
Venha outro cópo de Bacho espumante
Que ferva no peito
E a mente levante
Nos Lusos Fastos não se leia agora
Dos seos Maiores a brilhante historia:
Com alheias acções não condecóra
A sua alta memoria
O bom Tristão delicias dos humanos.
O curso dos seos annos
Cheios não são d'este furor guerreiro,
Que nos campos de Marte desbarata,
Rende, saqueia, obriga, assola, e mata:
Mas esperem, que escuto!
Vejo os troncos bolir! Ah sim, bem vejo
Os Satyros brincões, Faunos auritos,
Que cheios de dezejo
Soltando aos ares vem ruidosos gritos
Os Capripedes Deoses que dirião?
Se não me engano, em sua companhia
Vem Bistanidas Thacias ululando,
Agitadas da rubida ambrosia,
Em choreas sincinnas volteando
Estas doces cantigas modulando:
Goyanos louvemos
Tristão immortal,
Bebamos, dansemos,
Ausente-se o mal.
E os doces licores
Do bom Nictelêo
Em taças se entornem
De claro cristal.

Evoé
O' Padre Lenéo
Saboé
Evan Bassarêo.

Pois já que Tristão
De paz nos encheo,
Gostosos bebamos
O sumo de Orêo.

(,) Traze, traze depressa o Peramanca;
Empine-se a botelha toda inteira.
Mas que chamma ligeira
Ao modo de huma tropa
Pelas tumidas veias me galopa?
Hes tu, Bromio gostoso. Eu bem te entendo.
Bebamos mais aquelle, que das Ilhas
Me mandarão de mimo
Do Profundo Occeano as verdes filhas.
No Licor forte o coração me nada,
Bacho, Bacho, evoé;
O que terei nos pés? Eu cambaleio?
Cahindo estou de somno:
Depois que esvasiei quatro botelhas
Rubidas tenho e quentes as orelhas,
O nariz frio, os braços estendidos,
Parece-me que gyra a casa toda.
Já não posso suster-me; nos ouvidos
Sinto hum leve susurro:
O corpo tremilhica, o chão me falta,
E julgo que esta casa está mais alta.
Como o teo elixir
Tão depressa, ó Lenêo, me faz dormir?
Agora que eu queria
Cantar do Bom Tristão
O seo candido genio,
O terno coração,
A presaga prudencia,
A profunda modestia,
A serena clemencia,
A justa temperança,
Agora he que me fazes tal mudança?

Evoé
O' Padre Lenêo
Saboé
Evan Bassarêo

Venha hum copo, dous copos, tres copos,
Retinem nos ares
Mil brindes contentes,
E os povos ardentes
De summa alegria,
Nas aras do gosto
Com fervido môsto

Entoem gostosos
Sem mais dilação
Os annos ditosos,
Do terno Tristão.

Evoé
O' Padre Lenéo
Saboé
Evan Bassarêo.

Sim, do grande Tristão tantas virtudes
O povo todo louve,
O Neiva lhe dará muitos almudes
Deste espirito rubro,
Que colhe no moinho,
Que os pezares desvia,
Que o somno concilia,
Que alegra a mocidade
Que faz vermelha a envelhecida idade.

Evoé
O' Padre Lenéo
Saboé
Evan Bassarêo.

ODE.

A' Affonço de Albuquerque, por Domingos Vidal de Barboza.

Onde, Musa, me levas inflammado,
Onde me guia teo furor Divino!
Em transportes de gosto arrebatado
A curva Lyra affino.
D' Africa vejo os asperos lugares
Vejo rasgados nunca vistos mares

Ondeando as Reaes altas Bandeiras
Vê o assustado Ganges; treme a terra
Ao rouco som das tubas pregoeiras
Da turbulenta guerra.
Eis que medroso ouvindo o Oriente,
Treme de susto o Samorim potente.

Em denso fumo envolto, ardendo em ira
Vomita o bronze a sibilante bala,
O triste horror por toda a parte gyra;
Altos muros escála
O invicto Affonso, e os Nairos belicosos
Do largo ferro fogem temerosos.

Partida a longa barba retorcida
Sobre o espaçoso peito cabeludo
Lhe ondêa com a vista enfurecida.
Erguendo o largo escudo,
No punho aperta a rutilante espada
Asia já mostra a face ensanguentada.

Entre os espessos barbaros alfanjes
Vejo arrancar os loiros vencedores;
Fogem cortadas, timidas falanges
Dentre mortaes clamores.
Do guerreiro Albuquerque o nome e a gloria
Vejo subir ao Templo da Memoria.

Volta a grande Orfação o rosto iralo,
A guerreira Cidade vejo afflicta
Cahir sobre o seo sangue derramado,
Domada a furia invicta,
Aos pés do vencedor obediente
O colo offerece á aspera corrente.

Mostra a terra nas costas fumegantes
Boiando em sangue corpos azulados,
Pernas e braços inda palpitantes
E os mares descorados.
Guerra, guerra já oiço em toda a parte
Brandindo irado o Lusitano Marte.

A tragadora chamma crepitante
Sobre as azas do fumo suspendida
Sobe á lamber os ares vacillante;
Mascate enfraquecida
Sentindo de Vulcano o duro effeito,
Volve no immundo pó o afflicto peito.

Já triste sobre as cinzas assentada
No meio dos temores e agonias,
Co' a fria mão na face ensangentada;
Chora os passados dias,
Ouvindo entre o rancor o medo e o susto
Do guerreiro Albuquerque o nome augusto.

O Rio Ganges forte e celebrado,
Detem hum pouco a tumida corrente,
Eu o vejo entre susto descorado
Chegar obediente
Com vacillantes passos duvidoso
A vencedora mão beijar medroso.

A decantada Ormuz sempre guerreira
Gôa, Pangim, Malaca bellicosa,
Turbadas cedem pela vez primeira
A' espada furiosa;
E sobre seos estragos e ruinas
Tremular vejo as vencedoras Quinas.

O' guerreiro Albuquerque, a vossa historia
Por mais que corta a tragadora idade,
D' Africa horror, de Lusitania gloria,
Vive na eternidade,
E o vosso nome no sagrado Templo
Aos futuros Heroes sirva de exemplo.

Deo sinal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso;
Ouvio-o o monte Artabro e o Guadianna
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio o Doiro e a terra Trastagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso,
E as Maes, que o som terrivel escutarão,
Aos peitos os filhinhos apertarão.

Cam. Lus. C. 4.

GLOZA.

Por José Eloi Otoni, aplicada aos felices succcessos da Peninsula no anno de 1808.

1.

Dos Sceptros, que arrancou, rivaes de Roma
A infame, a prostituta, ergueo-se altares,
O Dragão do Oriente ao rito assoma,
De veneno e de horror salpica os ares.
O colósso se ergueo, mortal simptoma
Unio virtude ao continente, e aos mares,
E ao rebombo da gloria Lusitana
Deo sinal a trombeta Castelhana.

2.

Se guerreira, ou cruel, a Hespanha hum dia
Deo leis ao mundo inteiro, a Hespanha agora
Pune o roubo, a traição, a aleivozia,
Rebate ao monstro a furia usurpadora:
Das cavernas e tumulos se erguia,
Clarão nocturno, que brilhava outr'hora!
No Pantheon se ouvio écco ruidoso,
Horrendo, féro, ingente, e temeroso.

3.

De Provincia em Provincia o raio acceso
Vinga o damno, a perfidia, o dolo, o estrago,
Da Hespanha o odio, que transcende illeso
Te avisa, Infame, a sorte de Carthago;
Não manxa a gloria de hum solar defeso
Perjurio antigo na aparencia afago:
Retumba o Ebro,.. e a voz da Iberia ufana
Ouvio o monte Artabro e Guadiana.

4.

O Algarve sacudindo o arnez e a malha
Que a mão da morte enxovalhados tinha,
Enruga a testa, os esquadrões retalha,
Entoa o nome da immortal Rainha.
Rebomba ao Norte a guerra! hum Genio atalha
O golpe, que o furor desembainha,
Neptuno vendo em furia o Tejo iroso,
Atraz tornou as ondas de medroso.

5.

Lisia a fronte gentil ergueo vaidosa,
O Pae, os filhos de prazer chorando
Virão como em fugida vergonhosa
As Aguias sobre o Tejo esvoçando;
Sem honra escapa a gente bellicosa,
Os meninos e os velhos esmagando;
A carnagem feroz e deshumana
Ouvio o Douro e a terra Trastagana.

6.

Ne ardor de illustre e fervido combate
Marulha o Tejo, o Mançanares brame,
Remonta o vôo, que sem pejo abate,
D' ingenuas aguias o brioso enxame:
Libitina cruel, raivosa Hecate
Os loiros murchão da victoria infame:
A instavel urna contemplando ancioso,
Correo ao mar o Tejo duvidoso.

7.

Anjo terrivel desfechando a espada,
De novo ensópa em amargura o Douro;
Descobre a mão depois de ensanguentada,
Do riso inerme o placido thesouro.
Recuma de prazer do Rio a entrada,
A fronte cingem de Oliveira e Louro
Os Paes, que em pranto os filhos abraçarão,
E as Mães, que o som terrivel escutarão.

8.

O raio d'Albion nas grutas sôa;
Retumba o ferro nas Lipareas Ilhas,
O cujo Bronte arregaçado atrôa,
Batendo notas da cadencia filhas.
Predice o fado a gloria de Lisboa:
E os Heroes de tão altas maravilhas,
Depois que em nobre ardor as Mães beijarão,
Aos peitos os filhinhos apertarão.

ODE.

Do Autor Anonimo.

Move incessante as azas incansaveis
O tempo fugitivo,
Atraz não volta, e aquelle que aos amaveis
Prazeres se não dá, sem lenitivos
Depois amargamente
Chora o bem, que perdeo, e o mal que sente.
Voa de flor em flor na Primavera
A abelha cuidadosa;
Fabrica o doce mel, a branda cera,
Da suave estação os mimos gosa,
Antes que o seco Estio
Abraze o verde campo, e sorva o rio.
Dos feixados garneis das loiras eiras
As providas formigas
Vão levando em solcitas fileiras
O loiro trigo, e formão com fadigas
Subterraneo celeiro,
Antes que as prive o frigido Janeiro.
Em tudo nos descobre a Natureza,
O' Marilia formosa,
Que he preciso do tempo a ligeireza
Fazel-a ao nosso gosto proveitosa,
Para o prazer nascemos,
Em prazeres o tempo aproveitemos.
A' fera, inda a mais fera, entre os rochedos
Da fragosa montanha,
E ás aves nos copados arvoredos
A paixão não lhe he de amor estranha:
Em doce companhia
Passão o tempo sem perder hum dia.
As ternas pombas, em que amor pintando
Está perfeitamente,
Ora beijando-se estão, ora catando-se,
Ora entregues ao seo dezejo ardente
Fazem ... mas quem ignora?
O que Amor fazer manda quem se adora.

Vê que nos ternos brincos d'estas aves
Te deo, Marilia bella,
De amoroso prazer lições suaves
A branda Humanidade: Amor he aquella
Paixão, que ella mais preza.
Quem não ama desmente a Natureza.
Tu sabes, ó Marilia, que eu te amo,
Que vives no meo peito,
Que he teo nome o nome por quem chamo,
Tu só por quem á Amor vivo sujeito;
Vem unir-te com migo,
Faremos ao Amor hum doce abrigo.
Vem, que elle aqui te espera, aqui o temos,
Aqui entre os meos braços:
Olha que o tempo foge, e não podemos
O seo curso deter; vem, move os passos,
E aqui em prazer grato
Das pombinhas seremos o retrato.

SONETO.

NAS loiras tranças da gentil Tircéa
Os amores por gosto se prenderão
E em seos formosos olhos se esconderão
As trez Graças e a mesma Citheréa.

O terno pejo as faces lhe rodêa,
E as cores, com que as pinta, se escolherão
No seio da ternura, já cederão
Vulcano e Marte á chama que ella atêa.

Dos rubros labios pende a formosura,
E estendendo o seo braço delicado,
O collo lhe formou de neve pura.

Este lindo semblante, o Deos vendado
Beja mil vezes, e com elle jura
Ter dos Ceos e da terra triumphado.

Caldas.

O CARNAVAL.

Por João Pereira da Silva.

JA sobre as azas do voluvel Tempo
O gordo Carnaval se apressa, e corre:
A roliça cerviz, o enorme ventre,
Macissas carnes, torneadas roscas
Fazem que o velho encanecido gema:
A seo lado a Folia desgrenhada,
C'hum tenue véo cobrindo as partes, onde
Amor as chammas do Dezejo accende,
Co' os Prazeres se abraça ternamente:
Andão em torno os Risos voltejando,
Ora a boca, ora as faces lhe beijando.
Ali já se prepara o fresco Entrudo:
Derrete os favos do sagaz insecto,
E breves globos cheios d'agoa fórma,
Para orvalhar a Deosa dos Amores.
Noutro lugar os Satyros applica
A triturar o talco reluzente,
E a loura espiga da formosa Ceres.
Pequenas bombas manuaes fabricão
Da ferrea folha, que enriquece a Flandres,
E ás ôcas canas calculando ajustão
De umida argilla as pegasojas ballas:
Os Enganos se próvem destramente
De obscenas pulhas, de irritantes peças,
Manchando as roupas da fiel verdade,
Com que vão revestidos, mascarados
Encher de cuojo os Simples descuidados.
A devorante Gula se arregaça,
E em brando silex amolando a fauce,
A douzella novilha, o gordo pato,
O Cordeiro de mama, o porco immundo,
Sobre os lares degola, consagrando
A bruta offrenda á intemperança bruta;

O moço Deos, de duas mães nascido,
Da terrestre ambrosia as pipas abre:
Concavos tarros os pastores enchem,
E os refulgentes copos levantando,
Se vão em gratas libações saudando.
Eu penso ver os Baccanaes antigos
Nos seculos Christãos resuscitados:
Furiosas Baccantes transportadas
Se croavão de pampanos viçosos,
Soltas as tranças, os vestidos soltos,
Altas as mãos, os thyrsos meneando,
— Evoé, evoé — Os ares dizem,
Trazendo os éccos de ululantes gritos;
Outras a branca espadua *guarnecendo*
Com toscas pelles de manchados Tigres,
Entre sonoros Cymbalos saltando,
Com torpes momos, com lascivos gestos,
Imitando as Selvaticas Napéas
C' os pés ordenão desiguaes coréas.
Rugosa mão de tremula Canidia,
O melifluo bollo repartindo,
Com mil desconcertados movimentos,
Os bocados offrece a cada instante
Ao nescio, estupefacto circunstante.
Bem depressa a luxuria consagrada
Degenerou em sordida lascivia.
Este mestro, quebrando o doce freio,
Com que o doma a pudica Natureza,
Os torpes membros sem pudor descobre
Ao incendio voraz, voluptuoso,
Que o almo licor nos corações ateia,
Sem que aos olhos do Ceo, e gente os cubra
Outro manto, que o véo da clara noite.
Assim o pai dos tres irmãos contrarios
Cheio do mesmo sumo, que espremera
Acaso hum dia dos maduros cachos,
Jazia á luz do mundo descomposto;
E em quanto a impudicicia o riso sólta;
A modestia co' a mão os olhos tapa,
E tinta em rubra cor lhe lança a capa.
Assim do mesmo sumo embriagado,
Teve outro pai as filhas por espozas;
Cujos filhos, da mãi irmãos, sobrinhos
Forão, sendo do pai filhos, e netos.
Quem póde crer tão barbaros projectos!

Mas em vão, (1) ó Posthumio, e tu Philippo,
Pezando na balança da Justiça
Estes costumes vis, os ameaças
C'o a dura espada de terriveis penas.
As vossas Leis, e o vosso mesmo imperio
Cahio. Qual rocha sobre o mar pendente,
Que, pela mão do Tempo compellida,
As ondas fere, erguendo as espadanas;
Mas sempre ficão sobre o mar boiantes
Os verdes troncos, que plantados nella
Desracinados são no precipicio:
Assim vossas virtudes, vossas forças
Perderão seos direitos, seos officios,
E só nos restão vossos mesmos vicios.
Eu vejo ainda nas funcções sagradas
Ter a Dissolução ampla licença
Para nutrir no seo nefando seio
Os torpes filhos, que pario do luxo:
Vejo dos proprios templos amparar-se,
Para exercer seos sordidos costumes,
E ante (2) os mesmos altares, ante os pios,
Puros retratos do Autor da vida,
Formar concertos de immodestas danças.
Ao som de impuras cytharas chulantes.
Que mais podem fazer ébrias Baccantes?
Vejo na Caballina das Sciencias,
Cujas sonoras agoas transbordando
Do mundo os quatro membros fertilisão,
Voltar Minerva envergonhada o rosto,
Vendo a muitos dos seos espurios filhos
Nus, c'o as bellas Mondegides despidas,
Só c'hum breve sendal salvando o pejo,
E em ordenada Procissão devota, (3)
Que vai guiando a horrenda Hypocrisia,
E o cercilhado Fanatismo estulto,
A luxuria levar ao Santuario:
Por menor crime delle expulsas forão
De hum Divinal flagello a golpes rijos,

---

(1) Dous Consules Romanos, que prohibirão os Baccanaes com grandes penas.

(2) Os bailes de S. Gonçalo em S. Domingos em Lisboa.

(3) A Procissão dos Nus em Coimbra.

v. Mondégides (o termo que empregaria Mª. de Filhe Jaio).

N'outro tempo a cubiça, e avareza,
Ali tendo em symetricas fileiras
Postado as tendas de usurarias feiras.
Vejo, em fim, que no tempo destinado (4)
Para alimpar a estrada á Penitencia,
A mascara de todo os vicios tirão,
E sem disfarce pelas ruas andão
Acometendo á misera Pobresa,
Que, debaixo de hum manto esfarrapado,
Talvez mendiga o pão, que a Gulla entorna
Pelas bordadas, guarnecidas mezas
Da fina louça, que o Japão fabrica.
Mas que aproveita estar vociferando
De antigos erros aos ouvidos surdos?
Nós vemos hoje o que já outros virão;
E não poderão da razão armados
Do louro trigo separar a ervinha,
E os rudes cardos das mimosas flores.
Qual vil sendeiro, que na estrada embica,
Nem da aguda rozeta em sangue tinta,
Nem alanhando-o c'o azurrague forte
Calosa mão de barbaro Lacaio,
Adianta hum só passo do caminho:
Ou qual tortuoso rio encabeçado
Não perde o leito, em que se acama hum tempo,
Por mais que o lavrador por novas vallas
Divertil-o pertenda, e encaminhal-o,
Por onde não destrua as sementeiras:
Taes são dos homens os teimosos usos,
Que o Sabio observa como vãos abusos,
E delles arrancar debalde intenta.
Deixemos pois a sèpa; que já torta
Brotou do fertil chão da Natureza:
Querer torcel-a para indireital-a,
Será só de a quebrar talvez o meio:
Consiste o seo direito na tortura.
Tal he do mundo a nescia formozura!

(4) O Jubileo das 40 horas.

SONETO.

Ao Casamento do Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, em Minas Geraes.

PEITOS, que amor da Patria predomina,
Vede o Consorcio, que a virtude traça;
Não he de Chipre na festosa praça,
Que o nobre Andrada á Isabel se inclina.

Abençôa do alto a mão Divina
O nó sagrado, que apertou a Graça;
E a mesma innocencia, que os enlaça,
Feliz prosteridade lhes destina.

Risonhos amorinhos de Cythera,
Fugi deste logar aos Ceos acceito,
Que aqui nem Venus, nem Cupido impera.

Genios Celestiaes, cercai-lhe o leito:
Do puro fogo da sublime Esphera,
Desção as chammas á inflammar-lhe o peito.

~~Por J. B. da Gama.~~

SONETO.

Ao Inca, que no Peru, armando algumas Tribus, declarou guerra aos Hespanhoes, e por algum tempo os debellou.

Dos curvos arcos açoitando os ares
Vôa a setta veloz do Indio adusto;
O horror, a confusão, o espanto, o susto,
Passão da terra, e vão gelar os mares.

Ferindo a vista os tremulos cocares,
Animoso esquadrão de Chefe Augusto,
Rompe as cadêas do Hespanhol injusto
E tórna á vindicar os patrios lares.

Inca valente, generoso Indiano!
Ao Real sangue, que te alenta as vêas,
Une a memoria do paterno damno.

Honra as cinzas de dor, de injurias cheias,
Qu' inda fumando a morte, o roubo, o engano
Clamão vingança as tepidas arêas.

Por J. B. da Gama.

N. 18402.

PARNAZO BRASILEIRO,

OU

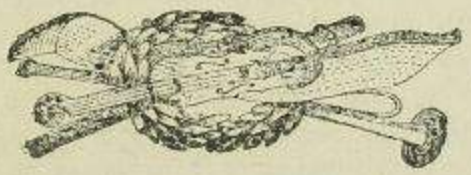
COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

CADERNO 2.°



RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.
1830.

A DECLAMAÇÃO TRAGICA

POEMA

DEDICADO

A'S BELLAS ARTES.

.....Theatris
Fundamenta locat, scenis decora alta futuris.
Virg. Æneid.

Composto por José Bazilio da Gama.
Anno de 1772.

TU, qu' os costumes nossos melhor que ninguem pintas,
Ensina-me o segredo, com que dás alma ás tintas.
Empresta-me as imagens, a quem dão vida as cores,
Quadros, que a tua mão quiz semear de flores.
Tu nos deixaste as leis dos numeros diversos,
Despreaux, eu canto a Arte de recitar os versos.
A Dama, qu' em teos muros, magnifica Lisboa,
Espera ornar a frente co' a tragica coroa,
Se quer qu' em seos louvores o povo se disvéle
Estude o que he Theatro, antes de dar-se á elle.
Aprenda a magoar os insensiveis peitos,
E saiba da sua arte as regras e os preceitos.
Deve pensar, sentir, ou a balança justa
Do povo ha d'ensinar-lho hum dia á sua custa.
A Corte lhe promette conquistas de mil almas,
E para a nobre testa pronta lhe off'rece as palmas.
Do publico o bom gosto segura-lhe a victoria,
E abre-lhe hum caminho mais facil para a gloria.
Lê nos turbados olhos do seo triumpho effeitos
Tem no Theatro hum Throno, reina nos nossos peitos.

Vós, que buscaes a gloria, não procureis atalhos,
O placido descanço he filho de trabalhos;
Pizai o ocio vil, que flores tem por leito,
Exercitai a voz, e cultivai o peito.
Lede no coração, sondai a natureza,
Sabei as doces frases da Lingua Portugueza.
Luzir não póde a Dama, que a sua Lingua ignora,
A' pezar dos thesoiros, que espalha quem a adóra.
O povo assim que a vê começa a assobiar:
Para fallar em verso, convem saber fallar.

Julgai á sangue frio, e examinai por gosto
Que paixões, que caracter exprime o vosso rosto.
N'elle hão de respirar as iras, o furor,
E por seo turno a raiva, o odio, a ambição, o amor.
Talvez á enternecer-nos vosso dezejo aspira?
Fazei com esses olhos, qu' eu na feliz *Zaira*
Veja a cruel batalha de hum peito generoso,
Que perde as esperanças de vir a ser ditoso:
Quando banhando as mãos do Pae, á quem adóra
Prefere ao seo amante hum Deos, que aind' ignora.

Nos papeis furiosos quereis levar a palma?
Pinte o terror dos olhos toda a desordem d'alma:
Seja funesta a voz, horrendo e incerto o passo:
De vosso rosto o povo leia no breve espaço
Projectos horrorosos, que fórma hu' alma impia;
E apenas vós sabis, em vós veja *Atalia*
Que sobre si já sente a mão, que chóve os raios
Cercada de remórsos entre crueis desmaios.
Uni, se he que quereis arrebatar-nos fogo,
A' hum medonho aspecto, hum coração de fogo.
O publico, embebido co' a tragica grandeza,
Olha p'ra o vosso estado, não olha p'ra belleza.

Estatuas, sobre tudo, Melpomene aborrece,
Em cujos frios rostos paixão não apparece.
Cheias d'affectação seos insensiveis peitos
Com arte dão suspiros, chorando fazem geitos.
A Dama presumida, estuda o dia inteiro
Hum brando mover d' olhos ao vidro lizongeiro.
Vai hum por hum dispondo, por symetria, os passos,
E aplaude ao movimento dos vagarosos braços.
Do vidro, que t' engana, não sigas o conselho,
Busca, que dentro d' alma, tens o melhor espelho.
Defronte dos cristaes, que adulão a vaidade,
Não, a razão não julga: quem julga he a vontade:

Porque feições alhêas, por obra do arteficio,
Vos formão da belleza o magico edificio;
Co' a roupa fluctuante azul, e cor de rosa,
Cuidaes que fingis Venus, ou Pallas magestosa?
Não vedes que a soberba vos allucina e céga?
Voss' alma por ventura toda jamais se entrega?
Os vossos olhos mortos nunca dicerão nada?
Moveis-me ao pranto ainda de lagrimas banhada?
Mas vós continuaes com hum doce sorrizo!
Assim assim na fonte se contemplou *Narciso*.
Dentro do vosso peito he que podeis achar
A arte d' internecer, e o modo de agradar.

Depois de hum longo estudo de hum dia e de outro dia,
Sahi, o vosso genio vos servirá de guia.
Já o casquilho louco, que he de si mesmo amante,
Chega, desaparece, torna no mesmo instante;
Inficionando o ar co' almiscar, qu' em si deita,
O serio Magistrado s' inteza e s' indireita.
O grosso negociante, que o ler tem por desdoiro,
Todos os desejos comprando á pezo d' oiro.
Pende de vossa boca no curvo amphiteatro:
Fica a platea attenta co' os olhos no theatro,
Por vós he que s' espera: está tudo em segredo;
Olhai p'ra a multidão sem enfiar de medo.

Mas nunca os vossos olhos doces e encantadores
Pareção que mendigão do publico os louvores.
Desdenha esse arteficio o publico arrogante,
Zomba da namorada, honra a representante.
Entrando, o vosso andar simples e magestoso,
Offreça aos nossos olhos hum ar imperioso.
Conforme á agitação seja tambem diverso:
Rapido ou vagaroso, como o pedir o verso.

Que sem affectação na encantadora sala,
Imitem as acções tudo o que a lingua falla.
Cuidai em reprimir-lhe o excesso tão sómente,
Que sirvão as paixões de interprete eloquente.
Não posso ver as mãos, que do seo sitio sahem,
Erguem-se por engonços, e por engonços cahem,
Por isso as Scenas mudas querem estudo á parte
.....
Então he que o talento chêga á maior altura,
A gloria das acções he toda da figura.
As vossas narrações mostrem o interno fogo,
O publico impaciente quer tudo saber logo.

Perca-se embora o verso, mas vagaroso e lento
Da timida Platea não cause o soffrimento.
Quem quer que hum doce engano cause o maior deleite,
Ao severo — Costume — convem que se sujeite.
Rio-me da figura, qu' indigna do seo posto,
Sacóde o jugo, e traja, como lhe pede o gosto,
E que he tão atrevida, que por empreza toma
Varrer com hum — donaire — o pó d'antiga Roma.

Fóra do seo lugar não affecteis riqueza:
Olhai para o papel, segui a natureza.
Representaes *Electra* nos criminosos Lares?
Lembrai-vos que he cativa, que vive entre pezares.
Não brilhe a sua testa, não resplandeça o manto,
Não soffre alegres cores rosto, que offusca o pranto.
O povo que vos julga, e que examina os erros,
Não quer de vós rubins, quer tão sómente ferros.
Abri a antiga historia, alli vereis dispersas
Pelos diversos Climas trinta Nações diversas.
Examinai-lhe os gostos, a inclinação, os Numes,
Quaes erão seos vestidos, as artes, e os costumes.
A Fabula engenhosa, que uteis enganos tece,
Todos os seos thesoiros liberalmente offrece.
Ali he que a Verdade, que ornatos vãos repróva
Sendo no fundo a mesma, sempre parece nova.

Aqui encontraes *Dido*, que á pena não resiste;
Seo rosto descorado sobre huma nuvem triste.
Forceja o rôto peito luctando com a morte:
Levanta-se trez vezes, e cahe da mesma sórte.
Seos olhos, que expirando guardão de Amor a chamma,
Parece qu'inda pedem aos Ceos o Heroe qu'ell'ama
Chóra de dor e d'ira: só com suspiros falla,
Procura a luz do dia: geme depois de achal-a.

Niobe mais alem, mulher soberba e ousada,
A Mãi mais atrevida, e a Mãi mais desgraçada,
Os filhos huns sobr'outros, os filhos seos amados,
Que vista dolorosa! de settas traspassados,
A' força de sentir, parece que não sente,
O rosto descahido, olhando fixamente,
Muda ficou; as magoas n'ella poderão tanto,
Que se secou nos olhos a fonte do seo pranto.
A'quelle seo silencio nenhuma voz iguala,
A voz da natureza no seo silencio falla.
Quereis que huma Rainha, que tem com sigo guerra,
Que traz no rosto os crimes, que vê rasgar-se a terra,

Que a roupa e todo chão vê do seo sangue asperso,
No ultimo suspiro dê a pancada ao verso?
Quereis que huma Donzella, que creo em fé perjura
Afflicta abandonada no horror da noite escura,
Gritando se resolva ao temerario effeito,
Que se lembre da Arte, quando traspassa o peito?
Rainha, que o Theatro por breve tempo adóra,
Esse orgulhoso fasto não conserveis cá fora.
Deixai na Scena o Sceptro, a raça illustre e nobre,
E a pompa, que a meos olhos vos rouba e vos encobre.
Tirou, dentre ruinas, *Ferreira* á Apollo acceito
A pallida Tragedia, com hum punhal no peito.
Os velhos seos altares, junto do Tejo erguidos,
Cobrio arêa e herva. Ainda mal cingidos
(Seculos infelices, e tanto em fim podestes?)
Murchárão sobre a frente os funebres ciprestes.

Appareceo *C****, a voz, que move e encanta,
O corpo sobre o braço Melpomene levanta,
A ignorancia, a inveja, chorem de dor e d'ira;
He ella, eu ouço, eu vejo a timida *Palmira*,
Que aos pés do velho Pae, inda constante e forte,
De hum crime involuntario pede em castigo a morte.
Ah! Quando ao ver o Irmão nos ultimos desmaios,
Lança do peito fogo, lança dos olhos raios,
O' alma grande e rara, eu mesmo, eu mesmo o vi,
O Genio de *Voltaire* erra ao redor de ti.

Mas eu dou-vos lições inuteis, e infieis,
E a minha Musa irada arroja os seos pinceis;
Se elles vos-não infundem soberba, que se estima,
Soberba creadora, fogo que nos-anima,
Não, não temais a afronta de publico insolente,
Abrio, abrio os olhos a Lusitana gente.
Se já vos-chamou vis, chóra de tel-o feito;
Não, não despreza as artes, que adora no seo peito.

Eu sei que hum Sabio illustre, a quem venera a Fama,
Hum que aborrece o mundo, e o mundo todo ama,
Do seo retiro aonde móra a verdade nua,
Troveja sobre vós com a eloquencia sua:
E no seo ocio triste, cercado de desgostos
Quiz corromper com fel todos os nossos gostos.
Eu tremo, e a minha Musa por mais que se disvele
Respeita este Demosthenes, inda queixosa d'elle.
Mas contra as suas iras vos-devo consolar;
Hum Sabio em fim he homem, podia se enganar.

Se elle de todo o mundo forma huma imagem feia,
Nós porque não faremos huma formosa idea?
Dos crédulos humanos, Censores rigorosos
Para que he ter inveja do que nos faz ditosos?
Deixai-nos esta ao menos fantastica belleza:
Hum engenhoso engano adorna a natureza.
Roubar-nos dos talentos os dons encantadores,
He despojar a terra de fructos e de flores.
Sabei pois rechassar seos frivolos intentos;
Lá vão os seos queixumes levados pelos ventos.
Elle assim mesmo austero, bem pode ser vencido,
Fazei-vos estimar, e tendes respondido.
Lá n'huma região á nós desconhecida,
Sobre huma nuvem alta de purpura vestida
Levanta aos Ceos hum Templo a soberba faxada.
Com temerosa mão prohibe o genio a entrada
A' criticos pedantes, estupidos Autores,
Que em vão forçar pretendem do seculo os louvores.
Mostra-se ali sem veo a candida verdade,
N'este Palacio habita a immortalidade.
A preocupação, a quem o vulgo incensa,
Sem mascara, bramindo lhe foge da presença.
As palmas, que das artes são premios verdadeiros,
S'enlação orgulhosas có as palmas dos guerreiros.
Neste lugar *Virgilio* passêa igual á *Augusto*,
Homero ao pé de *Achilles*, não sente horror nem susto.
Mistura a terna *Sapho* ornada de mil flores,
As murtas amorosas aos loiros vencedores.
Ovidio alli parece que *Julia* a amar ensine,
Chapensle inda chora nos braços de *Racine*.
A irada de *Couvreur* desgrenha a trança bella,
Pára *Corneille* attento, e fixa os olhos n'ella.
Vós outras, a quem cinge Melpomene de flores,
Tendes assento ao pé dos immortaes Autores;
Da horrivel *Dumesnil* o tempo não consome
Junto ao de *Crebillon* com sangue escrito o nome.
Clairon, a quem nenhuma se póde comparar,
Poz junto de *Voltaire* a *Glorio* o seo lugar,
Preparão lá triumphos para C*** bella
Assim não se resolva á recebel-os ella.
Que magoas cau a ia o caso seo fatal!
Perdião muito os homens se a vissem immortal.

INTRODUCÇÃO.

A Nação Brasileira, que nestes derradeiros tempos se tem feito conhecer, e devidamente apreciar no meio do Mundo civilisado por seos nobres sentimentos patrioticos, com os quaes soube vindicar a sua Independencia e Liberdade, depois de mais de trezentos annos de oppressiva tutella; carecia ainda de fazer patente ao Mundo illustrado o quanto ella tem sido bafejada, e favorecida das Musas, particularmente daquellas que, empregando a linguagem das paixões e da imaginação animada, offerecem á admiração das eras exactos modelos do mais delicado engenho, e apurado gosto. Verdade he que sobejos monumentos de Divina Poesia muito ha adornavão os seos Fastos Litterarios, com os quaes podia correr a par das Nações mais bem aquinhoadas neste genero de gloria; porém que montava nadasse ella em tantas e tão puras riquezas de amena Litteratura, se as muito bem acabadas producções dos seos melhores Engenhos jazião nas trevas do esquecimento, já por existirem ineditas em mãos avaras ou incuriosas, já por havem sido dadas á estampa confusa, e destacadamente em collecções, á que nem sempre presidio o bom gosto? Os mesmos nomes dos mais abalisados Authores de suas composições Poeticas, dignas de cedro e bronze, andavão até trocados; e muitas del-

las havia, e não das menos distinctas, que corrião anonimas, por se ignorar completamente quem fossem os seos verdadeiros Escriptores: em huma palavra, o Brasil gozando a duvidosa gloria de ter visto nascer no seo Solo Poetas Illustres, que os mais bellos tempos da Grecia e do Lacio se não dedignarião de contar por seos Poetas, aos quaes exactamente compete o *mens divinior*, *atque os magna sonaturum* do grande Lyrico Romano; tal vez porque no meio das suas desaventuras nunca teve ocio sobejo para lhes levantar padrões, que os tirasse do pó do esquecimento, não podia ostentar-se entre as Nações cultas tão fecundo e rico em thesouros de Nobre Poesia, quanto em realidade delles se achava abastado.

Agora porém que o Brasil, felizmente desassombrado da oppressão antiga, e tão duradoira; agora, que occupando hum lugar distincto na cathegoria dos povos livres, lhe he já permitido, á sombra de hum Governo verdadeiramente paternal, o dar-se em desafogo á altura de todo o genero de uteis applicações; fôra sem duvida hum descuido imperdoavel o não fazer resurgir a sua esmorecida Litteratura, appresentando na frente della as excellentes Composições Poeticas dos seos mais Illustres Engenhos. E quem não vê, que o conhecimento do patrimonio opulento, deixado como herança á mocidade futura por seos tão gloriosos antepassados, deverá necessariamente despertar de novo as sementes do bom e apurado gosto na geração presente, e na que está para vir? Sim, e eu o tenho por sem duvida, os Jovens meos patricios, lendo e estudando os perfei-

tos exemplares de animada Poesia dos seos claros Maiores, que nesta Colleeção lhes hirei apresentando, certo se hirão tambem mais e mais adestrando neste genero de amenas composições, e chegarão por ventura a dar á Patria copias fieis de tão bem acabados modelos.

Pela minha parte, no desempenho da ardua tarefa, que tomei á peito, fazendo indubitavelmente hum serviço relevante á gloria Litteraria do meo ninho paterno, contentar-me-hei delle em recompensa com haver concorrido para acordar o louvor dos Benemeritos passados, e para estimular á sua imitação, assim a presente, como as gerações futuras.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha Patria amei, e a minha gente.
(Ferreira.)

O Conego *Januario da Cunha Barboza.*

A' TERMINDO SIPILIO, ARCADE ROMANO, POR ALCINDO PALMIRENO, ARCADE ULTRAMARINO.

(Por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.)

EPISTOLA.

GENIO fecundo e raro, que com polidos versos
A natureza pintas em quadros mil diversos:
Que sabes agradar, e ensinas por seo turno
A lingua, que convem ao tragico cothurno:
Teo Pegaso não vôa furioso, e desbocado
A' lançar se das nuvens no mar precipitado,
Nem piza humilde o pó; mas por hum nobre meio
Sente a doirada espora, conhece a mão, e o freio:
Tu sabes evitar se hum tronco, ou jaspe animas
Do sombrio Hespanhol os gothicos enigmas,
Que inda entre nós abórtão alentos dissolutos,
Verdes indignações, escandalos corruptos.
Tu revolves, e excitas, conforme as occasiões,
Do humano coração a origem das paixões.
Quem vê girar a Serpe da Irmã no casto seio,
Pasma, e de ira, e temor ao mesmo tempo cheio
Resolve, espera, teme, vacilla, géla, e córa,
Consulta o seo amor, e o seo dever ignora.
Vóa a farpada setta da mão, que não se engana:
Mas ai, que já não vives, ó misera Indiana!
Usarás Catullo na morte de quem amas
D'alambicadas frazes, e agudos epigrammas?
Ou dirás como he crivel, que em magoa tão sentida
Os eixos permaneção da fabrica luzida?
Da simples natureza guardemos sempre as leis
Para mover-me ao pranto convem que vós choreis.
Quem estuda o que diz, na pena não se iguala
Ao que de magoa, e dor geme, suspira, e cála.

Tu sabes os empregos, que huma alma nobre busca,
E aquelles, que são dignos do mandrião Patusca,
Que alegre em boa paz, corado e bem disposto,
Insensivel á tudo não muda a cor do rosto:
Nem se esquece entre sustos, gemidos, e desmaios
Do vinho, do prezunto, dos saborosos paios.
Tu espalhando as flores a tempo, e em seo logar,
Deixas ver toda a luz sem a querer mostrar.

Indiscreta vangloria aquella, que me obriga
Por teima de rimar a que em meo verso diga
Quanto vi, quanto sei, e ainda he necessario
Mil vezes folhear hum grosso diccionario.
Se a minha Musa esteril não vem sendo chamada,
Debalde he trabalhar, pois não virá forçada.
Se eu vou fallar de jogos, só por dizer Floraes.
Maratonios, Circenses, Pythicos, Jovenaes,
O critico inflexivel ao ver esta arrogancia
Conhece-me a pobreza, e ri-se da abundancia.
Quem cego d'amor proprio colerico s'accende,
E mostruosos partos porque são seos defende,
Sua, braceja, grita, e já despois de rouco
Abre huma grande boca para mostrar que he louco:
Fórma imagens de fumo, phantasticas pinturas,
E sonhando c'as Musas em raras aventuras
Vai ao Pindo n'hum salto de Lira, e de coroa:
Nascem-lhe as curtas pennas, e novo Cysne vôa:
Igual ao Cavalleiro, que a grossa lança enresta,
C'o elmo de Mambrino sobre a enrugada testa,
Vai á região do fogo n'hum banco escarranchado,
D'onde traz os bigodes, e o pello chamuscado.

Se cheio de si mesmo por hum capricho vão
Tem por desdouro o hir por onde os outros vão,
He c' o dedo apontado famoso delirante,
Que por buscar o bello, cahio no extravagante:
Bem como o passageiro, que nescio, e presumido
Quiz trilhar por seo gosto o atalho não sabido,
Perdeo-se, deo mil giros, andou o dia inteiro,
E foi cahir de noite em sordido atoleiro.
Eu aborreco a plebe dos magros rimadores,
De insipidos Poemas estupidos autores,
Que freneticos suão sem gosto, nem proveito,
Amontoando frazes á torto, e a direito:
Vem o louro Mondego por entre as Nimphas bellas,
Que de flores enlação grinaldas, e capellas:

Surgem do verde seio da escuma crespa, e alva,
Do velho Douro as cans, do sacro Tejo a calva.
Escondei-vos das ondas no leito cristalino,
E sahi menos vezes do Reino Neptunino:
O que se fez vulgar perdeo a estimação:
E algum rapaz travesso vos póde alçando a mão
Cobrir d'arêa e lama, por que sirvaes de rizo
A' turba petulante da gente ainda sem sizo.
Se falla hum Deos Marinho, e vem a borbotões
Amejoas, e perseves, ostras, e berbigões:
Se os languidos Sonetos manquejão encostados
A's flautas, aos Surrões, Pellicos e Cajados:
Minha Musa em furor o peito me enche d'ira
E o negro fel derrama nos versos, que me inspira.

Autor, que por acaso fizeste hum terno Idilio,
Não te julgues por isso Theocrito, ou Virgilio:
Não creas no louvor de hum verso, que recitas,
Teme a funesta sorte dos Meliseos e Quitas:
Que muitos aplaudirão quinhentos mil defeitos
Nos papeis, que hoje embrulhão adubos, e confeitos.
Se o casquilho ignorante, com voz enternecida,
Repete os teos Sonetos á Dama presumida,
Por mais que ella te aclame bravissimo Poeta,
Da espinhosa carreira não tens tocado a meta:
Pois tarde, e muito tarde por hum favor Divino
Nasce por entre nós quem de coroa he dino.
Quem sóbe mal seguro, tem gosto de cahir,
E a nossa idade he fertil de assuntos para rir.
Equivocos malvados, frivolos trocadilhos,
Vós do pessimo gosto os mais presados filhos,
Deixai ao Genio Luso desempedida a estrada,
Ou Boileau contra vós torne a empunhar a espada.
Mas onde, meu Termindo, onde me leva o zelo
Do bom gosto nascente? O novo, o grande, o bello
Respire em tuas obras, em quanto eu fito a vista
No rimador grosseiro, no misero copista,
Tantalo desgraçado, faminto de louvor,
Que em vão mendiga aplausos do vulgo adorador.

Do Throno Regio, Augusto, Benigno hum Astro brilha
Entre esperança, amor, respeito, e maravilha;
E á clara luz, que nasce do Sceptro, e da Coroa,
Grande se mostra ao mundo, nova, immortal Lisboa:
Se ella o terror levou nas voadoras faias
Por incognitos mares á nunca vistas praias,

Se entre nuvens de settas ao meio dos alfanges
Foi arrancar as palmas, que ainda chora o Ganges,
Da paz no amavel seio, á sombra dos seus louros
Hoje aplana os caminhos aos seculos vindouros:
A gloria da Nação se eleva, e se assegura
Nas lettras, no Comercio, nas Armas, na Cultura.
Nascem as Artes bellas, e o raio da verdade
Derrama sobre nós a sua claridade.
Vai tudo á florecer, e por que o povo estude
Renasce nos Theatros a escola da virtude.
Consulta, Amigo, o genio, que mais em ti domine:
Tu pódes ser Molière, tu podes ser Racine.
Marquezes tem Lisboa, se Cardeaes Pariz:
José pode fazer mais do que fez Luiz.

HEROIDA.

THESEO A' ARIADNA.

(Pelo Doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.)

Inconstante Ariadna ambiciosa,
Que, por cobrir a feia aleivosia,
Depois de ser perjura hes a queixosa:

Essas asperas queixas, que m'envia
Teu falso coração, formosa ingrata,
Já não são como as queixas d'algum dia.

Tudo a fiel memoria me retrata.
Fui a tua esperança, o teo conforto:
Agora sou o Roubador, Pirata.

Quizera o Ceo que me chorassem morto,
(Por não sentir as penas, que hoje sinto)
Antes de ver da infausta Creta o porto.

Achei de sangue humano farto, e tinto
Homem, e Touro o Monstro, que espalhava
Morte e terror no cego Labyrintho.

Vi lançar-se da torre, que habitava
O Artifice engenhoso; e como aos ares
Sobre as azas de cêra se entregava.

Filho infeliz, que déste o nome aos mares,
Quanto inveja Theseo a tua sorte,
Depois de ter chegado aos Patrios Lares!

Temeste (eu não o nego) a minha morte,
Mudavel Ariadna! O laço estreito
De hum novo, e puro amor julguei mais forte.

Da tua bella mão o fio acceito,
Que me serve de guia: encontro, e luto
C' o formidavel Monstro peito a peito.

Livrei a Patria do fatal tributo;
Mas o premio maior d'esta victoria
Era gozar do nosso amor o fruto.

Que breve, oh Deoses, foi a minha gloria!
Já sobre a Náo Cecropida nos vemos,
E eu me julgo feliz: doce memoria!

Reina a calma no mar: e nós perdemos
De vista a Creta: geme felizmente,
E escuma o Sal batido por cem remos.

Quatro vezes da Noite descontente
Rasgou a branca Aurora o véo sombrio,
Abrindo as aureas portas do Oriente.

Quando vimos o bosque e a foz do rio
Alegre, e socegado; os Marinheiros
Conhecerão de longe a verde Chio.

Pizamos logo os montes, e os outeiros,
Offerecendo aos Deoses turelares
Huma branca novilha e dous cordeiros.

No bosque inda fumavão os altares:
Tu dormias: as nuvens se amontoão,
E principião a engrossar-se os mares.

Corro a firmar as ancoras: já soam
Das ondas os rochedos açoitados,
E os ventos, e os trovões o Mundo atroão,

Faltou a amarra: a meo pezar os Fados
(Que tristissimos Fados!) me levarão
Co' as negras tempestades conjurados.

Sabe o Ceo que fadigas me custarão
Então as tuas lagrimas, e penas,
Que as minhas cá de longe acompanharão.

Sem leme já, sem mastro, e sem antenas,
Vão ludibrio dos mares, e dos ventos,
As tristes praias avistei de Athenas.

Ariadna occupou meos pensamentos:
Meo coração a teve sempre á vista
Para mais avivar os meos tormentos.

Que fruto lógras de huma tal conquista,
Theseo amante, filho sem ventura?
Quem haverá que á tanta dor resista!

O velho Egeo, que os Immortaes conjura
Por ver alegre o fim dos meos perigos,
Teve no mar funesta sepultura.

Entre aplausos da Patria, e dos Amigos
O triste coração suspira, e sente
O puro amor, e seos farpões antigos.

Por dar-te hum novo Reino impaciente,
Espero que, depondo furor tanto,
Neptuno aplane as aguas c' o tridente.

Duas Náos tenho prontas; mas em tanto
Espalha a fama por diversas partes,
Que o moço Bacho te enxugára o pranto.

Que ambiciosa ao ver os estandartes
Do alegre Indiano, e seos cabellos louros,
Facil com elle o meo amor repartes.

Se Reino, ou Fama, ou Gloria entre os vindouros
Busca a tua ambição n'hum ser divino,
Eu sou Theseo, Athenas tem thesouros.

Egeo sahio do Reino Neptunino:
Na fatidica Náo aventureiro
Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.

Não foi Jason, nem Hercules primeiro
Combater c'os Dragões... tu suspiraste,
Vendo encher o meo nome o mundo inteiro.

Inda me lembra o dia, que apertaste
C'o a minha a tua mão: dos nossos laços
Por testemunha o mesmo Ceo chamaste.

Tu não viste correr longos espaços,
Que desculpão o frio esquecimento;
E chego á ver-te alhêa n'outros braços?

He esta a fé devida ao juramento?
Responde ingrata, desleal, mais dura
Do que a rocha, e mais varia do que o vento!

Saião do seio da lagoa escura,
Que o mesmo Jove de offender recêa,
Negras furias, que o meo temor conjura.

Empunhe a ingrata o tyrso, e sobre a arêa
D' huma praia deserta os Tigres dôme,
Com que o seo novo amante se recrêa.

Com tanto que o amor, que me consôme,
Em odio se converta... ah que eu deliro,
E não posso esquecer-me do seo nome!

Ventos, que me obrigastes ao retiro,
Levai minha ternissima saudade;
Conheça embora a ingrata que eu suspiro.

Possão servir de exemplo em toda a idade
Os nossos nomes, despertando a historia
Do meo Amor, da tua variedade.

Sirva este meu tormento á tua gloria:
Pague eu embora a culpa do meo fado;
E roube-me das mãos outro a victoria.

Porque não fui do Monstro devorado!
A minha desventura me guardava,
Porque fosse depois mais desgraçado.

Frondosos arvoredos, onde estava
Ariadna cruel, quando dormia,
E a meo pesar a onda me levava:

Vós, amarellas flores, tu sombria,
Musgosa gruta, onde a infiel descança,
Mostrai-lhe a minha imagem noite e dia:

Eu era o seo amor, sua esperança,
O ultimo... o primeiro... ó Ceos! perjura!
Quanto me custa esta cruel lembrança!

Não ha mais que esperar da sorte dura.
Voai, Remorsos, á vingar-me: ao menos
Rodeai-a no seio da ventura;
E turbai os seos dias mais serenos.

FABULA DE ORPHEO, E EURIDICE.

IDILIO.

Te veniente die, te decedente canebat.
Virg. Georg. 4.

PELA amena campina,
Que banha o fatal *Ebro*,
Do Thracio *Orpheo* a Esposa peregrina,
Que em canto rouco, em triste voz celébro,
Ao tempo que trazia
O brilhante farol o claro dia,
A Esposa de *Orpheo* digo, e as mais donzellas
Tecendo vão grinaldas, e capellas.

Alegre, e descuidada
Euridice colhia
As flores de que tinha a frente ornada,
De que os loiros cabellos guarnecia;
Cantava suavemente
Em doces córos alternadamente
Com as lindas Irmãs a solfa rara,
Que o canóro marido lhe ensinara.

Por acaso a descobre
De hum monte levantado
O pastor *Aristeo* famoso, e nobre,
Mas de *Euridice* ha muito despresado:
E logo mal soffrido
Deixa o gado, os cortiços, e atrevido
Por entre as verdes ramas se acautella
Buscando surprender a Ninfa bella.

Mas ella, que aos clamores
Das Driadas o via,
Largando pronta as já colhidas flores
Pela terra espalhadas, lhe fogia:
Qual a timida cerva
Que o Macilio Leão visinho observa,
Ou qual de Açor ligeiro a pomba esquiva
Assustada, medrosa, e fugitiva;

Interrompidas vozes
Ao vento despedia,
E cada vez com passos mais velozes,
Olhando para traz os pés movia.
Não era, não, bastante
Se quer a demoral-a hum breve instante
A falla de *Eristeo*, que na carreira
Sem duvida lhe diz desta maneira:

„ *Euridice*, não tanto
„ Por ver-me de amor preso,
„ Intentas augmentar o meo quebranto;
„ Não te mereço, não, tanto despreso:
„ Dezejas que assim pene
„ O filho da belissima *Cirene*?
„ Que soffra, que padeça os teos rigores
„ O util mestre dos rusticos pastores?

„ O domador não zellas
„ Desse *Protheo* famoso?
„ O observador primeiro das Estrellas?
„ O artifice do favo saboroso?
„ Atormentar procuras
„ A quem foi o primeiro, que as maduras
„ Azeitonas pisando, o caro azeite
„ Para os homens descobre, e inventa o leite? „

A Ninfa que não cura
De ouvir o rogo brando,
C' os delicados pés a terra dura
Fugindo cuidadosa vai pisando:
Solto o cabello ao vento,
A' força do apressado movimento
Fluctuando, os finissimos vestidos
Deixava pelos troncos suspendidos.

A' sitio em fim chegava,
Onde já não temia
Do atrevido pastor, que a procurava
O indigno intento, a barbara ousadia:
Quando..., O' triste, e horrorosa
Tragedia contra *Euridice* formosa!
Offendido talvez da tenra planta
Hum Aspid venenoso se levanta:

E qual setta ligeira
Com força despedida,
Ou raio, que da nuvem derradeira
Fere a terra ao relampago accendida;
A serpe a colla erguendo,
E o corpo em muitos orbes révolvendo,
No pé mimoso, e branco, subtilmente
Derramando o veneno imprime o dente.

Sentio a desditosa
Da pisada serpente
A raivosa ferida, a dor furiosa,
O veneno mortal, que promptamente
As lufas adelgaça
Da já corrupta sanguino a maça;
E o purpureo licor, que o peito inflamma,
Já negro por cem bocas se derrama.

Já cobre suor frio
A desmaiada frente
Da convulsiva Nynfa: hum véo sombrio
Esconde a vista varia, intercadente.
Qual palida bonina
A desmaiada *Euridice* Divina,
Proferindo do Esposo o nome terno,
Passou da curta vida á hum somno eterno.

Tanto esta desventura
As Driades chorarão,
Que da Thracia e da Getica espessura
O funebre silencio perturbarão:
Quantas vezes em vão
Chamarão pela Irmã? Qual fosse então
A dor, que teve *Orpheo* misero, e triste,
Dize-o tu, fatal *Ebro*, tu que a viste.

Aflicto, e descontente
De noite, e mais de dia,
O solitario Orpheo sempre da gente
Se apartava, e sozinho aos êrmos hia.
Buscava os arvoredos,
Os mais duros inhospitos rochedos,
Querendo nos desertos escondida
Para sempre deixar a infeliz vida.

Qual roxinol, que a próle
Do ninho vê roubada,
Como que delle espera que o consóle,
Ao Ceo envia a queixa magoada:
Ou qual fiel pombinho
Que não bebe agoa pura se mesquinho
A doce companheira infeliz perde,
Nem como dantes pousa em tronco verde.

Tal o misero Thrace
Anda de monte em monte
Sem ver a Esposa, bem que perguntasse
Por *Euridice* ao monte, ao valle, á fonte:
E já desesperado
De achar no mundo alivio ao seo cuidado,
Amante não duvida ousadamente
D'entre as sombras errar sombra vivente.

A Cithara sonóra,
Que á Apollo pertencera,
Tomava o triste filho, e á voz canóra,
Que sua mãe *Calliope* lhe dera,
Destramente a afinava:
E atrevido depois se encaminhava
Por cavernosa gruta ao fim do Mundo,
Raya agreste, infernal, do cáos profundo.

Chega á escura lagoa,
Onde o velho *Charonte*
Passa os mortos, e ousado á dura prôa
Do Escafidio se lança; léda a fronte
Da horrenda Estige passa
As encharcadas agoas, e devassa
Das terras, em que a sombra opaca existe,
A torpe habitação, a estancia triste;

Do rouco *Phlegetonte*
A margem paludosa
Atravessa, e do fetido *Acheronte*
A salobra corrente vagarosa:
Intrepido se mette
No adormecido, e somnolente *Lete*;
Do medonho e pestifero *Cocyto*
Pisando vai o asperrimo districto.

Tem depois a ousadia
De referir cantando
A' sempre inexoravel companhia
O seo duro pesar em verso brando:
O esqualido Barqueiro
Já menos carrancudo, e sobranceiro,
Tomando o grosso remo avante o passa,
Nem o cão de trez bocas o embaraça.

Entrou as Torres fortes
Do portico Tenareo
Em meio das estupidas cohortes,
Que o forão conduzindo ao Rei Tartareo:
Caliginoso, e escuro
Era o caminho, que do ferreo muro
Aos palacios crueis, que *Dite* havia,
As miseraveis almas conduzia.

No gesto pensativo
Orpheo com passos graves
Chegou-se ao fero Rei, que occupa altivo
Sulfureo Throno, e as ferrugentas chaves
Nas duas mãos sustenta:
Ao seo lado triforme *Ecáte* assenta
O implacavel tyranno: e de vapores
Negra nuvem lhe forma os resplendores.

Do Báratro maligno
As almas decorosas
A' roda estão do vivo peregrino,
Que vem do Mundo, e todas cobiçosas
De saber o que busca
Naquella atroz região nublada e fusca;
Este musico estranho, que se assenta,
Com a soberba cohorte se apresenta.

As cordas temperando
Da Lyra sonorosa
Foi logo n'hum tom baixo começando
A historia miseravel e piedosa:
E pouco á pouco erguendo
A voz, que mais se aclára, ao Rei tremendo,
Que o sceptro tem na mão pesado, e forte,
Cantando *Orpheo* lhe falla desta sorte:

„ Monarca formidavel,
„ Jove, e Senhor eterno
„ Do abismo tenebroso, e impenetravel,
„ Do palido *Orco*, e do profundo Averno,
„ A' cujo imperio enórme
„ Obedece a caterva mais disforme
„ De monstros, e serpentes estupéndas,
„ Que sujeitas possante ás Leis horrendas:

„ Neste carcere escuro,
„ Habitação do espanto,
„ Não me conduz desejo humano impuro,
„ Mas sim razão de amor honesto e santo:
„ Não trago o pensamento
„ De tanger este harmonico instrumento,
„ De sorte que apoz vão da suavidade
„ Desertando o paiz da escuridade:

„ Da minha suspirada,
„ Bellissima consorte
„ A vida mais que a minha desejada
„ Roubou tiranna intempestiva morte:
„ De fervida serpente
„ A prêsa aguda e venenoso dente
„ Seos dias encurtou; que he bem constante
„ Que á teo reino desceo a sombra errante.

„ Da timida Cidade
„ Vós, o gente perdida,
„ Ao vosso Rei pedi, que por piedade
„ Me seja a cara esposa concedida;
„ Não quero que ella exceda
„ A antiga humana lei; que lhe conceda
„ Algum tempo de vida a Plutão rógo
„ Em que andemos no mundo, e tórne logo.

„ E tu, Senhor, que hum dia
„ Tambem de amor ardeste,
„ Lastima-te da misera agonia,
„ De que meo triste peito se reveste;
„ Porém se, como digo,
„ Não deixas hir *Eurídice* com migo,
„ Já peço pouco, ao menos me consente,
„ Que eu viva aqui com ella eternamente. „

Em quanto assim cantava
O doce *Orpheo*, mais brando
O terno das *Eumenides* estava
As enroscadas serpes aquietando.
As hydras, e chimeras,
Das *Esphinges*, e Gorgones as feras
Vozes fizerão pausa: e o cão trifórme
Fechando as trez gargantas, ouve, e dórme.

Livres alguns momentos
As almas condemnadas
Estão dos cruelissimos tormentos,
Com que são de ordinario atormentadas:
Hum pouco se não móve
Das *Belides* irmãas quarenta e nove
A desgraçada tropa, e a vãa fadiga,
Que dos mortos maridos a castiga.

De *Ixion* fementido
A nunca instavel roda,
Que anda sempre n'hum giro interrompido,
Então por breve espaço se accomoda.
Sisypho está sentado
No penedo, que ás costas tem pesado:
E em virtude do canto numeroso
Logra, se nunca o teve, algum repouso.

O passaro faminto,
Que a *Ticio* o ventre róe,
O bico levantou de sangue tinto,
E á doce voz se abranda e se condóe:
Já *Tantalo* sedento
Não poem n'agoa vedada o pensamento;
Já por hum pouco lhe não lembra a fome
Dos fugitivos pomos, que não come.

Rhadamanto severo,
E os outros dous Juizes,
Que tem na prisão triste o cargo fero
De prescrever a pena aos infelizes,
Esquecidos do antigo
Rigor, que os obstinava no castigo,
Suspendem a continua diligencia
De dar aos condemnados audiencia.

A quebrantar a dura
Sentença e Lei do Fado,
Que foi sempre immutavel, se aventura
Qualquer das cruas Parcas; já mudado
Da mesma *Proserpina*
O duro ferreo peito, já se inclina
A' depor o seo genio rigoroso,
E á supplica attender do amante Esposo.

Plutão desapiedado,
A' quem humana queixa
Jamais enterneceo, desacordado
Em terra as duras chaves cahir deixa:
As lagrimas forçadas
Sem exemplo esta vez, como arrancadas,
Se lhe virão correr: e diz que passe
Ao Mundo a Esposa do canóro Thrace;

Com tanto que lhe seja
O vel-a defendido,
Emquanto inteiramente não esteja
De fóra do seo Reino: e que perdido
Seria ao mesmo instante
O premio concedido, se o semblante
De *Euridice* formosa incauto visse,
Primeiro que do Mundo ao ar sahisse.

Acceita *Orpheo* contente
A Esposa desejada,
Que pela mão guiava diligente
Além da melancolica morada;
Passa as terras desertas,
De luto, e de ciprestes só cobertas,
Os campos deixa bemaventurados
De espiritos ditosos habitados.

Já quasi a aura vivente
Feliz respira, quando
Mais demora a saudade não consente,
E para a Esposa o rosto atraz voltando,
Euridice não via,
Que perdeo para sempre a luz do dia:
Culpa digna de escusa, e de piedade,
A havel-a na região da iniquidade. (*)

(*) Ignoscenda quidem, scirent si ignoscere Manes.
Virg. Georg. IV. 488.

Do mais profundo centro
Do Reino tenebroso
Trez vezes se ouvio fóra, e trez lá dentro
Hum trovão formidavel, e espantoso,
Deixando ao som horrendo
As Tartáreas abobedas tremendo;
E foi da voz do Fado inalterada
Segunda vez *Euridice* chamada.

Os braços diligente
Orpheo em vão movia
Já de huma, e de outra parte, e inutilmente
Os lança apoz da sombra, que fugia,
Quando debalde abraça
O vento leve, que de entorno passa:
Mil vezes tenta o mesmo desvario,
E nunca prende mais que o ar vazio.

Emfim não se apartava
Da gruta, nem podia:
Crendo sonho e illusão quanto passava,
E que de novo a Esposa tornaria:
Porém desenganado
Que *Euridice* não vinha, louco, e irado
A Lyra quiz romper, e por desdouro
Da testa ao chão arrója o verde louro.

Sete mezes inteiros
O triste miseravel
Foi visto pelos asperos outeiros
Do horrivel *Emo*, e *Rhodope* intratavel:
Os rusticos penedos
Corria do *Rifeo*, e os arvoredos
De que se arrêa o curso dilatado
Do *Tanaes* frio, e *Strimon* gelado.

Euridice chamava
Em vão continuamente;
Ecco sómente *Euridice* tornava
Ao triste doloroso, e descontente:
A lastimosa historia,
A tragedia infeliz, que na memoria
Trazia de seos miseros amores
Docemente cantava aos seos pastores.

Dizem que então os montes
Apoz do suave canto
Mudaveis caminhavão; e que as fontes
As agoas suspendião: tanto, tanto
Podia a branda Lyra,
Que ainda a fera, que só terror suspira,
Pacifica se tórna: e das montanhas,
Arrancando-as, fundou Nações estranhas.

Triste não só fugia
De todas as mulheres,
Que o buscavão, mas ainda as offendia
Despresando os seos dons, e os seos prazeres:
De mais lhes arrancava
Os queridos Esposos, e os levava
Suspensos e em total esquecimento:
Tanto podia o Delphico instrumento!

Passava neste estado
A vida lacrimosa
Até que foi de subito assaltado
Da familia de *Bacco* rigórosa:
Convulsas, delirantes
As dementes, e indomitas *Baccantes*,
Sem que a Lyra as movesse, o accometterão,
E crua morte, e misera lhe derão.

No corpo destroçado
A sacrilega tropa,
Bebendo o sangue já desanimado,
As impias e homicidas mãos ensopa:
A cithara, que d'antes
As arvores trazia mais distantes,
Fizerão em pedaços, e á corrente
Lanção do *Ebro*, e o cadaver juntamente.

Separada a cabeça
Do busto miserando
Pelo rio, que attonito se apressa
Ao mar, com vario curso vai rodando;
Da alma fugitiva,
Sahindo pela boca semiviva,
A derradeira voz, que se lhe ouvia,
Inda *Euridice*, *Euridice* dizia.

Por *Sales*, natural de Pernambuco.

ELEGIA.

Traduzida de Ovidio.

Porque mudado estou? Se me perguntas,
He porque poens de venda os teos favores:
Não posso achar-te bella
Depois que em ti de amor vejo huma *Adella*.

Sem reserva te amei, em quanto as Graças
Realçou de teo corpo huma alma pura:
Hoje d'alma a vileza
Tem-te desfigurado a gentileza.

Francisco de Sales (Prof. de Retórica n. Pernambuco? ni Lisboa?) em 1735 morreu por 1800 na 1801. v. Dr.º Bibliogr. Lit. III - Lyr. 56. 57.

Nú, e menino Amor, detesta; odeia
Vis artificios, sordida avareza:
Nudez não cobre enganos,
Não curão de interesse tenros annos.

Para que pertender forçar o filho
De Venus, á que esteja á preço exposto?
Só por não aceital-o,
Elle seio não tem para guardal-o.

Para as guerras crueis, nem Venus bella,
Nem de Venus o filho forão feitos:
Que venção soldo he feio
Imbelles Deoses do prazer no seio.

Está por preço a meretriz taxado
A' qualquer vil galante offerecida:
E serve contrafeito,
E invito o corpo ao misero proveito.

Do sordido Rufista todavia
O dominio pragueja a desgraçada;
E o que fazeis por gosto
Faz ella constrangida, e com desgosto.

A conducta imitai das brutas féras,
Que mesmo irracionaes vos são de exemplo;
He bem torpe defeito
Que tenhão féras mais humano peito.

Seja qualquer que for a sua especie,
Todas se dão de graça aos seos amantes;
Se com elles comprazem,
Não por cobiça, por ternura o fazem.

A mulher he sómente que blasona
De que á seo amador despojos tira:
Só ella as noites vende,
Só ella dar-se em aluguel emprende.

O prazer, que ambos tem, que ambos procurão,
Vendendo com baixeza ao homem, taxa
Quanto póde excitar-lhe
Deleites, que ella goza, e deve dar-lhe.

As gratas commoções, que amante e dama
Em reciproco abraço iguaes recebem,
Porque esta ha de vendel-as,
Porque ha de aquelle por dinheiro havel-as?

Por que devo eu perder, ganhar tu deves,
No doce passatempo, que ambos temos,
Se em tão suave jôgo
Te afogas no prazer, em que me afogo?

Se he torpe que compradas testemunhas
Vendão seo juramento á preço d'oiro:
Se he cousa reprovada
Que á peita o julgador dê franca entrada:

Se he torpe que o patrono paga exija
Por defender os miseros culpados:
Se he torpe que venal
Grosso dinheiro ajunte o Tribunal:

Nada menos he torpe que huma dama
Os patrios cabedaes no leito augmente,
E que sua belleza
Prostitua dos lucros á vileza.

De justiça, por dons de graça feitos,
Se deve gratidão: mas por hum leito,
Torpemente alugado,
Nimguem á gratidão fica obrigado.

Nada se deve á dama, que se aluga;
De tudo quite o alugador ufano
Nenhum favor lhe deve,
Paga a porção, que ella á pedir se atreve.

Deixai, ó bellas, de pedir dinheiro
Em cambio do que dar deveis de graça:
Os fructos da cobiça
De tristes consequencias são premissa.

Não será todavia indecoroso
Recompensa exigir de rico amante;
Aqui se justifica
Ser mais do quê vos dá, o que lhe fica.

Permettido he colher maduras uvas,
Que espessas pendem de pejadas vides;
Ao padar cobiçoso
Que farte, he justo o campo fructuoso.

O pobre dê por paga os seos serviços,
Seo abrasado amor, e fé sincera:
Pois he cousa ajustada,
Dê qualquer quanto tem á sua amada.

Meos versos são tambem a recompensa
Das que á minha ternura correspondem;
A que amo tenho a arte
De a fazer conhecida em toda a parte.

Oiro, vestidos, preciosas pedras,
Tudo o tempo invencivel aniquila;
Mas o gentil renome,
Que dos versos procede, não consome.

Eu não fujo de dar, porém não posso
Ver sem tedio e rancor, que se me pede,
Por que o pedes, não dei,
Se esperas que eu o queira, to darei.

Por J. B. Soares de Meirelles.
Natural de Minas Geraes.

RETRATO

POR

IGNACIO JOZE DE ALVARENGA.

A Minha Anarda
Vou retratar,
Sé á tanto a Arte
Poder chegar.
Trazei-me, Amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço
Para a pintar.

Nos longos fios
Dos seos cabellos,
Ternos disvellos
Vão se enredar.
Trazei-me, Amores,
Das Minas d'oiro
Rico thesoiro
Para os pintar.

No rosto a idade
Da Primavera,
Na sua esphera
Se vê brilhar.
Trazei-me, Amores,
As mais viçosas
Flores vistosas
Para o pintar.

Quem ha que a testa
Não ame e tema,
De hum diadema
Digno logar?
Trazei-me, Amores,
Da silva Idalia
Jasmins de Italia
Para a pintar.

A frente adórnão
Arcos perfeitos,
Que de mil peitos
Sabem triumphar.
Trazei-me, Amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis,
Para a pintar.

A' hum doce acceno
Settas á molhos
Dos brandos olhos,
Se vêm voar
Trazei-me, Amores,
Do Sol os raios,
Fieis ensaios
Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a Aurora,
Quando colóra
A terra e o mar.
Trazei-me, Amores,
As mais mimosas
Pudicas rozas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas
Nas lindas cóvas
Vão se ajuntar
Trazei-me, Amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves
Para os pintar.

Vagos desejos
Da boca as brazas
As frageis azas
Deixão queimar.
Trazei-me, Amores,
Coraes sobidos,
Robins polidos
Para a pintar.

Entr' alvos dentes
Postos em ála,
Suave falla
Perfuma o ar.
Trazei-me, Amores,
Nas conchas claras
Perolas raras
Para os pintar.

O collo, Atlante
De taes assombros,
Airosos hombros
Corre a formar.
Trazei-me, Amores,
Jaspe á mãos cheias,
De finas veias
Para o pintar.

Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, Amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Para o pintar.

Mãos christalinas,
Roliços braços,
Que doces laços,
Promettem dar.
Trazei-me, Amores,
As assucenas,
Das mais pequenas
Para as pintar.

A delicada
Gentil cintura,
Toda se apura
Em se estreitar.
Trazei-me, Amores,
Ancias, que fervem,
So ellas servem
Para a pintar.

Pés delicados
Ferindo a terra,
A's almas guerra
Vem declarar.
Trazei-me, Amores,
As settas prontas
De duras pontas
Para os pintar.

Pórte de Deoza,
Spirito nobre,
E o mais, qu' encobre
Fino avental.
Só vós, Amores,
Que as Graças nuas
Vedes; as suas
Podeis pintar.

CANÇONETA.

Composta em Italianno pelo Abbade Metastasio, e traduzida por Alexandre de Gusmão, natural da Villa de Santos, na Provincia de São Paulo.

BEM hajão os teos enganos,
Já respiro socegado,
Já o Ceo á hum desgraçado
Compassivo se mostrou.

As cadeias, que a prendião,
Sacodio minha alma fóra,
Eu não sonho, Nize, agora,
Não sonho que livre estou.

Acabou-se o ardor antigo,
Tenho o peito socegado;
Nem para fugir-me irado
Acha amor em mim paixão.

Se o teo nome escuto, o rosto
Não se córa nesse instante:
Quando vejo o teo semblante,
Não me bate o coração.

Sonho, sim, mas não te vejo
Em sonhos huma só vez;
Eu desperto, e já não hes
Quem logo desejo ver.

Quando estou de ti ausente
Já por ver-te não suspiro;
Se te encontro, não deliro
De desgosto ou de prazer.

Da tua belleza fallo,
Não me sinto enternecido;
Considero-me offendido,
E já me não sei irar.

Bem que estejas de mim junto,
Nimguem me vê pertubardo;
Co' o meo rival ao teo lado
Bem posso de ti fallar.

Mostra-me severo o rosto,
Falla-me com doce agrado;
He o teo rigor baldado,
He o teo favor em vão.

Tuas vozes já não tem
Sobre mim a força usada;
Teos olhos errão a estrada,
Que me vai ao coração.

Se me vejo alegre ou triste,
Se inquieto ou socegado,
Já não he por ti causado,
Não o devo ao teo favor.

Sem ti me agrada a campina,
Verde sélva, ou fonte pura,
A caverna, a brenha escura
Com tigo me causa horror.

Olha como sou sincero,
Ainda te julgo bella:
Mas já não te acho aquella,
Que não tem comparação.

Não te offenda esta verdade:
Nesse teo rosto perfeito
Descubro hoje algum defeito,
Que julguei belleza então.

Quando quebrei as cadêas,
Confesso a fraqueza minha,
Julguei que nunca mais tinha
Hum instante que viver.

Mas para fugir das penas
Para oprimido não ver-se,
Para á; si proprio vencer-se,
Tudo se deve soffrer.

Em o visco, em que se enlaça
O passarinho innocente,
Deixa as pennas, e contente
Vai liberto da prisão.

Mas depois que em breve espaço
Se renóvão as penninhas,
Canta em roda das varinhas,
Brinca em outra occasião.

Eu sei que extincto não julgas
O voraz incendio antigo;
Porque a todo o instante o digo,
Porque o não sei callar.

Natural instincto, ó Nize,
A' que falle me convida,
Porque da passada lida
Costuma qualquer fallar.

Seos perigos o soldado
Depois da batalha conta,
E para os sinaes aponta
Das feridas, que apanhou.

O cativo, que nos ferros
Entre trabalhos gemia,
Mostra cheio de alegria
As cadeas, que arrastrou.

Fallo, e só por desabafo
Do meo gosto me entretenho:
Fallo, porém não me empenho
Em saber se fé me dás.

Fallo, porém não procuro
Se a minha expressão te agrada,
Ou se ficas socegada
Quando em mim fallando estás.

Eu despreso huma inconstante,
Tu hum peito verdadeiro;
Eu não sei de nós primeiro
Quem se ha de consolar.

Sei que, Nize, achar não podes
Outro tão fiel amante;
Como tu, outra inconstante
He mui facil de encontrar.

PALINODIA.

A Nise, traduzida de Metastacio, por Elmano Bahiense.

JA', ó Nise, os meos enganos
Eu conheço socegado:
Ah! Perdoa á hum desgraçado
O despreso, que mostrou.

Dos ferros, que me prendião
Me gabei de estar já fóra:
Enganei-me, pois agora
Inda mais cativo estou.

Já extincto o fogo activo
Se inculcava socegado:
O mesmo semblante irado
Trahia minha paixão.

Mude, ou não a cor do rosto,
De ouvir teo nome no instante,
Que todos lêm no semblante,
O que está no coração.

Sempre acordado te vejo,
Ou se sonho alguma vez,
E onde mesmo tu não hes,
Minha alma te pensa ver.

Das tuas graças ausente
Em ternas ancias suspiro;
Se estás presente, deliro
De alvoroço, e de prazer.

Só de teos encantos falo
Mavioso, enternecido,
Outra lembrança offendido
Me faz de repente irar.

Se alguem vejo de mim junto,
Te nomeio perturbado;
Do proprio rival ao lado
De ti costumo falar.

Ou mostres altivo o rosto,
Ou concedas terno agrado:
O teo despreso he baldado,
A minha defeza em vão,

Só o teo imperio tem
Para mim docura usada;
Da ventura a só estrada
Existe em teo coração.

O praser encaro triste,
E o tormento socegado,
Se este por ti he causado,
Se o outro vem sem teo favor.

Ri-se com tigo a campina,
Salta alegre a fonte pura,
A morada mais escura
Com tigo não causa horror.

Ora vou falar sincéro;
Não só me pareces bella,
Não só te conheço aquella
Sem par, sem comparação:

Mas inda arrastro as cadêas
Que em vão (por vintura minha)
Pensei já quebradas tinha,
Renunciando á viver.

Quiz minha alma evitar penas
Para mais aflicta ver-se;
Não mais quererá vencer-se,
Não pode tanto soffrer.

Passarinho, que se enlaçae
Em trahidor visco, innocente,
Em vão procura contente
Libertar-se da prisão.

Esvôaça em curto espaço.
Mais apégão-se as peninhas;
De soltar-se das varinhas
Não encontra occasião.

Eu sinto (qual tu não julgas)
Despertar-se o fogo antigo;
Quanto mais vezes o digo,
Tanto menos sei calar.

Loquaz propensão, ó Nise,
O amante á queixas convida;
Nas êeas a chama lida,
Gasta-se o tempo em falar.

Pragueja a Morte o soldado,
Se as suas feridas conta:
Mas eis que a bandeira aponta,
Não lhe lembra o que apanhou.

O escravo estima os ferros,
Em que saudoso gemia;
Já se esquece, de alegria,
Do seo peso, que arrastrou.

Falo, mas só desabáfo
Quando de ti me entretenho;
Não procuro novo empenho,
A constancia tu me dás.

Falo, mas perdão procuro,
Se a expressão te não agrada:
Na posse a mais socegada
Da minha alma, ó Nise, estás.

A' hum peito não inconstante,
A' hum amante verdadeiro,
Ah! o teo amor primeiro
Venha outra vez consolar.

Nenhum engano achar pódes
Neste teo rendido amante;
Jamais huma alma inconstante,
Nise, em mim has de encontrar.

Da-me de paz hum penhor,
Da-me, ó Nise, o coração,
E ouvirás cantar de amor
Quanto cantei de aversão.

LYRA

POR

FRANCISCO VILELLA BARBOZA.
Natural do Rio de Janeiro.

AURAS, que mansas vibraes
As azas nestes retiros,
Manda Amor, vos alimentem
Meos ternissimos suspiros.
Mas se quereis
Matar ardores,
Temei suspiros
Abrazadores.

Echos, que nestes rochedos
Ha muito estaes escondidos,
Manda Amor, que vos despertem
Os meos ais, e os meus gemidos.
Mas se causar
Não quereis dor,
Não repitaes
Queixas de amor.

Regatos, que hides correndo
Tão pobres de vossas agoas,
Manda Amor, que vos augmentem
O meo pranto, e as minhas magoas.
Mas se quereis
Puros critaes,
Prantos de amor
Não recebaes.

Auras, Echos, e Regatos,
Pois Amor póde em vós tanto,
Recebei compadecidos
Meus suspiros, ais, e pranto.
Amor vos dê
Frescura amena,
Alegres sons,
Onda sereua.

LYRA

DO MESMO AUTOR

EM 1799.

I.

VISTE-ME, Anarda, e gemeste....
Mas eu que tambem gemia
Os teos ais attribuia
A' dó de me ver penar.
Não julguei que de amor fossem;
Este em Gelia estar cuidava:
Cégo então, que o procurava
Tão fóra de seo logar!
Nao receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

II.

Sim, Anarda, Amor julguei
Existir no peito della,
E no teo estava, ó bella,
Que a mais bella he o seo altar.
Mas alfim em ti o achei,
Foi-se o encanto, e acabou Gelia;
Assim perde o brilho Delia,
Se Phebo chega a raiar.
Nao receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

III.

Se ella tem longos cabellos,
De cor de ebano, e anellados,
Dize, os teos não são dourados,
Não fazem tudo cegar?
O Sol, meo bem, que aos mais astros
Por brilhante causa zelos,
Tambem tem louros cabellos,
Como os teos se vêem brilhar.
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

IV.

Se os seos olhos são travessos,
E ardentes como os de Venus,
Não faltão certos acênos,
Certa expressão singular?
Quando amorosos se volvem,
E mostrão d'alma a ternura,
Tem a languida doçura,
Em que os teos vejo nadar?
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

V.

Nos teos olhos quaes dous astros
Marco as horas preciosas,
Em que as vagas amorosas
Meo baixel deve sulcar.
Pois se denso nevoeiro
Gyra nelles do ciúme,
Fujo ao trepido negrume
Vou-me no porto anchorar.
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

VI.

Se o seo rosto he bem talhado,
Se he mimosa a face sua,
Tem acaso a cor da tua,
Vêem-se as rozas rebentar?
Tu não ves como já murchos
No seo rosto os jasmins pendem,
Não ves como os teos recendem,
Quaes estrellas no alvejar?
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

VII.

Se ella tem a boca breve,
Por ventura tão jucundo
Vê-se o coral rubicundo
Como na tua rasgar?
A tua boca, meu bem,
He de perolas thesouro:
Tuas palavras são ouro,
Que á tempo sabes soltar.
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

VIII.

Se tem o seio espaçoso,
As ondas n'elle espraiadas,
Já batidas e cansadas,
Dormem como em morto mar.
No teo, meo bem, ao contrario
Empoladas ondas vagão,
Onde as vontades naufragão,
Que ardentes se vão banhar.
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

IX.

Se os seos braços são roliços,
Breve a mão, o pé escasso,
Seos movimentos, seo, passo
Tem teo garbo regular?
Ah! Se tu nos teos me apertas,
Sinto de amor as cadeas:
Se danças, ou se prendes,
Vejo-te as Graças cercar.
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

X.

Em fim, Anarda, de Gelia
No que toca a formosura,
Tenho-te feito a pintura;
E tens tu que recear?
Não tens, além de mais bella,
Huma alma em tudo completa
Que sabe nobre e discreta,
Tantas Graças realçar?
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

XI.

Se por acaso inda á Gelia
Alguma homenagem cabe,
He de nescio, que não sabe
O que he digno de se amar.
Assim ao barro formoso,
Sem alma, sem movimentos,
Mil profanos rendimentos
Vê-se o mundo tributar.
Não receis pois que n'alma
Mais essa Gelia persista:
Já sou teo, e esta conquista
Quem te póde disputar?

A PRIMAVERA.

CANTATA

POR

FRANCISCO VILLELA BARBOZA.

Porque não cantará tambem o Vate
A risonha, a formosa Primavera?

Meleagro Idyll. á Primav.

Trad. por J. B. A. S.

LA onde em tuas margens, patrio Rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte,
E de teos cristaes bebe a onda pura,
(Meta antiga do Sol, centro hoje de Outro,
Cujo lucido Imperio abrange os pólos)
Com providente mão a Natureza
O asilo preparou da Primavera.
Alli não murcha a rosa: alli os troncos
De flores sempre novas se atavião.
Alli (em quanto as negras Tempestades
Sobre as azas de Boreas carregando
A tripia do Inverno a hirsuta grenha,
Nos Ceos rola o trovão, cae o diluvio,

E do Septentrião alaga as plagas)
Se acolhe a Deosa com as Graças todas:
Mas apenas viçosa a amendoeira
Dá signal de acordar ás suas plantas,
No pressuroso carro Phebo a toma:
Dalli volta com elle alegre e rindo.
Quem doce he vêl-a então com mão curiosa
Toucar a densa coma do arvoredo,
E sobre o verde dos macios valles
Desdobrar a cheirosa bordadura,
Em que arte e mimo despendêra Flora!
Quam doce he vêla do sanhudo Inverno
Triumphante correr em roseo carro
Os tapizados campos! Vão ante Ella
Os capripedes Satyros daçando:
Fazem-lhe côrte as Graças prazenteiras:
Namorados de vêl-a os bosques cantão:
Os arbustos, os platanos florescem
Com seo halito doce perfumados:
E os virgineos botões, abrindo os labios,
Com pudibundo riso se franqueião
Ao pranto creador da madre Aurora.

Cantai, ó Pastoras,
A Deosa da sélva,
Que veste de relva
As vossas campinas,
E os valles matiza
De soltas boninas.

E Tu, que a natureza estudas e amas,
Andrada, escuta o canto: ser-te-hão gratos
Os sons da patria Musa, e o nobre assumpto.
Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos,
E no peito a virtude, ella te acéna,
E te convida para os floreos valles
A saudar as matutinas graças
Da formosa Estação, Aurora do anno.
Venturoso o mortal, que comtemplal-a
Póde longe da Corte estrepitosa,
E se apraz de trocar os aureos tectos

Pelos verdes doceis da umbrosa selva!
Das symmetricas praças abhorrido,
Corre estas veigas placidas, sem ordem,
Habitadas da franca Singeleza.
Das flores pelo calyce orvalhado
Do tranquillo prazer o nectar gosta:
E se adornado de virentes folhas
No curvo ramo amadurece o Ouro;
Encetado sem crime, então lhe deixa
A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto espectaculo se ostenta!
Eis das moças Titães a Primogenia,
Que do primeiro Sol dourára o berço,
E o fulgido Oriente assignalára
Com acceso rubim sobre o horizonte!
De brincado lavor vistosas galas
Trajão os Ceos; e os campos a esmeralda;
E as montanhas de perolas se toucão.
Taes do Eden os jardins se nos pintárão,
Que a innocencia enflorou, murchou a culpa:
De cujos restos sempre preciosos
Saudosa a Natureza, de anno a anno,
Com pincel immortal reforma o quadro;
Não de teus camarins, Mortal vaidoso,
Para ornar as paredes ociosas:
No Sanctuario está da Natureza,
E mui longe de vós, Homens vulgares,
Para quem sobre os valles esmaltados
Não tem côr a tulipa, ou cheiro a rosa.

Salve pois, Estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Já dos igneos horizontes
Desce á terra alma scentelha:
Sobre as fontes
Já se espelha
O verdejante pomar.

Já não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades:
Nem tão pouco
Tempestades
Sobre a costa ouço roncar.

Já co' os sóccos quebra a neve
O corado Lavrador:
Já se atreve
Sem pavor
A seos campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta a amor; mas sem apego:
Descrevendo
Torto rego,
Que ha de breve semear.

Rejeitando o tojo bravo,
Tenros prados tosa a ovelha:
Vai o favo
Loura abelha
Fabricando a susurrar.

Cobre povo de mil flores
Todo o valle, e monte agreste:
Traja as cores,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve pois, Estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegra a terra e ar.

Mas que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quão formosa Manhã corôa os montes!
Espargindo ouro e lirios se annuncia
O Rei dos Astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a Primavera!
Soa nos bosques emplumada Orchestra:
Ardem aromas sabre o altar de Flora:
E adora ao Sol alvoroçada a Terra!
O' tu, fonte de luz, Alma do mundo,
Principio omniparente, e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro Estações gyrão perennes,
Sentado no teo Solio de diamantes,
Os meos hymnos protege, agora que alto
Lá do animal lanigero celeste
Ambos os pólos vês equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trévas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas Nações, que te incensárão?
Recebendo de ti alento e vida,
Gratidão lhes dictou canticos sacros:
Levantárão-te altar teus beneficios.

Louvai pois, viventes,
O lucido Nume,
Que próvido lume
Reparte entre os entes:

E o frouxo embrião
Na madre profunda
Anima e fecunda
Da terrea extensão.

Já no arctico pólo
Com jasmins e ouro
Do celeste Touro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso peso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil Moça,
Com graças remoça,
E folga na sphera.

Depois ledo mora
Co' os Lumes irmãos,
E os fructos loução
Nos ramos colora.

Para elles copeia
Da tenra Donzela
A cor da tez bella,
Que o pejo afogueia.

—8—

Mas eis a Tarde de primores rica!
Em mimos com a Manhã rivalizando,
Da creadora Estação veria o ornato,
Com diversos paineis vestindo o Templo.
Seguida dos Favonios innocentes
Desce do Phebeo carro, e á par co' a Deosa
Em floridos vergeis passeia e brinca.
A Amizade a entretem, Amor a encanta.
Aqui tece grinaldas; lá sem ordem
Labirinthos enreda, enleia sombras:
Entre o mirto cheiroso o arroio escuta,
E em cochins de verdura afaga os Somnos.
Engolfada em taes lidas não receia
A paz da Natureza ver turbada . . . .
Quando do Occaso subito negrume
Surge; e sobre o horizonte a Nevoa pousa.
Do Inverno fugitivo Austro juntando
Os dispersos destroços, a reforça:
Cresce, as azas extende, avulta, e voa.

He cerrado Esquadrão de feias Nuvens:
Cobre parte dos Ceos: feroz ameaça
Disputar do hemispherio a posse á Deosa.
Ai dos encantos seos! Quem os defende?
Dá signal o Trovão: começa a luta.
Quanto me agrada ver estes combates!
Tudo he bello nos Ceos, té seos furores:
Inda entre elles reluz da Deosa a imagem!
Em seo auxilio Phebo acode prompto:
Ardente setta rapido dardeja,
Que o seio rasga da assombrosa Treva.
Dissipa-se a tormenta: as Nuvens fogem,
Dando em tributo aljofares á terra.
Venceo a Deosa em fim, e a luz resurge.
Como he mimosa então a Natureza
Co' a bocca em riso, e as faces orvalhadas!
Tal a Donzela, que travesso amante
Em amorosos brincos magoára: (*)
Chora, e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe na alma divinaes delicias!
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O Sol lhe doura a pompa: as flores se erguem
Adornadas de liquidos diamantes,
De enfeitar-lhe a córoa cubiçosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa ramagem se escondêrão,
Harmonioso bando os ares cruza,
Celebrando a Victoria, a Paz, e a Deosa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frautas nos sons
Com hymnos
Divinos
Descantão os dons.

(*) Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada, &c.
Camões Cant. II. Est. XXXVIII.

E tu, Eco, as phrases,
Que escutas,
A's grutas
Ensinas loquazes.

Nas azas então
Os Ventos
Attentos
Suspensos estão.

Porém já lança languido surriso
Phebo sobre os outeiros empinados.
Augusta sombra a Natureza involve,
E doce luz a escuridão prateia.
Eis no theatro da Noite a scena posta,
E nocturnos Festins tecendo encantos.
Seos mysterios então Amor celebra.
Do ethereo pavilhão se extende o pano
Bordado da mais rica pedraria.
Do centro pende do soberbo tecto
Argenteo Lustre, que illumina a scena.
Eu vos saudo, ó Noite, ó Lua, ó Astros,
Que da Quadra gentil sois ornamento!
Nos festejos co' a Terra o Ceo compete,
E fulgores disputa a Noite ao Dia.
Em aureo e vasto circulo os Planetas
Formão attentos nitido cortejo,
A' formosa Estação reconhecidos.
Nella o primevo impulso recebêrão,
Quando do mundo na mimosa infancia,
As prescriptas carreiras ensaiando,
Pela abobada azul promptos rodárão.
Veneranda memoria, anciã, sagrada,
Que repetem fieis á voz do Eterno!

Fervem mil lumes
No ceo sereno,
Que ao brilho ameno
Fazem ciumes
Do verde prado,
Tambem bordado
De seos fulgores:
São estrellas no ceo, no campo flores.

Ventos mais doces sobre as crespas vagas,
Sobre as verdes searas se derramão,
As perfumadas azas extendendo.
Quaes se repartem do Oceano o imperio:
Quaes se dividem as amenas varzeas.
Suaves viraçõe, aquelles cruzão
Os undosos districtos socegados:
E ao voto ardente e saudosa Esposa
Prosperos soprão, borrifando os Deoses,
E os pintados Heroes da erguida poppa.
Brincões Favonios, estes se divertem,
Ora levando ás sequiosas plantas
A amiga geração nas ferteis azas:
Ora brincando co' os anneis dispersos
Da loura Camponeza, que cantando
Entre os dedos de neve o fuso volve.

Neptuno brando
As vagas doma.
Dos mares toma
Zephyro o mando,
Que Euro excessivo,
E Africo altivo,
Exercitavão
Nas salgadas campanhas, que guardavão.

Então desperta
Gyra a ambição.
Oh como vão
Por via incerta
Gravidas quilhas,
Das Mãis e Filhas
Sempre choradas;
Das recentes Esposas detestadas!

Já a novos portos
A frota aborda:
A industria acorda
Nos Genios mortos:
E ao mutuo bem
Correndo vem,
Inda singelas,
Firmes dando-se as mãos as Artes bellas.

Porém quem como Tu, Illustre *Andrada*,
Na malfadada, ingrata Idade nossa,
Ha que assim possa sempre estudioso,
E proveitoso despender da vida
Em melhor lida o seo melhor thesouro:
Na Lyra de ouro ora altos sons tangendo,
Ora regendo os Lusitanos choros,
Donde sonoros alvos Cysnes voão,
Que o mundo atroão com eterno brado,
O Tempo, o Fado, ameaçando, e a Inveja,
Que em vão pragueja vendo a luz Phebea.
Salve, Assembléa de Varões Sapientes,
Astros luzentes sois da Lusa Sphera:
Vá de era em era vossa fama e gloria.
Fiel Historia põe a salvo os que amão,
E a Patria afamão por trabalhos nobres.
Que não descobres, ó sagaz Talento!
Cada elemento submettendo a normas,
As artes formas, e dás leis aos usos.
Em vão reclusos seos thesouros tinha
Com mão mesquinha a Natureza ignava.

Industria cava as preciosas minas:
Cria officinas pertinaz trabalho:
Retine o malho, range a lima, e ruge
Fólo, e muge a lavareda ondeando.
De quando em quando geme a selva; e ás praias
Baixão as faias das froudosas serras,
E a extranhas terras levão uteis seres.
Pomona e Ceres orna a Mãi Cybele;
E de Semele guia o filho as danças,
Prendendo as tranças pampinosas vides.
Sempre assim lides, geração humana!
Riqueza mana das proficuas Artes,
Que mal repartes, caprichosa Sorte.
Porém importe para o bem de tudo
Primeiro o estudo, que nos traz ventura.
Formosa e pura só a dá Sapiencia
A' consciencia, que despio cuidados,
Por livres prados extendendo a vida.
Alli guarida foi achar Verdade,
Quando á Cidade de entre ardis fugindo,
No seio lindo a recatou Virtude,
E ao pastor rude a confiou em guarda.
Muito pois tarda para ser ditoso,
Quem cuidadoso alli não busca abrigo;
Onde o perigo da ambição salvando,
E contemplando a universal belleza,
Que a Natureza tem tão rica ornado,
Por seo dourado codigo instruido,
Cante embebido na lição celeste
A mão que veste á Primavera as flores,
E á Aurora as galas de gentis primores.

No palacio da Riqueza
Não habita a sã Ventura:
Só a encontra o que a procura
Ne seio da Natureza.

Lê pois, *Andrada* ditoso,
No grande livro do mundo,
Em quanto o somno profundo
Cerca o leito do ocioso.

Nas puras manhãs suaves,
Quando o Sabio o campo estuda,
O Rouxinol o sauda,
E ledas cantão-lhe as aves.

Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso,
E brincar no leito hervoso
Vê as sombras buliçosas.

Logo enlevado o diviso
Co' os olhos nos horizontes,
Quando o Sol dourando os montes
Lhes dá o ultimo surriso.

Depois no nocturno veo
Em caracteres brilhantes
Lem os seos olhos errantes
As maravilhas do Ceo.

S. 15402.

PARNAZO BRASILEIRO,

OU

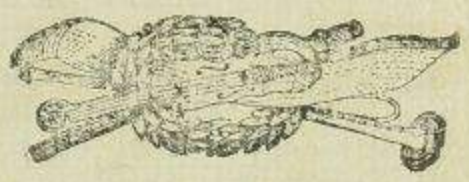
COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

CADERNO 3.º



RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.
1830.

QUITUBIA

POEMA

POR

JOSE' BASILIO DA GAMA.

Faceia pompa d'Eroe L'Africa ancora.

Metastasio.

TU, Deosa de cem bocas, que nos pintas
As ondas do Mar Negro em sangue tintas,
E o Niester incerto, e irresoluto
(1) Sem saber a quem pague o seu tributo,
Eterno assumpto de doiradas liras;
Agora que dos Reis [2] dormem as iras,
Teus olhos sobre a escura Africa estende;
Depois, alada Deosa, os ares fende,
E entoa, ao som de barbara trombeta,
O forte Capitão da [3] Guerra Preta.
Esforçado [4] Quitubia, o Téjo sabe
Quanto valor dentro em teo peito cabe.

---

[1] Foi escripto no mez de Novembro de 1791.

[2] A Paz Geral.

[3] Este he o seo Posto, e assim se intitula.

[4] He o seo nome de Guerra: quer dizer Fogo: o seo nome de Baptismo Domingos Ferreira da Assumpção. Assim mesmo se chamou seo Pai, que governou o Presidio de Ambaca. E o mesmo nome teve já seo Avô, que depois de obrar proezas na guerra, foi o primeiro da sua côr, que disse Missa no Presidio das Pedras.

Herdaste de teu Pai o nome, e o brio,
Que foi terror do perfido Gentio:
Fez-lhe sentir da nossa espada o pezo;
E levando nas mãos o raio acezo
[5] Queimou a Corte da [6] feroz Rainha
Mas tu ganhaste, alem dos que elle tinha
Novo Direito á immortalidade:
He teo brazão a tua lealdade.
O titulo, que tens, deo-te a victoria:
C' o teo sangue compraste a tua gloria,
Que ainda que essa côr escura o encobre,
Verteste-o por teo Rei; he sangue nobre.
[7] Em vão o Pai te quiz ás letras dado:
Estava o bravo [8] Encogy acastellado
No fragoso rochedo ao Ceo vizinho,
Qual Aguia pendurada do seo ninho;
Quando a córagem, que teu peito encerra,
Gritou a teus ouvidos guerra, guerra.
Fugiste a Paz, correste aos inimigos;
Foste buscar a gloria entre os perigos:
Nem tornaste sem ver sobre ruinas
Tremular na alta Pedra as Lusas Quinas.
Depois atravessando o negro mundo,
Duas vezes de incognito Balundo
O Sertão penetraste valoroso:
Lá he que nasce o [9] Gangu tortuoso,
Que desce até perder no [10] Cuanza o nome,
Aonde o [11] Crocodilho os pretos come.

---

[5] Nas guerras, em serviço da Coroa, contra a Rainha Ginga sua Tia. E obrigou-a a retirar-se, e passar para a outra parte do Rio Vhamba, e a pedir paz em 1744.

[6] A Rainha Avô desta chama-se D. Veronica; mas o seo nome he D. Benguc.

[7] Na sua mocidade applicou-se aos Estudos na Capital de São Paulo de Loanda: mas apenas se preparou a primeira expedição, deixou os livros, e foi guerrear.

[8] Potentado, a quem conquistamos a pedra, ou serra, que conserva o seo nome. Hoje he bom Vassallo da Coroa com outros dous Potentados seos vizinhos, o Ambuella, e o Ambuila.

[9] Rio, que vem do Sertão de Benguella.

[10] Rio bem conhecido, que entra no mar ao Sul da Capital de Angola.

[11] Gandu na lingua do Paiz.

Tentaste então, em guerra trabalhosa,
A barbara Quiçama sequiosa;
Terra vil, de tostados horizontes,
A quem negou o Ceo rios, e fontes:
Mas no ventre das [12] arvores sombrias
Resguardão do calor as agoas frias
Da chuva, com que mal se apaga a sede,
Que a ti, e aos teus ir mais avante impede,
Apenas da fadiga descansado,
Para diversa empreza nomeado,
A estrada do valor de novo trilhas:
Lá te vejo abrazar as ferteis [13] Ilhas,
Que a Cuanza em torno serpeando lava:
Que inda que as defendia gente brava,
Evitar não poderão a ruina,
Que a dura Lei da guerra lhes destina.
Já passavas os dias em socego,
Quando os réos Dembos, com orgulho cégo,
Rompem a guerra: a Guarda retrocede;
E soccorro, e vingança a hum tempo pede.
O grande General te chama, e ordena
Que os Dembos desleaes paguem a pena,
Tu levantaste a voz, e o braço invicto:
Conhecerão os Povos o teu grito;
Longe de si o vil terror sacodem:
Os Valentes de Ambaça á guerra acodem;
[14] Ambaça, que teu Pai regeo hum dia;
Que rega da Lucalla a enchente fria:

---

[12] Estas arvores chamão-se Embondeiros: algumas são tão corpulentas, que doze homens não as abração. A casca he grosseira, e dura; o resto he tão brando, que com facilidade, e com qualquer instrumento se deixa cavar. Os negros fazem-lhe huma abertura pelo alto, e entrando dentro, lhe extrahem por alli quasi todo o interior, naquella vasta cisterna depositão toda a agoa, que podem recolher da chuva; que deste modo conservão fresca, e saudavel, nem ha outra no Paiz: a vegetação não só não padece, mas prospera, e a arvore cobre-se toda de folhas, de flores, e de fructos, que se assemelhão a confeitos.

[13] Pertencem á Rainha Ginga.

[14] Rio, que vêm das terras da Rainha, e entra na Guanza.

Pelas margens cubertas de palmeiras
Vem tergando a Azagaya as mãos guerreiras
Arma os Valentes seus com igual brio
Combambe ao longo do espraiado rio,
Que cercão verdes, debruçados ramos;
Largo passeio dos [15] Hippopotamos.
Já d'entre tanto arco, e frexa tanta,
O Mancebo [16] Cabôco se adianta;
O valor pelos annos não espera:
He tiuido inda mais que brava féra
E he seu direito, em que ninguem o iguala,
Ser quem primeiro exponha o peito á bala.
O Bengo, que se humilha ao Gram Tridente,
Da arenosa Loanda a praia ardente;
Massangano, que a [17] prumo o Sol recebe,
E que da Cuanza, e na Lucalla bebe;
Todos á causa Publica concorrem;
E Moxima, e Calumbo ás armas correm,
Já perdido de vista o patrio [18] Pungo,
Cortavas as campinas de Golungo;
Já longe estava a gente valorosa;
Quando instruido em guerra cavilosa,
Com temerario pé pizando as raias
O [19] Mossulo c'os seus, cobrem as praias,
E a Capital assustão, pondo fogo
Toda a margem do Bengo a ferro, e fogo.
O impavido Barão, que tanto póde,
Arma o resto da gente, e a tudo acóde,
Tu passas sem que a nobre ira se abrande,
O turvo Zenza: o emaranhado Daude;

---

[15] Na lingoa do Paiz Guvo.

[16] Souva Moço, que mostrou muito valor na guerra.

[17] Esta fraze em rigor não designa só Massangano: mas poeticamente exprime o effeito do calor, que he alli tão intenso, que succede muitas vezes incendiarem-se os tectos. Os Moradores, em certos tempos, tem sempre agoa sobre elles.

[18] Pedra mais alta que as outras, que se deixa ver de huma grande distancia. O primeiro Capitão Mór das Pedras, posto por Sua Magestade, foi Simão Dias.

[19] O Dembo, que se propôz fazer diversão, e atacar a Capital; e que se chegou para nós ao longo do mar até o Bengo; intitula-se Marquez de Mossulo.

E vencedor dos asperos caminhos,
Lhes vás fazer a guerra nos seos ninhos.
Nem os [20] rebeldes Dembos te esperárão,
Que as casas com a preza abandonárão.
Hum frio susto o peito lhes congela,
Vendo diante a morte, e a causa della.
A vida vão salvar nas suas brenhas;
Outros se acolhem ás nativas penhas;
Cahe a idade innocente, a curva idade:
Ah que eu sinto gemer a humanidade!
Põe debalde a razão á ira o freio.
Correndo vai a Mãi c'o Filho ao seio;
Não vê o precipicio, e o tem diante.
Tu ordenas, e ficão n'hum instante
Os fructiferos troncos escachados;
Os toscos edificios arrazados;
E em severo castigo de seo erro
Devora a chamma o que escapou ao ferro;
Com o exemplo aterrada a infiel gente,
E Africa assim [21] submissa, e obediente,
Já o illustre Barão, c'o a espada ao lado,
As vélas solta para o Téjo amado.
Tu com elle nas azas vens do vento,
Té ver fugir do instavel Elemento
Com a frente torreada a gram Lisboa,
De quem tão alta fama ao longe sôa.
Que ha muito teu sensivel peito encobre
A ancia que tens, e o pensamento nobre
De ver inda huma vez na Patria bella
A alma grande, que viste longe della:
E que te fez sentir na adversidade
O raro dom do Ceo, doce amizade,
Que une as distancias, e que iguala as sortes,
Mais seguro nos bosques, que nas Cortes.
Nas mãos lhe achas as redeas do Governo,
E o mesmo coração, e peito terno:

---

[20] Forão o Quingueugo, e o Nabua Angongo, ambos d'além do Dande.

[21] O Capitão Mór da Guerra Preta, que ficou na ausencia do valoroso Quitubia, he Luiz Gonçalves Vaz, seo Discipulo na Arte da Guerra, e que faz honra ao Mestre; sem ter a estatura do primeiro, tem todo o seo valor, como bem mostrou no caminho Encogy.

Lagrimas doces, lagrimas saudosas
Viste cahir das faces generosas
De quem olhou constante, e resoluto,
Para a desgraça com o rosto enxuto:
Quando o viste maior foi na desgraça,
Com a poderosa mão te ergue, e te abraça,
E te encaminha aos pés do Throno Augusto.
Gozaste então entre prazer, e susto,
Quanto a tua alma suspirado tinha.
Tu viste com teus olhos a Rainha
De seus Povos felizes adorada:
Tu puzeste a seus pés a invicta espada:
E cheio do respeito mais profundo
Beijaste a mão, que faz feliz o Mundo:
Ouviste o doce som da voz suave,
Que tem dos nossos corações a chave.
Porém leva gravado na memoria,
Que ao contar as batalhas, e a victoria;
Os crueis golpes; as mortaes feridas;
As cabeças dos corpos divididas,
E em sangue, e pó revoltos os cabellos;
Tu viste enternecer seus olhos bellos,
Não pódes desejar honras maiores,
Firmou a Mão Real os teus louvores:
Declarou que se dá por bem servida,
Unico preco, por que arrisca a vida
Nação leal de gloria cobiçosa.
Agora torna aos teus: chama-te a esposa,
Que com agudos ais rompe o ar denso,
E estende os olhos pelo espaço immenso,
Contando os longos dias da saudade:
A razão, e o dever to persuade;
Torna aos teus, que te esperão cuidadosos,
Que á guerra te seguirão valorosos;
Mostra-lhe o premio, que a virtude anima:
Conta da bella Europa o doce clima;
Os usos, os costumes differentes,
Cheios de inveja os Souvas teus Parentes
Na Corte o ouviráõ da Real Tia.
E em quanto a Augusta, a Immortal Maria,
Manda do alto do Throno em paz, em guerra,
Seus raios, e seus dons ao fim da terra;
E com a vermelha Cruz te adorna o peito,
Com este loiro a tua testa enfeito.

O TEMPLO DE NEPTUNO.

IDILIO.

A Deos Termindo, adeos Angustos lares
Da formosa Lisboa; o leve pinho
Já solta a branca véla aos frescos ares.

Amor, o puro mor do patrio ninho
Ha muito que me acena, e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do Deos marinho.

Eis a náo que já d'hum, já d'outro lado
Se deita, e se levanta; foge a terra,
E me foges tambem Termindo amado.

Da alegre Cintra a desejada serra
Mal apparece, e o valle, que ditoso
De Lilia, e Jonia a voz, e a lira encerra.

Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira,
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a Real bandeira
Despregada da popa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar de quando em quando
O vento, os varios climas, e o perigo
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva comsigo,
E te arranca dos braços n'hum só dia
O suspirado irmão, e o caro amigo.

Rijo Norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do Sol os raios puros
Voltárão, e só mar, e Ceo se via:

Quando a esteril Selvage [a] os verde-escuros
Hombros ergueo do sal, que se quebrava
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo, que animava
O retorcido buzio, e diligente
De todo o mar a Corte se ajuntava.

Bate as azas hum Genio, e vêm contente,
N' huma mão a coroa, n' outra a taça,
Deo-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo, pois de Febo a mão escassa
Nega sees dons aos rudes, e aos profanos,
Guarda meos Versos dessa tosca raça.

Embora os leião peitos sobre-humanos,
Que no cume do monte bipartido
Virão das santas Musas os arcanos.

Entrei no Templo de cristal polido,
Do grão Neptuno amplissima morada,
E o vi n' hum throno de safira erguido.

De fronte está de Ninfas rodeada
A branca Thetis, as enormes Phocas,
E os amautes Delfins guardão a entrada.

Os grandes rios, que por largas bocas
Entrão no vasto mar com fama e gloria,
C'o as urnas vêm desde as nativas rocas.

Vejo a paz, a fortuna, e a victoria,
O Deos da Arcadia, o inventor da lira,
Venus, Amor, e as filhas da memoria.

---

[a] Ilha deserta não mui distante da Madeira.

Principe amado, por ti suave gira
Nas cordas d'oiro o delicado plectro
Apollo o move, e Clio assim respira.

Em alto nupcial, festivo metro
Do lucido Titan a bella esposa,
De côr de rosa o aureo coche adorna;
E alegre torna a nos mostrar seu rosto,
Cheio de gloria, de prazer, de gosto.
As brancas azas sobre o novo leito
Aos Ceos acceito o casto Amor estende,
A pira accende, e inda esteitar procura
O mais ditoso laço a fé mais pura.
Concordia, tu que tens de Amor a chave,
Prisão suave tu lhe tens tecida,
De quantos Ida em margens deleitosas
Cria intactos jasmins, e frescas rosas,
Persico ornato a fertil copia ajunta;
E de Amatunta a Deosa delicada
Vem rodeada dos Cupidos bellos,
Huns voão, outros lhe pendem dos cabellos.
Casta Lucina, o teu formoso aspecto
Com doce affecto inclina, e nos dê prova
A prole nova que he de amor tributo,
E seja de taes ramos digno fructo;
Se fundárão por seculos inteiros,
A vós guerreiros, de Lisboa os muros,
Netos futuros entre gloria immensa
Nascei, he vossa a justa recompensa.
Cercão o throno a candida verdade,
E em tenra idade a rara fé nobreza,
Graça, belleza, e quanto o Ceo fecundo
Por honra da virtude envia ao mundo.
O jubilo nos povos se derrama,
Alegre a fama vai de agoiros cheia,
E a nuvem, feia que a tristeza envolve,
Espalha o vento, e em átomos dissolve.
Do grande Avô o espirito disperso
Pelo Universo vôa, aos seus vindouros
Prepara os loiros; vejo a murta, e as palmas,
Dignas coroas de tão grandes almas.
Possa da Augusta Filha o forte braço
Por longo espaço sustentar o escudo,
Que ampara tudo o que o seu Reino encerra,
E encher de astros o Ceo, de Heroes a terra.

Cantou a Musa, e sobre todos chove
Celeste ambrosia; alado mensageiro
Leva as noticias ao supremo Jove.

Ouvio então do mar o reino inteiro
A fatidica voz, e o nobre canto
De Protheo, que os futuros vio primeiro.

Cantava como ainda... mas o espanto
Dos olhos me roubou tudo o que eu via,
Que os timidos mortaes não podem tanto.

Cheia de limo, e de ostras, dividia
A já cansada proa os mares grossos,
Até que amanheceo o novo dia.

Se em fim respiro os puros climas nossos
No teo seio fecundo, ó patria amada,
Em paz descancem os meus frios ossos.

Vive Termindo, e na inconstante estrada
Piza a cervis da indomita fortuna,
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do throno em solida columna.

SONETO.

AO MARQUEZ DO POMBAL,

Quando em sua queda, o povo de Lisboa pedio que se tirasse o seu retrato, que se havia posto no monumento do Terreiro do Paço.

NAO temas, não Marquez, que o povo injusto
De teus grandes serviços esquecido,
Pelos gritos da enveja enfurecido
Sollicite abolir teu nobre busto.

Para ser immortal teu nome augusto
Não depende do bronze derretido;
Em mais firmes padrõens fica insculpido
Teu nome excelso, teo valor robusto.

Lisboa restaurada, o Reino ornado
De Sciencia, de Industria, e de cultura,
De Policia, e Commercio apropriado:

A Tropa regulada, a Fé segura,
O Thesoiro provido, o mar guardado:
Eis aqui do teu genio a copia pura.

Por J. B. da Gama.

SONETO.

AO MESMO MARQUEZ,

Appresentando-lhe o Poema Uraguay, o mesmo Autor.

ERGUE de jaspe hum globo alvo, e rotundo,
E em cima a estatua de hum Heroe perfeito;
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
Que o seu nome enche a terra, e o mar profundo.

Mostra no jaspe, Artifice facundo,
Em muda historia tanto illustre feito,
Paz, Justiça, Abundancia, e firme peito,
Isto nos basta á nós, e ao nosso Mundo.

Mas porque póde em seculo futuro,
Peregrino, que o mar de nós affasta,
Duvidar quem anima o jaspe duro:

Mostra-lhe mais Lisboa rica, e vasta,
E o Commercio, e em logar remoto, e escuro,
Chorando a Hypocrisia. Isto lhe basta.

SONETO.

Do mesmo Autor, a Nossa Senhora da Madre de Deos, quando com as pessoas do Navio, em que fora para Lisboa lhe offerecerão o Traquete, segundo o voto feito em grande temporal.

SE eu beijo a praia, e vos penduro o voto,
E se ainda respiro nestes ares,
Forão vossos prodigios singulares,
Não dextreza do palido piloto.

Qual fosse a furia do soberbo Nóto
Mostrão vossos Santissimos Altares,
Este despojo dos vencidos mares,
Farpado resto do Traquete roto.

Cobrio-se o mar e o Ceo de sombra escura,
E a Náo pendente, e surda ao leme e á vela,
Nos fez tocar da morte a sepultura:

Porém veio a manhã serena e bella;
E como não viria, ó Virgem pura,
Sendo Vós nossa Aurora, e nossa Estrella!

SONETO.

A' RAINHA D. MARIA I.

Pelo mesmo Autor.

EM quanto o Botemkim o Turco aterra
Junto á faldas do Caucaso eminente,
E a palida, barbuda, infida gente,
Confusa de Bisancio as portas cerra;

Emquanto Brandbourg contempla a guerra,
Que Leopoldo illudio astutamente,
E a Belgica rebelde abaixa a frente,
Até tocar co' o rosto o pó da terra;

Emquando o fero Inglez, com manha e tento,
Novos planos projecta cada dia,
E o ligeiro Francez dá leis ao vento;

Hymnos ao Ceo a Lusitania envia,
Pelos bens, que recebe cento á cento,
Das mãos benignas da immortal Maria.

Descripção, e Fabula do Pão de Assucar, e do sitio denominado o Botafogo, extrahida do 2.º Canto do Poema Heroi Comico, inedito — Estolaida, — composto por João Pereira da Silva, do Rio de Janeiro.

X.

HA na foz larga d'este equoreo Rio,
Que o nome tem do Deos de dous semblantes,
Morto remanso em hum logar sadio,
E defêso dos ventos sibilantes:
Alli não calla o Inverno, nem o Estio:
Babuja o mar co' as conchas mais galantes:
Do silencio palacio verdadeiro,
Que cerra o *Pão de Assucar* sobranceiro.

XI.

Esta penha redonda, alta, e pontuda,
Suster parece a Capricornea Zona:
A piramide Egypcia mais aguda
D'ella á vista se abate, e desabona.
Ou he da madre Terra a lingoa muda,
Do Mundo antigo maravilha nona,
Ou foi, segundo os Gregos e Romanos,
Pão de Assucar do Chá dos Centimanos.

XII.

Tomando sim os mostruosos Brontes
De Bacco o Chá na Liparea cópa,
Alçarão contra o Ceo soberbas frontes,
E qualquer joga as armas com que tópa;
Com as chicaras lhe atirão de ôcos montes,
Cahe na Asia o Tauro, e os Perineos na Europa;
E o Pão de Assucar, como mais ligeiro,
Na foz cahio do Rio de Janeiro.

XIII.

Seu cume excelso sempre fumegante
Apparece por vezes inflamado:
Raios trisulcos lança lhe o Tonante,
Neptuno o tem bramindo rodeado.
E ou por jazer debaixo algum gigante,
Qu' inda chammas vomita exasperado,
Ou dos relampos pelo assiduo jôgo,
Chama-se a curva praia — *Botafogo.* —

ODE.

Recitada no Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, em presença do Vice Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, por seo Autor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga; de Minas Geraes; no dia 12 *de Outubro* 1788.

I.

LONGE, longe daqui, vulgo profano,
Que das Musas ignoras os segredos.
Eu vi sobre rochedos,
Onde nunca tocou vestigio humano,
Alta Deosa descer com fausto agoiro
Em branca nuvem realçada d'oiro.

II.

Ah! vem, formosa candida Verdade,
Nos versos meos a tua luz derrama;
Por elles nome e fama
Terei com gloria na futura idade:
Premio, que me não rouba a mão escassa
Do tempo injusto, que voando passa.

III.

A perfida lisonja, pregoeira
De palmas e tropheos não merecidos,
Aos éccos repetidos
Da minha Lyra foge mais ligeira,
Do que cruza os limites do Hemisferio
O leve fusilar do fogo ethereo.

IV.

Levante embora os façanhosos Templos
Barbaro habitador do cego Egypto,
Onde de infame rito
Deixe aos mortaes tristissimos exemplos,
Louca vaidade, e orgulho, que nutrirão,
E inda agora as Piramides respirão.

V.

De Nações, que assolou com guerra dura,
Obeliscos transporta a antiga Roma:
Nos curvos hombros toma
O vasto pezo, que elevar procura;
E a molle immensa, que o Averno opprime,
Fere co' a ponta aguda o Ceo sublime.

VI.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa gloria monumentos?
Insultados dos ventos
Estereis passarão de idade á idade,
Qual Gelboé, que o Ceo não abençôa,
E sô d'aridas pedras se povôa.

VII.

Tu sim, com gloria ao Mundo e aos Ceos acceito,
Te elevas, firme asilo da Innocencia;
Tua magnificencia
Co' as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os muros, onde dorme
A vãa superstição, e o vicio enórme.

VIII.

Eu t'admiro qual arvore frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce:
Por ti risonha desce
Suave Primavera deleitosa.
Nem temas que te roube Astro maligno
O orvalho creador do Ceo benigno.

IX.

Em vão gelado Inverno extenda as azas
Sobre o carro de Boreas proceloso;
Em vão o Cão raivoso
Chammas espalhe nas Celestes cazas:
Sempre illesa serás, segura, eterna;
Quanto se deve á mão, que nos governa!

X.

O' generosa mão, que não desmaias
No meio das fadigas! Ou dos montes
Desção as puras fontes,
Ou fuja o mar infesto as nossas praias:
Ou a peste horrorosa, magra, e escura
Ache no antigo lago a sepultura.

XI.

As Artes se levantão apressadas,
E alegres, á colher a flor e o fructo:
E as Musas por tributo,
Fulaçando Coroas engraçadas,
Mandão nas azas do ligeiro vento
Hymnos de paz ao claro firmamento.

XII.

Doce Paz, ah! não fujas! Longos annos
A Guerra n'outros campos homicida,
Semeie enfurecida
Co' a mão ensanguentada os mortaes danos;
E em tanto no seo bosque alto, e sombrio
Descanse em urna d'oiro o Patrio Rio.

XIII.

Mas que trovões? Que nuvem sobre os ares
Vôa açoitada do soberbo Noto?
Vem, O' sabio Piloto
A furia contrastar dos negros mares,
E a vencedora nao possa contente
Lançar na curva praia o ferreo dente.

XIV.

Se a Discordia com éccos furibundos
Sacóde a negra facha accesa em ira:
Se o furor, que respira,
Turba os vastos confins d'ambos os Mund
Tu abrirás no campo da victoria
Novos caminhos para nova gloria.

XV.

Qual o Leão feroz, que generoso,
Brando, e grave, na paz encobre a furia,
Mas que depois da injuria
Encrespa a grenha, e firme, e valeroso
Arrostra o inimigo, e não descança
Sem tomar no seo sangue alta vingança:

XVI.

Tal espero de ver-te, O' novo Marte,
Por entre estragos, mortes, e ruinas,
As Lusitanas Quinas
Levando vencedor por toda a parte,
E igual aos teos Maiores sobre a terra
Grande sempre na Paz, grande na Guerra.

ODE.

Ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, recitada pelo seo Autor, Domingos Vidal de Barboza, do Rio de Janeiro, em 10 de Outubro de 1783.

I.

Brilhante luz, que me transporta, admiro!
Sinto em meo peito estranho movimento!
Que doce encanto! Novo ar respiro!
Já oiço no alto assento
A aurea Trompa da Deosa verdadeira
D'altas acções eterna pregoeira.

II.

O' Musa, de Luiz a gloria canto;
Prende-se a voz no rude e fraco peito,
Palpita o coração cheio de espanto,
E cheio de respeito;
Pois com tremula mão a Lyra afino,
Desça á inflamar-me o teo furor divino.

III.

Eu vejo suspendida sobre os ares
A grande tócha da immortal Verdade!
Santa Innocencia, vejo os teos altares
Isento de maldade!
Entre doirada nuvem luminosa
Alegre desce Astréa magestosa.

IV.

A Justiça levanta o braço irado,
Açoita os monstros, que o mortal veneno
Vomitão co'a desordem misturado;
O justo Ceo sereno
Abre com larga mão rico thesoiro,
E manda por Luiz a idade d'oiro.

V.

A deshonra, e o adulterio enfurecidos
Por terra vendo o seo antigo imperio,
Da candida Justiça perseguidos
Buscão outro hemisferio:
As leves negras azas desferindo
Quaes timidas do Açor pombas fugindo.

V.

A Paz, a doce Paz, terna e ditosa,
Por entre nós voando diligente,
Co' alegre manto cóbre carinhosa
O justo, e o innocente:
Já vemos o que o Fado promettia,
Dias de gosto, dias de alegria.

VII.

Se não vemos desfeitos fortes muros
Aos tristes éccos do terrivel Marte
Entre glóbos de fumo altos e escuros;
Vemos Engenho e Arte,
Que podem espalhar por toda a terra
Gloria na Paz, nome immortal na Guerra.

VIII.

O irado Tempo, que ancioso vôa
N'alta carroça, que com pressa gyra,
Veloz o quente eixo fuma e soa,
Parando cheio d'ira,
A rouca voz soltou vociferando,
Da boca pelos cantos escumando:

IX.

Do infalivel Destino tenho ouvido
Que teu nome, no Mundo respeitado,
Será do meu imperio defendido:
Mortal afortunado,
Escuta, á meu pesar, a profecia,
Que se verá cumprida em algum dia.

X.

N'esta foice, de ruinas instrumento,
Teu nome gravarei; co' elle lançando
A gloria dos Heróes, no esquecimento,
Que a Fama anda cantando,
Voltarei contra mim o odio e a inveja,
Sem que nenhum isento o Mundo veja.

XI.

Serei triste e terrivel homicida
D'altos Imperios, Torres elevadas;
Pobre choupana á cinzas reduzida,
Cidades sublimadas,
Tudo consumirei; só tua gloria
Verei sobir ao Templo da Memoria.

XII.

Isto dizendo, o écco retumbava,
E de Luiz o nome assignalado
Nas azas da virtúde aos Ceos voava.
O mesmo velho irado
Por hum pouco depoem a furia insana,
Que tem de destroir a raça humana.

XIII.

E vós, Senhor, que unis no illustre peito
Do bravo Marte ora terror e espanto,
Da sabia Deosa ora o sagrado effeito,
Não desprezeis meu canto:
As debeis novas forças inda rudes
Não podem bem louvar vossas virtudes.

SONETO.

Ao lançar-se ao mar, no Rio de Janeiro a Náo Serpente (depois São Sebastião) no Vice-Reinado do Conde da Cunha.

JA do lenho as prisões se desatarão,
E assustada serpente as aguas trilha,
Já ondêa no mar a instavel ilha,
E já no fundo as ancoras pegarão.

Os ventos sobre as azas se firmarão
Por ver de perto a nova maravilha,
E ao vasto peso da disfórme quilha,
Gemeo Neptuno, e as ondas s' incurvarão.

Verdes Nymphas azues do pégo undoso,
Conduzi pelos humidos logares
Esse errante edificio magestoso:

E entre tantas emprezas singulares,
Veja o mundo qual he mais glorioso,
Dar leis á terra, se por freio aos mares.

Por J. B. da Gama.

SONETO.

Ao Doutor A. F. R. sobre huma Memoria por elle escrita contra as mulheres, aconselhando ao Author desta Poezia, que se não casasse.

QUE importa, meu Doutor, tenha defeitos,
Mais do que o nosso, o Séxo feminino?
Que seria do Sexo masculino,
Faltando quem nos géra, (*) e nutre aos peitos?

São mutuos dos dous Séxos os effeitos,
Tendem hum para outro, em força e tino;
E a dependencia he tal, que o Ser Divino
Quiz que no mesmo dia fossem feitos.

Mas he nossa partilha o ser injustos;
Quam mal pagamos ás que o Ser nos derão,
E á quem sempre custamos dor, e sustos?

Oh! Se Ellas nossos crimes escreverão!...
Ou tiverão dous braços mais robustos!...
Tantos homens perversos não viverão!

(*) Allude-se á que a mulher tem maior parte no Systema da geração: por isso que o embrião existe inteiramente formado no Ovulo materno.

Por Custodio Gonçalves Ledo.
Natural do Rio de Janeiro.

SONETO.

Ao mesmo assumpto, e para prova de que o Poeta não muda de intenção, por mais que o seu amigo o queira dissuadir.

QUAM doce he, meu Doutor, na Estação fria
Passar a noite em braços da Consorte,
E unido á ella em conjugal transporte,
Pedir á Aurora que demóre o dia!

Ah! Que se em taes lençóes inda me via,
Antes de me tocar a mão da morte,
Ganhava novo Ser, e nedio, e forte
Mais largos annos que Nestor vivia!

Muito embora me agoures que o ciúme,
E os zelos da Consorte, accêso o peito,
Havião de trazer-me em vivo lume:

Não varío por isso de conceito;
Por quanto em persintindo hum tal queixúme,
Dava-lhe a cura sem sahir do leito.

Pelo mesmo C. G. Léda.

ODE.

A' MOCIDADE PORTUGUEZA.

POR OCCASIAO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA PELO MARQUEZ DO POMBAL.

Foi composta por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga, então estudante da mesma Universidade.

I.

A Fastosa indolencia,
Tarda preguiça, e mólle occiosidade,
Tiveste por Sciencia,
Infeliz Lusitana Mocidade.
Viste passar, cahindo de erro em erro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

II.

Parece não tocada
A arêa, que já foi por tantas vezes
Com o suor regada
Dos Sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançarão
Os verdes loiros, de que a frente ornarão.

III.

Longe de seus altares
Jaz a Deosa, que horror! posta em desprezo.
Cobre de sombra os ares
Deos do trovão, hum raio d'ira acceso
Vingue a Filha do Ceo. Os mundos tremem,
O Sol desmaia, o vento e os mares gemem.

IV.

A face descorada
No manto azul co' a propria mão esconde,
Por não ver coroada
A ignorancia, qu' insulta e que responde,
Que em seus annaes escreve por façanha
Ter subjugado a generosa Hespanha.

V.

Mas ella vê por terra
Todo o seu culto á cinzas reduzido.
Faz-lhe improvisa guerra
Raio consumidor do Ceo cahido;
Nem ha portas de bonze, ou muros d'aço,
Tudo cede ao poder do Augusto braço.

VI.

Aos cegos Africanos
Vôa a superstição buscando asilo.
Fanaticos enganos,
Tornai ás margens do encantado Nilo,
E o negro monstro, que se expoem sereno
Ao ferro, ao fogo, ao laço, e ao veneno.

VII.

A perfida impostura
Nem sempre ha de reinar; hum claro dia
Aparta a nevoa escura
Do teu Templo, immortal Sabedoria:
Gemem das aureas portas os ferrolhos,
E a desuzada luz offende os olhos,

VIII.

Aquella mão robusta,
Dos Herculeos trabalhos não cançada,
Não treme, não se assusta
Quando te leva aos Astros, adornada
Do nativo esplendor, e magestade,
Qual já te vio de Roma a bella idade.

IX.

Assim depois que dura
Seculos mil essa ave portentosa,
Da mesma sepultura
Resurja mais bella e mais formosa,
Para admirar de nova gloria chea
Os aridos desertos da Sabéa.

X.

O' candida Verdade,
Filha da immensa luz, que o Sol conserva,
Illustra em toda a idade
Este sagrado Templo de Minerva.
Digna-te ser, pois vens do assento ethereo,
A Deosa tutelar do nosso Imperio.

XI.

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já nos convidasse
Amor das Lettras no regaço alheio,
Cortando os mares, desde as praias, onde
O oiro nasce, e o Sol o carro esconde:

XII.

Pisai cheios de gosto
Da bella gloria os asperos caminhos,
Em quanto volta o rosto
O fraco, o inerte á vista dos espinhos,
E fazei que por vós inda se veja
O Imperio florecente, e firme a Igreja.

XIII.

Longe do féro estrago
Os pomos d'oiro colhereis sem susto.
O sibilante Drago
Cahio sem vida aos pés do Throno Augusto;
E ainda tem sobre a testa formidavel
Do grande Heroe a lança inevitavel.

XIV.

Enchei os ternos votos
Da nascente esperança Portugueza;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao Templo da Grandeza:
Hide, correi, voai, que por vós chama
O Rei, a Patria, o Mundo, a Gloria, a Fama.

A' ESTATUA EQUESTRE, EM LISBOA.

OITAVA.

VIO Minerva de hum jacto só fundida
Com tanta perfeição a Estatua rára,
Que pezarosa de faltar-lhe a vida
Diligente á animal-a se prepara;
O fogo ethereo, com a mão erguida,
Hia á infundir-lhe, mas attenta pára,
Vendo que ficaria desta sorte
Huma obra immortal sujeita á morte.

Por *Joaquim Ignacio de Seixas Brandão*,
(Medico das Caldas) Natural de Minas Geraes.

AO POEMA URAGUAY.

SONETO.

PELO MESMO AUTOR

PARECE-ME que vejo a grossa enchente,
E a Villa errante, que nas aguas boia:
Detesto os crimes da infernal tramoia;
Chóro a Cacambo, e o Cepé valente.

Não he presagio vão, lerá a gente
A guerra do Uraguay, como a de Troya;
E o lacrimoso caso de Lindoya
Fará sentir o peito, que não sente.

Ao longe, a inveja hum paiz ermo, e bronco
Infecte com seu halito perverso,
Que a ti só chega o mal distincto ronco.

Ah! consente que o meu junto ao teu verso,
Qual fraca vide que se arrima á hum tronco,
Tambem vá discorrer pelo Universo.

OITAVA.

Estavas linda Ignez posta em socego
De teus annos colhendo o dcce fruto
Naquelle engano d'alma ledo, e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuto
Aos montes ensinando, e as ervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

Camões Cant. 3. *est.* 120.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

PASSAVAS com descanço noite, e dia
De amorosos cuidados innocente,
Já vendo as flores, que este campo cria,
Já do Mondego a placida corrente,
Já ouvindo das aves a harmonia,
Com que voão cantando alegremente,
E apezar desse Deos injusto, e cego,
Estavas linda Ignez posta em socego.

II.

Amor, que ha muito tempo o magoava
Ver-te isenta passar a flor dos annos,
Em ti descarregando toda a aljava
Queria sujeitar-te aos seos enganos;
Da multidão das settas que atirava
Nenhuma faz em ti seus crueis damnos,
Antes hias sem dar á Amor tributo
De teus annos colhendo o doce fructo.

III.

Vôa á Sicilia o Deos envergonhado,
Entra do Pai nas fumegantes covas,
E depois de se haver de ti queixado,
Formosa Ignez, lhe pede setas novas:
Bem mostra neste excesso que empenhado
Quer fazer de tou peito extremas provas,
Só porque vivas tendo amante emprego
Naquelle engano d'alma ledo e cego.

IV.

Huma setta Vulcano lhe põe prompta,
Porque sentio o filho ver afflicto,
Com que castigar possa a sua affronta,
Como se o não amar fosse delicto;
No gume de oiro da afinada ponta
De Pedro lhe gravou o nome escrito,
Por levar da innocencia aquelle fructo,
Que a fortuna não deixa durar muito.

V.

Já corta o ar sereno o Deos menino
Com a paterna dadiva contente,
Deixando atrás o Ploro, e o Paquino,
A Serdenha, e Maina juntamente;
Vê á esquerda a Italia, o Apenino,
Os Pyrineos já passa, a ibirea gente,
E a seu vôo lîgeiró põe socego
Nos saudosos campos do Mondego.

VI.

Aqui pertende das antigas dores
Tomar vingança, restaurando a gloria;
Já grita, altiva Ignez, dos meus furores,
Hoje não fugirás, tenho a victoria;
Inda tempo virá, em que os Pastores
Aqui venhão cantar della a memoria
Ao pé deste rochedo bronco, e bruto,
De teus formosos olhos nunca enxuto.

VII.

Acabou de fallar, e diligente
Por não errar o tiro fez estudo,
Despede, a setta corre velozmente,
Traspassa o tenro peito o ferro agudo;
Aprenda, diz Amor, todo o vivente
Que á meu grande poder se rende tudo;
E vós, ó Ninfas, ide as glorias minhas
A's flores ensinando, e ás ervinhas.

VIII.

Fugio Amor, roubando-te o socego,
Ignez, d'huma alma livre o melhor fructo:
Que não póde ao imperio duro, e cégo
Humano coração resistir muito;
Amante já as margens do Mondego
Passêas com o rosto nunca enxuto,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

Achando-se o marquez do Pombal na sua Quinta da *Granja*, em occasião da chegada do Correio de Roma, que trazia a Bulla da extincção dos Jesuitas, fez elle ver á Companhia, que o cercava, a Medalha, que vinha com a dita Bulla, em que se vião gravadas as Armas de Clemente XIV., as quaes erão hum monte com tres Estrellas no seu cume, ficando-lhe fronteiro o Escudo das Armas de Portugal; e por cima o Sol espargindo a sua luz sobre as Quinas, dellas reverberando nas Armas do Pontifice, e daqui cahindo raios, que aterravão figuras de Jesuitas, que se vião cahidos com seus livros debaixo dos braços. Em roda da Medalha havia esta legenda extrahida do I.º Livro dos Macabeos — *refulsit Sol in clipeos aureos, resplenduerunt montes ab eis... et multitudo gentium dissipata est.* — No reverso da Medalha, quatro meias luas, com as pontas humas para as outras, fazião ver as Armas do Marquez.

Tendo chegado esta Medalha ás mãos de J. B. da Gama, que estava na companhia, depois de estar attento hum pouco para as Estrellas e Legenda, ao entregar a Medalha ao Marquez repetio de improviso a seguinte

DECIMA.

Não virão Sol nem Estrellas
Os turbados horisontes;
Quem deo luz á Escudo e Montes.
Forão vossas Luas bellas,
Vossas providas cautellas
Nos servirão de pharol,
E o Romano Girasol,
La das Eminencias suas,
Vendo ao longe quatro Luas
Cuidou que era a luz do Sol.

NOTA.

Traducção da Legenda Latina. — Brilhou o Sol nos escudos doirados, com a sua reverberação resplandecerão os montes... e dispersou-se a multidão dos povos.

J. B. da Gama, estando em huma Quinta em Cintra, escrevia no tronco de huma arvore os seguintes versos:

Neste tronco, com meus votos,
Escrevo os de Marcia bella.

Huma Senhora, amante das Musas, o fez não continuar, pedindo ao Padre Domingos Caldas Barboza, natural do Rio de Janeiro, que se achava presente, que acabasse de improviso a quadra; e elle sem demora escreveo os seguintes versos:

Porém se o tronco murchar,
Não he por mim, he por ella.

Contão-se muitos improvisos deste mesmo Padre Caldas, dos quaes copiaremos alguns, que sem duvida merecem ser lidos.

Entrava em huma Salla o Negociante Caldas, á tempo que o Padre improvisava ao som da guitarra, como era seu costume, e immediatamente o cortejou dirigindo-lhe a seguinte quadra, frisante pelas qualidades de rico e pobre, branco e pardo, por onde se distinguião o Negociante do Poeta.

Tu hes Caldas; eu sou Caldas;
Tu hes rico, e eu sou pobre;
Tu hes o Caldas de oiro,
Eu sou o Caldas de cobre.

Em outra occasião improvisava, cantando e glosando o motte que se dera, — *quem perdeo a liberdade* —; e por que teve hum engano, acodio logo com a seguinte quadra.

Errei o verso, he verdade,
E confessar he precizo:
Que muito que perca o sizo
Quem perdeo a liberdade?

Tambem glosava — *tem dó do meo coração;* — e por que cada huma das Senhoras lhe dava o consoante com que elle formava a quadra, huma, talvez para o embaraçar, lhe dice: — *pião* —, e elle sem demorar-se fez assim a quadra:

Tu me fazes dar mil voltas,
Como se eu fosse hum pião;
Da-me a corda que quizeres,
Tem dó do meu coração.

A Illustre O' Neille pergunta que cousa sejão saudades.

RESPOSTA.

Pelo mesmo Autor.

MUSA, basta de silencio,
Quer linda O'Neille escutar-nos,
E á sua amavel grandeza,
Seria crime escusar-nos.

Limpo as ferrugentas cordas;
Mas desmaia o coração;
E ao pensar no excelso Nome,
Me cahe a lira da mão.

He esta a que em berço augusto,
Graças, e Musas dotarão,
E á quem Artes, e Sciencias,
A docil razão guiarão.

He esta a Britana Sapho,
A quem rendem vassalage,
Com Dacier erudita,
A suave du Bocage:

Qu'estuda o Homem com Pope,
Com Robertson lê o Mundo,
Ri com Swift engraçado,
E segue a Newton profundo.

Co's ouvidos costumados
A' meigas vozes sonoras,
Porque tem seu lugar proprio
Entre as Aonias cantoras;

Como poderá ouvir
Os meos roucos gritos vaõs,
Sem tapar sabios ouvidos,
Com as jasminadas mãos?

Não he do Tamisa hum Cisne,
Que vai soltar doce canto;
Brasileiro Papagaio
De arremedo a voz levanto.

Tinha razão de callar-me,
Deveria emmudecer,
Mas se O'Neille quer q'eu falle;
He virtude obedecer.

Em fim, Musa, obedeçamos,
Basta já de dar disculpa,
Porq' o muito disculpar,
Tambem ás vezes he culpa.

Pois saber o que hé saudade,
Gentil O' Neille, careces,
Vou talvez dizer-te hum mal,
Que soffres, e não conheces.

Dirão huns q' he sentimento,
Que só Portuguezes tem;
E q' importa falte aos outros,
Vozes qu' o expliquem bem?

Mas eu, Senhora, não quero
Illudir vossa grandeza;
Saudade, he nome qu' explica
Triste mal da Natureza.

Filha da cruel ausencia
He essa terna paixão,
Que se nutre de esperanças
No sensivel coração.

De lembranças, e desejos,
Tristemente acompanhada,
Punge, e fere huma alma terna,
Do amado bem separada;

Por exemplo dividida
Da tua cara metade,
Toda essa falta que sentes,
Isso, O' Neille, he qu' he saudade.

Em meio de mil prazeres,
Sempre esta paixão he triste,
E á seu intimo tormento,
Nenhuma cousa resiste:

Obriga á lagrimas tristes,
Obriga á sentidos ais,
Nem só humanos obriga,
Inda á brutos animais.

Ouve o saudoso gorgeio
Da amorosa Philomela,
Quantas vezes te interneces
Co' a triste saudade della?

O aureo collo entumecendo,
Arrulando o pombo afflito,
Tenra esposa que lhe falta
Chama em seo saudoso grito.

Bravo sanhudo Leão,
A madeicha sacudindo,
Se a cara Leôa prendem,
Os campos corre bramindo.

Traz estes males Amor;
Porém a doce Amizade
Não deixa de ter tambem
A doença da saudade.

Tu, que a memoria tens chêa
De mil successos antigos,
Escusas qu' eu te reconte,
Tristes saudosos amigos.

Do teu Augusto Ricardo,
Te lembre a celebre historia,
E vê do amigo saudoso,
Qual seja a honrada memoria.

Tambem de fido animal,
Que seo bom senhor perdeo,
Se conta que de saudades,
Junto ao sepulcro morreo.

He de temer este mal,
O tempo o torna mais forte,
E em lhe faltando a esperança,
Bem depressa he mal de morte.

Basta, Senhora: já sabes,
Q' em fim saudade só he
O sentimento q' hum soffre,
Quando o que estima não vé.

Tu, qu' onde quer qu' appareces,
Causas Amor, e Amizade,
Terás dado (eu não duvido)
Motivo á muita saudade.

Os nossos Leitores desculparão a publicidade que damos aos seguintes versos jocoserios; elles são producções de hum Mestre çapateiro, sem estudos; mas o seo genio apparece nos mesmos disparates de suas composições, e por isso os espiritos joviaes amarão ler, depois de tantas poesias serias, estas que recreão pela sua singularidade.

SONETO.

Por *Joaquim José da Silva, natural do Rio de Janeiro.*

EU queria, mas eu tenho vergonha
De dar á conhecer minha tolice;
Deixemos de fazer a parvoice,
Que havia feder mais do que a peçonha.

Mas que importa que outro se me oponha
Por querer ser pateta, ou ser felice,
Se com migo assentei por fanforrice
Ser hoje o grande Duque de Bourgonha?

Já contente no meo gauderio estado
Tenho fardas, palacios, e dinheiro:
Já não peço á ninguem nada emprestado.

Porém leve o diabo o meu roteiro,
Que apesar das farofias do Ducado,
Todos me lêm nas costas — çapateiro. —

SONETO.

Do mesmo Autor.

AS Rimas de João Xavier de Mattos
São obras de hum Genio bem completo;
Mas melhor não faz elle hum bom Soneto,
Do que eu faço alguns pares de çapatos.

Se elle só procura genios gratos,
Eu quero Cordovão do mais selecto;
Queixa-se elle do seu ingrato affecto,
Eu me alegro de ver genios ingratos.

Bem sei que toda a Côrte de Lisboa
Aplausos mil lhe dá com bisarria:
Que a fama do seu verso o mundo atrôa;

Porém eu tenho cá outra valia,
Porque todo o Brasil já me apregoa
Primaz da Parnasal çapataria.

SONETO.

Do mesmo.

SENHOR Mestre Alfaite, este calção
Está como os çapatos, que eu lhe fiz?
De que serve o dedal, thesoura e giz,
Se não sabe pegar-lhe com a mão?

Você não he Alfaiate, he remendão,
Eu bem podia crer o que se diz;
Porém como por asno nunca quiz,
Justo he sinta o mal sem remissão.

Já outro que ali mora junto á Sé
Bem conhecido, Antonio Marroquim,
Me deitou á perder hum guarda-pé.

Se eu daqui á dez annos, para mim,
Não fizer hum calção de sufulié,
Não me chamem jámais Mestre Joaquim.

SONETO.

Do mesmo.

SE quizer tomar lá o seu codório,
Os desencaiches meus afoito lea,
Que gostará mais delles que da cea,
Que honte á noite comeo no Refeitorio.

Não nego que o meu Padre Frei Honorio
Goste mais do molhinho da lamprea,
Porém a frigideira cá da vea
Causa á todos melhor consolatorio.

Ao menos o bom Rio de Janeiro
Não possuio hum genio desta casta,
Por mais e mais que corra o seu roteiro.

Tem possuido alguns de afasta afasta:
Porém nunca hum Poeta çapateiro,
Que tenha hum tal humor; á Deos, que basta.

SONETO.

Do mesmo.

NÃO se enfade, menina, dessa sorte,
Por São Paulo me espere mais huns dias,
Que os çapatos hirão nas noites frias,
Pois não quer São Crispim que agora os córte.

Praza a Deos que eu de todo vença a morte,
Que verá como em tres Ave Marias
Lhe faço pra estragar as francesias
Çapatos de setim com sólla forte.

Mas se os quer com mais pronta raridade,
Requeira a Solimão na Mauritania
Que servida ha de ser com mais vontade.

Pois elle pela ver na nova Albania,
Lhe dará p'ra que traje á divindade,
As botas do Grão Duque de Aquitania.

SONETO.

Do mesmo.

HUM batuque se fez em São Gonçalo
Das Moçoilas do Rio de Janeiro,
Onde foi Frei Thobias pasteleiro,
E escamador, Pai Paulo, de hum roballo.

Eis o grande Camões no seu cavallo,
Todo torto, mui feio, e mui faceiro,
Conduzia á função hum candieiro,
Tres tainhas, seis pargos, e hum gallo.

Por não perder da Festa a grande manja
Tambem se achou hum certo salafrario,
Com cara mais inchada que turanja

Porém como não era batucario,
Apenas o brindarão com laranja
Serenada no ilhoz do seu Vigario.

SONETO.

Do mesmo.

GRANDE festa, Senhores, la se fez
Onde vôa no mar muito alcatraz;
Foi o bom Pregador hum Frei Thomaz,
Sendo só os cantores pargos tres.

Dous gallos cada qual por sua vez,
Com vinte cheireletes mais atraz,
Dera sótta, codilho, seis, e az,
O peixe de que gosta o Rei Francez.

A' função não faltarão tres goriz,
Que dentro em quatro mil cascas de noz
Lhe servirão de pages dous seriz.

Mas tem mão, Musa minha, á tua voz,
Que quasi me parece por hum triz,
Que o Soneto lá vae de foz em foz.

SONETO.

Do mesmo.

MAIS bulha, mais estrondo, e' mais abalo
Faz em meu peito a vossa tirania,
Do que fez á Troiana Monarquia
A trahição formidavel do cavallo.

Mais brandas dão as torres ao badallo
No sabbado depois da Alleluia,
Do que a vossa cruel dura porfia
Bate em mim fortemente por regallo.

Ora deixe esse genio presumido,
Não darás mil carreiras e galópes,
Como Jarbas fez dar á amante Dido.

Imita as Tisbes, Heros, e Merópes,
Se não o coixo pae do Deos Cupido,
Te fará sevandija dos Ciclópes.

Amor, busca a tua vida,
Que me resolvo á deixar-te;
Se até agora te soffri,
Não posso mais aturar-te.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

VAI inspirar teu orgulho,
O' tu rapaz malfazejo,
A' quem arde no desejo
De seguir o teu barulho.
Longe de ti o engulho
De trazer-me de corrida:
E se alguma amante lida
Acaso fazer-me intentas,
Antes que eu te chegue ás ventas,
Amor busca a tua vida.

II.

Das tuas settas pontudas
Meu peito não participa,
Pois que desse arco de pipa
Se despedem já rombudas.
The não temo as mais agudas
Que teu Pae costuma dar-te:
Bate as azas por descarte,
Tira a venda, dá hum ai,
Vai queixar-te á tua Mãi,
Que eu me resolvo á deixar-te.

III.

Inda que vás aos Ciclópes
Pedir temperados ferros,
Te hei de largar quatro perros,
Que fugirás aos galópes.
Inda que o sendal ensópes
Com pranto de frenesi,
Zombarei sempre de ti,
Pois não posso sem atalho
Aturar-te tão bandalho,
Se até agora te soffri.

IV.

Esse espirito guerreiro
Occulta por desafogo,
Que não deves ter tal fogo,
Sendo filho de ferreiro.
Outra vez alcoviteiro.
Vái á ser do fero Marte;
Que eu posto agora de parte
Pertendo dar de ti cabo:
Não hes Amor, hes diabo,
Não posso mais aturar-te.

Amei a ingrata a mais bella,
Que o mundo todo em si tem;
Eu morri sempre por ella,
Ella nunca me quiz bem.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

QUANDO eu era mais rapaz,
Qu' jogava o meo pião,
Andava o Centurião
Dando á todos sótta e az.
Nesse tempo aos Sabiás
Armava' a minha esparrella;
Comia caldo em panella
Por ter os pratos quebrados;
E até por mal de pecados,
Amei a ingrata a mais bella.

II.

Depois de mais alguns mezes
Já por baixo de subcapa,
Pelas calçadas da Lapa
Pernoitava muitas vezes.
Não bastarão os arnezes,
Que herdei de Matusalem;
Só sei que querendo bem
Me achei como Antão no êrmo,
E o mais galante estafermo,
Que o mundo todo em si tem.

III.

Com os annos, com a idade,
Na festa e seu oitavario,
Só, em passo imaginario,
Andava pela Cidade.
Se he mentira, ou se he verdade,
Diga-o a minha masella,
Que não sendo bagatella
Bem mostra de cabo á rabo,
Que por artes do diabo
Eu morri sempre por ella.

IV.

Depois de velho e caduco,
Já cheio de barbas brancas,
Eu bispei-a dando ás trancas
Nos sertões de Pernambuco.
Ali trabalho e trabuco
Por lhe abrandar o desdem;
Mas o máo modo, que tem,
Procedido da vil próle,
Faz crer que nem a pão molle
Ella nunca me quiz bem.

Sabbado fez quinta feira,
Domingo fez trez semanas,
Que pario a porca hum burro,
Mas com vinte e cinco mamas.

GLOZA.

Do mesmo:

I.

SEBO de grillo em cardume
Dizem ser de boa medra;
Sabão molle feito em pedra
He hum galante perfume.
Não he má para betume
A raiz da escorcioneira:
A galinha na popeira
Poem os óvos na malhada;
Lá na Semana passada
Sabbado fez quinta feira.

II.

Arroz de nabo e cominhos
Serve de emplastro á espinhella,
Pimenta, cravo, e canella,
De lambedor de carinhos.
Cautochão de Barbadinhos
Faz arias Italianas:
Crião miserias humanas
Hum, e dous, e argolinha;
Inda á pouco na folhinhá
Domingo fez trez semanas.

III.

O Estreito de Gibaltar
Mora da parte d'alem;
Arroz feito de moquem
Faz hum bello paladar.
Não deixa de admirar
Quem dá forte hum grande murro;
Qualquer estrondo ou sussurro
He traste de taboleta;
Faz bem notorio a Gazeta
Que pario a porca hum burro.

IV.

Moella de pato macho
He cordeal d'esquinencia;
Não se atura a impertinencia
De quem joga e dá camacho.
De carapuça e penacho
Se representão os Dramas;
Usão hoje as novas damas
No Marquezado de Nisa
Hum cavalinho de frisa,
Mas com vinte e cinco mamas.

Empunhou Cupido as settas,
Dirigio-as a meu peito,
Obrigou-me a ser amante,
Amei, ficou satisfeito.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

NENHUM outro mais que eu
Zombou sempre por capricho
Desse formidavel bicho,
Ou gigante pigmeo.
Do ardente poder seu
Escarneci ás secretas;
Mas depois bispando as nettas
Do mui famoso Plutarco,
Vibrando mais forte o árco
Empunhou Cupido as settas.

II.

Inda assim fogi ao queima,
Pois na verdade não quero,
Como Leandro por Hero,
Fazer outra tal toleima;
Persisti na minha teima
Com manha, commodo e geito;
O que vendo o tal sujeito,
Despresa as settas rombudas,
Poem no arco as mais agudas,
Dirigio-as á meu peito:

X

Qual outro amante mingóte
Ardendo de amor na calma.
Quasi dei ao demo a alma
Na ponta do meu fagóte.
Poz-me logo á andar de tróte
Sem socegar hum instante;
E com furor incessante
Em tão terrivel cuidado,
Depois de trazer-me á nado,
Obrigou-me á ser amante.

XIV.

Nisto tanto se interessa;
E me faz tamanho fogo,
Que fiquei amante logo
Desde os pés té a cabeça.
Succedeo com tanta pressa
Este caso com effeito,
Que sem mover-se mais pleito
Que o dizer dos Rabolistas,
Me poz no Rol dos fadistas,
Amei, ficou satisfeito.

Ao pé do monte Sião
Há hum pé de Cajurû,
Onde limpava o seo cú
O Almirante Balão.

GLOZA.

Do mesmo.

I.

DEspresou Matusalem
Duzentos annos de vida,
Por não ver na amante lida
O gosto, que o lamba tem.
O Juiz de Santarem
Quasi estalla de paixão;
Das montanhas do Japão
Ungil-o veio o seu Cura,
Mas desceo-lhe a quebradura
Ao pé do Monte Sião.

II.

Sem dar accôrdo de si
Na dura terra prostrado,
Acodio-lhe o Deos vendado,
Com a funda de David.
Huns daqui, outros dali
Já chegão do Calundû;
Levado de Bersebu
Confirma o bom Juvenal,
Que na nossa Cathedral
Há hum pé de Cajurù.

III.

Esta mentira tamanha
Que soou no Oriente,
Fez abortar de repente
A Imperatriz de Alemanha.
Veio a parteira de Hespanha
Montada n'hum baiacú:
Faz-se a guerra no Perú
Por se saber que Mavorte
Vende a gadanha da morte,
Onde limpava o seu cú.

IV.

No Romano Capitolio
Todas estas tradições
Se dão á ler ás Nações
N'hum grosso livro de folio.
Sentado então no seo solio
Sem ter alguma attenção,
Deu tremendo caxação,
No tempo dos trez Filipes,
Em sua filha Floripes
O Almirante Balão.

Alminhas do Purgatorio,
Que estaes na beira do rio,
Virai-vos da outra banda
Que vos dá o Sol nas costas.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

ATRAZ da Porta Ottomana
Se conserva hum bacamarte,
Com que Pedro Malasarte
Defende a Curia Romana.
Nas margens do Guadiana
Dá Castella o Reportorio;
Hum tal Frade Frei Gregorio
Nas ventas do seo nariz
Tem hum letreiro, que diz:
Alminhas do Purgatorio.

II.

No passar do Helesponto
Esta nossa athmosfera
O seo ambiente altera
Por não achar barco pronto;
Em falsete ou contraponto
O tempo passa do Estio;
O Mestre Inverno com frio
Manda accender o pharol,
Pois vê de Ré-mi-fa-sol
Que estaes na beira do Rio.

III.

Depois do geral diluvio
Inda nos ficarão maguas,
Porque no tempo das aguas
Inunda mais o Danubio.
Qualquer atomo ou efluvio
Sempre féde que tresanda;
Renasce o mal de Loanda
Na Cidade de Guiné;
Se quereis tomar café,
Virai-vos da outra banda.

IV.

Raia agora a Lua cheia,
A nova faz seu eclipse;
He galante parvoice
Deitar-se a gente sem cea.
Junto da Palma Idumea
Estão as cousas dispostas
Para evitar as propostas
Em que estão sobre a vindima;
Ponde a barriga p'ra cima
Que vos dá o Sol nas costas.

Tenho hum galante chinello
Com que vou a São Matheos,
Tenho a minha fralda rota,
Ninguem me bote quebranto.

GLOZA.

Do mesmo Autor.

I.

SE vós tendes hum baijú
Com seus babados de chita,
Eu tenho agora a marmita
Semi-rubra de ourocú.
Se tendes de gorgotú
Hum macaquinho amarello,
Eu nas cazas do Castello,
Como he publico e notorio,
Por baixo do consistorio
Tenho hum galante chinello.

II.

Se vós tendes de cambraia
Camiza fina e bordada;
Eu tenho a minha rendada,
Que veio da Marambaia.
Se de setim tendes saia,
Eu só tenho os calções meus;
Se com esses trastes teus
De mim toda te desunes,
Eu tenho os panos de Tunes,
Com que vou a São Matheos.

III.

Se tendes çapato justo,
E poens as mãos nas ilhargas,
Eu tenho bottas mui largas,
Com que passeio sem custo.
Se tendes de raios susto,
Eu casso da vella a escôta;
Se tendes no frasco a gota
Como Mestra das crioulas,
Eu por baixo das siroulas
Tenho a minha fralda rôta.

IV.

Se tendes novo capote
Mais chibante do que o velho
Eu tenho hum torto xavelho,
Que me faz vezes de póte.
Se á cavallo andaes de tróte,
Eu do chão não me levanto,
Não me assusto, nem me espanto,
Serei sempre pé de boi;
Ora ahi está como foi,
Ninguem me bote quebranto.

Neste campo solitario
Onde a desgraça me tem,
Chamo, ninguem me responde,
Olho não vejo o meu bem.

GLOZA.

Do mesmo.

I.

As queixadas do Sultão
Nunca comerão bananas,
Quinze saveiros de canas
Masca o Almirante Balão.
As façanhas de Sansão
Não faz qualquer salafrario;
Os pretinhos do Rozario
Tem as suas ópas brancas,
Só eu passeio em tamancas
Neste campo solitario.

II.

A's praias do mar vermelho
Foi dar á costa hum Tapuia
Embarcado em huma cuia
Tendo por leme hum xaveiro.
Hum burro já muito velho
Foi Letrado em Santarem;
As mulheres de Belem
Tem topete como o mar,
Só eu stou neste lugar
Onde a desgraça me tem.

III.

Frade leigo de corôa
Parece Padre de Missa,
Hum navio de cortiça
Não pode hir a Lisboa.
Toda a moça tabarôa
Quando vê gente se esconde;
Eu já vi, não sei aonde,
Hum burro comer zoró;
E tambem quando estou só
Chamo, ninguem me responde.

IV.

Quem tem veste de durante
Com seu calção de baeta
Forrado de seda preta;
Certamente que he chibante.
Todo o gamenho ou galante
Em bananas se mantem;
Hum barbante não sustem
Huma Não quando dá crena;
Eu sem ter gota serena,
Olho não vejo o meo bem.

FABULA DO MORRO DO RAMOS.

Aos annos da Ex.ma D. Maria Magdalena, pelo Padre Silverio, da Paraopeba. Minas Geraes.

QUAL Dom Quixote
No Rocinante,
Já cavalleiro
Me fiz andante.

Apenas raia
A luz Phebea,
Não busco encantos
De Dulcinea.

A estrada busco
De Villa Rica,
Que doze leguas
Distante fica.

Só por beijar
Neste almo dia
A mão piedosa
D'alta Maria.

Passo a *Itabira*,
Passo a *Caxoeira*,
E a mesma Serra
Subo á carreira.

Aonde o Conde
De Cavalleiros
Deixou a fonte
Aos passageiros;

Que ali descanção
Junto á corrente,
Quando os abraza
A calma ardente.

Logo presago
Meo coração
Cá palpitou-me,
Nem era em vão.

Porque chegando
Ao fim da Serra,
Ouço hum ruido,
Que alli me aterra.

De espessa gruta
Do Sol isenta,
Figura horrenda
Se me apresenta.

Tostado o corpo
Tinha a figura,
Mais de mil palmos
Tinha de altura.

Os olhos fundos,
Faces chupadas,
As barbas brancas,
As mãos mirradas.

Mal se appresenta
Pasma o cavallo;
Cheio de espanto
Assim lhe fallo

" Quem hes, me dize,
" O' monstro horrendo? "
Mal lhe pergunto
Fiquei tremendo.

Depois de hum pouco
Estar calado,
Como quem soffre
Hum mal pesado:

Abrindo a boca,
Onde se vião
Trez velhos dentes,
Que já bolião:

Alçando aos ares
A carantonha,
Com voz cansada,
Porém medonha:

Sou *Ramos*, (1) disse,
Filho da Terra;
Que aos altos Deoses
Tambem fiz guerra.

Com *Villa Rica*
Tomei amores,
Que hoje me causão
Maguas maiores.

Ella me fez
O leito d'oiro,
E fez-me entrega
Do seu thesouro.

Vivia farto,
Alegre, e cheio,
E dos amores
Em doce enleio.

Porém os Deoses,
Que se agravarão,
Logo a soberba
Me castigarão.

Neste alto morro
Precipitado,
Por meo castigo
Fui transformado.

Meus longos ossos,
Que aqui jazerão,
Em duas pedras
Se converterão.

Por maior pena,
Maior castigo,
Tenho a *Velloso* (2)
Por inimigo.

Elle me estruge,
Elle me aterra,
Fazendo sempre
Continua guerra.

Agudos ferros,
Forças extranhas,
Me vão rompendo
Estas estranhas.

Tenho de fronte
A minha bella;
Mas ah! Não posso
Chegar-me a ella.

Deito-lhe os olhos,
Votos lhe offreço,
Nem hum aceno
Sequer mereço.

Nos seus ouvidos
Por meus suspiros,
Soão medonhos
Horrendos tiros.

---

(1) O Morro chamado do Ramos junto a Villa Rica.

(2) O Coronel José Veloso Carmo, Mineiro, que trabalhava neste Morro.

Lagrimas tristes
Correndo em fio,
Nas repuchadas
Daqui lhe envio.

Porém debalde
Suspiro, e chóro,
Por essa imagem,
Q'inda hoje adóro.

Entre praseres
De mim se esquece,
Ou por enórme
Me desconhece.

Pois que com ella
Fallar não posso,
Pelo destino
Ou fado nosso:

Dize-lhe que hoje,
Bem que se occulta
O seo amante
Tambem exalta.

Que pois lhe pede
Como em penhor
Do seo antigo
Fiel amor:

Que desse nobre
Metal luzente
Que do seu seio
Vai na corrente,

Hum padrão alto
Mande erigir,
Onde estas letras
Faça insculpir:

„ Apar de Pedro,
„ Com alegria,
„ Por longos annos,
„ Viva Maria. „

Alexandre de Gusmão, tendo feito baptisar dous filhos com os nomes de VIRIATO, E TRAJANO, *soffreo por isso huma satira, á que elle responde por este*

SONETO.

ISTO não he vaidáde, he desengano,
Que dou ao vosso errado pensamento;
Dei-vos o ser, e dou-vos documento
Para fugirdes da soberba ao damno.

Esta vaidade, com que o mundo engano,
Foi da Fortuna errado movimento;
Subi, mas tive humilde nascimento;
Assim foi Viriato, assim Trajano.

Quando soubereis ler do mundo a historia
Dos dous Heróes, que tomo por empreza,
Vereis a minha, e mais a vossa gloria.

Humilde, quanto ao ser da Natureza,
Illustre nas acções, e esta memoria
He só quem póde dar-nos a Grandeza.

SONETO.

Pelo Marechal Luiz Paulino, natural da Bahia, duas horas antes de expirar.

EIS já dos Mausoléos silencio horrendo
Me impede o respirar, a voz m'esfria;
Eis chega a morte eterna, eis morre o dia,
E ao nada a Natureza vai descendo.

No, da anniquilação, passo tremendo,
Escudo-me da sã philosophia;
Terror humilde o rosto não m'enfia,
Como Catão morreo, eu vou morrendo.

Mas ah! Tu d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, có' o sofrimento,
Me arremessas á mares de anciedade...

Mulher... Filhos... Amigos... n'hum momento,
No momento do Adeos pra Eternidade,
Vós sois o meo cuidado, e o meo tormento.

SONETO.

Por

J. B. da Gama.

FUNDOU co' a forte espada a Monarquia
Hum Affonço, e outro Affonço Heroe valente;
Coroou Ceres de Diniz a frente
Das Musas na agradavel companhia;

Pedro adorou da amada a cinza fria;
João quebrou do Leão a garra e o dente;
Manoel forçou as portas do Oriente
Por ver o berço aonde nasce o dia;

Pagou tributo de manchadas péles
A quarta parte nova ao Quinto Augusto;
Mas tu foste maior que todos elles,

Que lês por baixo do dourado Busto:—
Amou os povos, foi amado d'elles,
José, o Pai da Patria, o Grande, o Justo.—

S. 15302.

PARNAZO BRASILEIRO,

OU

COLLECÇÃO DAS MELHORES POEZIAS

DOS

POETAS DO BRASIL,

TANTO INEDITAS, COMO JA IMPRESSAS.

CADERNO 4.°

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA IMPERIAL E NACIONAL.
1830.

FABULA

DO

RIBEIRÃO DO CARMO.

POR

CLAUDIO MANOEL DA COSTA,

Natural de Minas Geraes.

IDILIO.

AONDE levantado
Gigante, a quem tocára,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema, e rára
Desta inculta região, vive *Itamonte*,
Parto da terra, transformado em monte.

De huma penha, que esposa
Foi do invicto Gigante,
Apagando Lucina a luminosa
Alampada brilhante,
Nasci; tendo em meu mal logo tão dura,
Como em meu nascimento, a desventura.

Fui da florente idade
Pela candida estrada
Os pés movendo com gentil vaidade;
E a pompa imaginada
De toda a minha gloria n'hum só dia
Trocou de meu destino a aleivosia.

Pela floresta, e prado
Bem polido mancebo
Girava em meo poder tão confiado,
Que até do mesmo Phebo
Imaginava o Throno peregrino
Ajoelhado aos pés do meo destino.

Não ficou tronco, ou penha,
Que não desse tributo
A' meo braço feliz, que já desdenha
Despotico, absoluto,
As tenras flores, as mimosas plantas,
Em rendimentos mil, em glorias tantas.

Mas ah! que Amor tyranno
No tempo, em que a alegria
Se aproveitava mais do meu engano,
Por aleivosa via
Introduzio cruel a desventura,
Que houve de ser mortal, por não ter cura.

Vizinho ao berço caro,
Aonde a Patria tive,
Vivia *Eulina*, esse prodigio raro,
Que não sei, se inda vive,
Para brazão eterno da belleza,
Para injuria fatal da natureza.

Era *Eulina* de *Ancóllo*
A mais presada filha;
Ancóllo tão feliz, que o mesmo Apollo
Se lhe próstra, se humilha
Na copia da riqueza florescente,
Déstro na Lira, no cantar sciente.

De seus primeiros annos
Na belleza nativa,
Humilde *Ancóllo*, em ritos não profanos,
A bella Nimpha esquiva
Em voto ao sacro Apollo consagrára;
E delle em premio tantos dons herdára.

Trez lustros, todos d'ouro,
A gentil formosura
Vinha tocando apenas, quando o louro,
Brilhante Deos procura
Acreditar do Pai o culto attento,
Na grata aceitação do rendimento.

Mais formosa de *Eulina*
Respirava a belleza;
De ouro a madeixa rica, e peregrina
Dos corações faz preza;
A candida porção de neve bella
Entre as rosadas faces se congela.

Mas, inda que a ventura
Lhe foi tão generosa,
Permitte o meo destino, que huma dura
Condição rigorosa
Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
Tanto esplendor, para que mais me enlêe.

Não sabe o culto ardente
De tantos sacrificios
Abrandar o seu Nume: a dor vehemente,
Tecendo precipicios,
Já quasi me chegava a extremo tanto,
Que o menor mal era o mortal quebranto.

Vendo inutil o empenho
De render-lhe a fereza,
Busquei na minha industria o meo despenho:
Com ingrata destreza
Fiei de hum roubo (oh misero delicto!)
A ventura de hum bem, qu' era infinito.

Sabia eu como tinha
Eulina por costume,
(Quando o maior Planeta quasi vinha
Já desmaiando o lume
Para dourar de luz outro horizonte,)
Banhar-se nas corrente de huma fonte.

Á' fugir destinado
Com o furto precioso,
Desde a Patria, onde tive o berço amado,
Recolhi numeroso
Thesouro, que roubára diligente
A meu Pai, que de nada era sciente.

Assim pois prevenido
De hum bosque á fonte perto,
Esperava o portento appetecido
Da Nimpha; e descoberto
Me foi apenas, quando (oh dura empreza!)
Chego; abraço a mais rara gentileza.

Quiz gritar; oprimida
A voz entre a garganta
Apollo? diz, Apoll... a voz partida
Lhe nega força tanta:
Mas ah! eu não sei como de repente
Densa nuvem me poem do bem ausente.

Inutilmente ao vento
Vou estendendo os braços:
Buscar nas sombras o meo bem intento:
Onde á meus ternos laços..!
Onde te escondes, digo, amada *Eulina*?
Quem tanto estrago contra mim fulmina?

Mais hia por diante;
Quando entre a nuvem densa
Apparecendo o corpo mais b il art-,
Eu vejo (oh dor immensa!)
Passar a bella Nimpha, já roubada
Do Numen, á quem fôra consagrada.

Em seos braços a tinha
O louro Apollo presa;
E já ludibrio da fadiga minha,
Por amorosa empresa,
Era despojo da Deidade ingrata
O bem, que de meus olhos me atrebata.

Então já da paciencia
As redeas desatadas,
Tóco de meus dilirios a inclemencia:
E de todo apagadas
Do acêrto as luzes, busco a morte impia,
De hum agudo punhal na ponta fria.

As entranhas rasgando,
E sobre mim cahindo,
Na funesta lembrança soluçando,
De todo confundindo
Vou a verde campina; e quasi exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue.

Inda não satisfeito
O Numen soberano,
Quer vingar ultrajado o seu respeito;
Permittindo em meo damno,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.

E para que a lembrança
Da minha desventura
Triumphe sobre a tragica mudança
Dos annos, sempre pura,
Do sangue, que exhalei, ó bella *Eulina*,
A cor inda conservo peregrina.

Porém o odio triste
De Apollo mais se accende:
E sobre o mesmo estrago, que me assiste,
Maior ruina emprende:
Que chegando a ser impia huma Deidade,
Excede toda a humana crueldade.

Por mais desgraça minha,
Dos thesouros preciosos
Chegou noticia, que eu roubado tinha,
Aos homens ambiciosos;
E crendo em mim riquezas tão extranhas,
Me estão rasgando as miseras entranhas.

Polido ferro duro
Na abrazadora chamma
Sobre os meos hombros bate tão seguro,
Que nem a dor, que clama,
Nem o esteril desvelo da porfia
Desengana a ambiciosa tyrannia.

Ah Mortaes! até quando
Vos cega o pensamento!
Que machinas estaes edificando
Sobre tão louco intento?
Como nem inda no seu Reino immundo
Vive seguro o Barathro profundo!

Idolatrando a ruina
Lá penetraes o centro,
Que Apollo não banhou, nem vio Lucina;
E das entranhas dentro
Da fecunda, mas profanada terra
Buscaes o desconcerto, a furia, a guerra.

Que exemplos vos não dicta
Do ambicioso empenho
De Polidoro a misera desdita!
Que perigos o lenho,
Que entregastes primeiro ao mar salgado,
Que desenganos vos não tem custado!

Em fim sem esperança,
Que allivios me permitta,
Aqui chorando estou minha mudança;
E a enganadora dita,
Para que eu viva sempre descontente,
Na muda fantasia está presente.

Hum murmurar sonóro
Apenas se-me-escuta;
Que até das mesmas lagrimas, que chóro,
A Deidade absoluta
Não consente ao clamor, se esfórce tanto,
Que mova á compaixão meu terno pranto.

Daqui vou descobrindo
A fabrica eminente
De huma grande Cidade; (1) aqui polindo
A desgrenhada frente,
Maior espaço occupo dilatado,
Por dar mais desafogo á meu cuidado.

Competir não pertendo
Comtigo, ó cristalino
Tejo, que mansamente vás correndo:
Meu ingrato destino
Me nega a prateada magestade,
Que os muros banha da maior Cidade.

As Nimphas generosas,
Que em tuas praias girão,
O' placido Mondego, rigorosas
De ouvir-me se retirão:
Que de sangue (2) a corrente turva e feia
Teme Ericina, Aglaura, e Deyopéa.

Não se escuta a harmonia
Da temperada avena
Nas margens minhas, que a fatal porfia
Da humana sede ordena,
Se attenda apenas o ruido horrendo
Do tosco ferro, que me vai rompendo.

Porém, se Apollo ingrato
Foi causa deste enleio,
Que muito, que da Musa o bello trato
Se ausente de meu seio,
Se o Deos, que o temperado côro téce,
Me fóge, me castiga, e me aborréce!

---

(1) A Cidade de Marianna, em Minas Geraes.

(2) Allude-se á cor muito avermelhada, que tomão as suas aguas, pelos trabalhos da mineração, em que se desmanchão as terras mais ou menos coradas, as quaes descem com as correntes, e as tingem.

Em fim sou, qual te digo,
O *Ribeirão* presado,
De meos Engenhos a fortuna sigo:
Commigo sepultado
Eu chóro o meo despenho; elles sem cura
Chorão tambem a sua desventura.

SAUDAÇÃO Á ARCADIA.

ODE.

Por Claudio Manoel da Costa.

EM fim eu vos saúdo,
O' campos deleitosos,
Vos, que á nascente Arcadia em grato estudo
Brotando estaes os loiros mais frondosos;
Eu vos vou descobrindo,
Bellas estancias do Pastor Termindo.

Já sinto que respira
Huma aura em vós suave;
Orfeo pulsa de novo a doce Lyra,
Ouve Thebas de novo o plectro grave;
Seu numero he mais terno
Que o que muros ergueu, parou o Averno.

Que Pastores tão novos
São estes, que vos pisão?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matisão?
Quem fórma estas cadencias?
Quem produz tão mimosas influencias?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem,
Tu, Tempo, gastador os não consomes;
Briareo aqui diz este,
Ninfeo diz outro, aqui diz outro *Eureste*.

Na mais copada faia
Abrio o ferreo gume
O nome de *Termindo*; o Sol, que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume,
Elle o vê, elle inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! se da gloria vossa,
Pastores, cá me vira
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Igualmente meu nome se insculpira!
Entre a serie preclara
De *Glauceste* a memoria se guardára.

Mas onde hirá sem pejo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do patrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso cáro abrigo,
Pastores, pode tanto,
Que despertando do silencio antigo,
Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Com vosco está *Glauceste*,
Com vosco faz soar a flauta agreste.

Se não cantar os feitos
Do bom Pastor d'Anfriso,
Se de Jove, e de Marte entre os eleitos
Não espalhar cantando hum doce riso: —
Saberei nesta praia
A Titiro imitar junto da faia.

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor, em vós floreça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termindo* se levante.

AO SEPULCRO DE ALEXANDRE MAGNO.

ODE.

Pelo mesmo Autor.

CERCANDO a urna d'oiro
Eu vejo os Generaes do forte Grego;
A' fria sombra me avizinho e chego,
Obsérvo o murcho loiro
Na descorada testa:
Nada do antigo resplendor me resta,
Mal da languida mão d'industria preso
Cahe, ou pende do sceptro o inutil peso.

Se serás de Filippe
O vencedor herdeiro, aqui pergunto;
Deixa que o mundo a teu cadaver junto
Este aviso antecipe;
Elle não póde crer-te,
Se hoje, Olimpias, por ti lagrimas vérte,
Aonde estão os grandes, onde as glorias,
Com que a Patria te honrou, tantas victorias?

As Legiões distantes
Aos limites das terras verdadeiros,
Nós te vimos marchar entre guerreiros
Esquadrões triumphantes:
Té os reinos d'Aurora
Levaste o ferro, e a chamma abrazadora;
Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio
Voltas de luto, a terra te ábre o seio.

E que espaço te espera
Do conquistado globo? Acaso a vasta
Extensão do Universo? Ah! não, não basta
A' Alexandre, que déra
Tanto susto ao Universo,
Que affrontando o terror de Marte adverso,
De novos mundos á conquista aspira,
Não basta o mundo todo a erguer-lhe a pyra.

Do Antarctico á Calisto
O ambito se busque; neste espaço
Se guarde o peito, e se sepulte o braço,
Que a Grecia tem já visto
De rapidas campanhas
Tinto no sangue, ó Ceos! Elle ás entranhas
Da terra desce aqui em termo breve,
Sóbe ao sepulcro, e cobre-o terra leve.

Grandes, que arrebatados
Da soberba ambição, levaes a guerra
A's mais longinquas regiões da terra,
Agora debruçados,
Se he que o pasmo o concede,
Sobre o sepulcro de Alexandre vêde
Como eloquente o seu silencio dita
Os desenganos, que a razão medita.

Philosophos de Athenas,
Os porticos deixai de Themis clara,
Lição mais digna hum morto vos prepára,
Da Acadêmia as serenas
Estudiosas horas
Abandonai; tu, que divino foras,
Sabio Platão, se esta doutrina leras,
Como tardas á vir, que mais esperas?

Mas já dizer-te escuto
A' vista do espectaculo funesto;
Este do Heroe o desgraçado resto?
Das conquistas o fructo
Outros á colher correm,
Se quentes inda da victoria morrem
Os dominantes d'Asia; oh! E quam pouco
Dista o orgulho de hum grande, ou já de hum louco!

O' sabio d'Estagira,
Deixa que entre, e registe a infausta scena,
Elle he que as honras funeraes ordena
Ao vencedor, que espira:
Eu te instrui prudente
Na temperança, diz, hoje presente,
Hoje á meus olhos, tu lição mais pura
Me intimas desde a fria sepultura.

A' tropel vem chegando
Os mais, que a Grecia nos seus fastos conta,
Aqui Demetrio, alli Metrou se aponta;
Philotes está dando
A distinguir seu rosto:
Xenofonte, Solon, Philaou posto,
Cada hum sobre o tumulo feridos
De penetrante dor lanção gemidos.

Tu, Philemon famoso,
Que de teu General honraste o lado;
Tu, que ao Thrace feroz, ao Scita ousado
Disputaste brioso,
Se te vejo este dia
Suffocar toda em luto Alexandria,
Quando cingido de abrazadas luzes
Do Augusto Chefe o feretro conduzes:

Tu só por derradeiro
Deves alçar a voz ao giro em roda,
Que cévão já teus olhos, pende toda
Junto ao morto guerreiro
A officiosa assembléa,
Das humanas grandezas huma idéa,
Principes, vos atterre; estes spectros
Fallão só c' os diademas, e c' os sceptros.

Ah! possa hum déstro ingenho
Sobre a campa do Heróe deixar gravado
Sabio letreiro á idade encomendado:
De o consultar eu venho
Nas Atticas fadigas:
" Caminhante aqui jaz, mais não prosigas,
„ Quem o mundo á si todo vio sujeito,
„ Para occupar do mundo hum campo estreito. „

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

SE sou pobre pastor, se não govérno
Reinos, Nações, Provincias, Mundo, e Gentes;
Se em frio, calma, e chuvas inclementes
Passo o Verão, Outono, Estio, Inverno:

Nem por isso trocára o abrigo terno
Desta chossa, em que vivo, co' as enchentes
Dessa grande fortuna: assaz presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar afflicto o dia, o mez, e o anno;

Seja embora prazer, que á meo ouvido
Sôa melhor a voz do desengano,
Que da torpe lisonja o infame ruido.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

NIZE? Nize? onde estás? Aonde espera
Achar-te huma alma, que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata, e gyra,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! se ao menos teu nome ouvir pudéra
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuido que diz; mas he mentira;
Nize cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Se o meo bem, se a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o écho me responde!
Ah! como he certa a minha desventura!
Nize? Nize? onde estás? aonde? aonde?

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

APRESSA-SE á tocar o caminhante
O pouso, que lhe marca a luz do dia;
E da sua esperança se confia,
Que chegue á entrar no porto o navegante.

Nem aquelle sem termo passa avante
Na longa, duvidosa, e incerta via;
Nem este atravessando a região fria
Vai levando sem rumo o curso errante.

Depois que hum breve tempo houver passado,
Hum se verá sobre a segura aréa,
Chegará o outro ao sitio desejado.

Eu só, tendo de penas a alma chêa,
Não tenho que esperar; que o meu cuidado
Faz, que gyre sem norte a minha idea.

SONETO.

Pelo mesmo Autor.

AI! Nize amada! se este meu tormento,
Se estes meus sentidissimos gemidos
Lá no teu peito, lá nos teus ouvidos
Achar podessem brando acolhimento;

Como alegre em servir-te, como attento
Meus votos tributára agradecidos!
Por seculos de males bem sofridos
Trocára todo o meu contentamento.

Mas se na incontrastavel pedra dura
De teu rigor, não ha correspondencia
Para os doces affectos de ternura;

Cesse de meus suspiros a vehemencia;
Que he fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistencia.

SONETO.

Do mesmo.

ESTES os olhos são da minha amada:
Que bellos, que gentis, e que formosos!
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada.

Por elles a alegria derramada,
Tornão se os campos de prazer gostosos;
Em zefiros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada.

Vinde, olhos bellos, vinde; e em fim trazendo
Do rosto do meu bem as prendas bellas,
Dai allivios ao mal, que estou gemendo.

Mas ah! delirio meu, que me atropellas!
Os olhos, que eu cuidei que estava vendo,
Erão (quem crera tal!) duas estrellas.

SONETO.

Do mesmo.

AQUELLE, que enfermou de desgraçado,
Não espere encontrar ventura alguma:
Que o Ceo ninguem consente que presuma,
Que possa dominar seu duro fado.

Por mais que gyre o espirito cansado
Atraz de algum prazer, por mais em summa,
Que porfie, trabalhe, e se consuma,
Mudança não verá do triste estado.

Não basta algum valor, arte, ou engenho
A' suspender o ardor, com que se move
A infausta róda do fatal despenho.

E bem que o peito humano as forças próve,
Que ha de fazer o temerario empenho,
Onde o raio he do Ceo, a mão de Jove!

SONETO.

Do mesmo.

Injusto amor, se de teu jugo isento
Eu vira respirar a liberdade:
Se eu podesse da tua Divindade
Cantar hum dia alegre o vencimento;

Não lográras, Amor, que o meu tormento
Victima ardesse á tanta crueldade;
Nem se cobrira o campo da vaidade
Desses trofeos, que paga o rendimento.

Mas, se fugir não pude ao golpe activo,
Buscando por meu gosto tanto estrago,
Por que te encontro, Amor, tão vingativo?

Se hum tal despojo á teus altares trago,
Siga a quem te despresa, o raio esquivo;
Alente a quem te busca, o doce affago.

SONETO.

Do mesmo.

ALTAS Serras, que ao Ceo estaes servindo
De muralhas, que o tempo não profana,
Se Gigantes não sois, que a fórma humana
Em duras penhas forão confundindo;

Já sobre o vosso cume se está rindo
O Monarca da luz, que esta alma engana;
Pois na face, que ostenta, soberana,
O rosto de meu bem me vai fingindo.

Que alegre, que mimoso, que brilhante
Elle se me affigura! Ah! qual effeito
Em minha alma se sente neste instante!

Mas ai! á que delirios me sujeito!
Se quando no Sol vejo o seu semblante,
Em vós descubro, ó penhas, o seu peito?

SONETO.

Do mesmo.

POLIR na guerra o barbaro Gentio,
Que as Leis quasi ignorou da Natureza,
Romper de altos penhascos a rudeza,
Desentranhar o monte, abrir o rio:

Esta a virtude, a gloria, o esforço, o brio
Do Russiano Heróe, esta a grandeza,
Que igualou de Alexandre a fortaleza,
Que venceo as desgraças de Dario.

Mas se a lei do Heroismo se procura,
Se da virtude o espirito se attende,
Outra idéa, outra maxima o segura:

Lá vive, onde no ferro não se accende;
Vive na paz dos povos, na brandura:
Vós a ensinaes, ó Rei, em vós se aprende.

SONETO.

Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga.

A' inauguração da Estatua Equestre.

VENCER Dragão, que as Furias desenterra;
Co' ás Artes adornar Sceptro, e Coroa;
Da triste cinza erguer aos Ceos Lisboa;
Pôr freio ás ondas, e dar Leis á Terra;

Tudo JOSE' na heroica Mão encerra.
O Bronze se levanta: o prazer voa;
E o seu Nome immortal a fama entoa
Entre cantos da Paz, e sons da Guerra.

Oh Rainha do Téjo, neste Dia
Ao Pai da Patria o Tempo vê com susto,
E a adorar a sua Imagem principia.

Ouço acclamar o Grande, o Pio, o Justo.
Quanto ostentais brilhantes á porfia
Vós a gloria de Roma, Elle a d'Augusto!

v. Camões.

SONETO.

Por Bernardo, natural da Villa de Santos, celebre Pintor na Capital de Minas Geraes.

DEBAIXXO de hum Pinheiro alubantado
Huma sesta passei muito á savôri,
Pois nos vraços da Minha Liônori
Bia comer a erba, e andal-o gado.

Ella puxxando do chapeo vordado
Mobia o bento contra o meu calori,
E eu por responder-lhe á aquelle amori
Lançaba-lhe ao pescoço o meo cajado.

Mas nun sei porque monta, ou que descuido
Deixxou-me a mim, por s'hir botar á Alexxo,
Começando á esdenhar-me des-lo entruido.

Já se bê que com bem sovras me queixxo;
E quando considero em seu repudio
Da-me bontade de esvarrar-me á hum sêxxo.

SONETO.

Do mesmo Author.

HA muito, Lionor, que fiz mil juras
De te não assumar mais em meus bérsos;
Mas como tibe agora controbérsos
Com obelheiros, tórno á taes loucuras.

Q'al seja a causa, se mo tu procuras,
Sáve qu' há nesta Aldea huns taes prebersos
Que com genios malbados e dibersos
Lebantão contra mim muitas figuras.

Dizem que eu furto bersos Castelhanos,
E que não he furor que me tu deste;
Tu, Lionor, me conheces há bem d'annos,

Que nun sou com' a elles, entendeste?
Que andão repetindo muito ufanos
Bersos furtados ao Pastor Glauceste.

SONETO.

Por J. B. da Gama.

JA', Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas com migo de cautellas,
Qu' inda te espero ver, por causa d'ellas,
Arrependida de ter sido ingrata.

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrellas;
Verás murchar no rosto as faces bellas,
E as tranças d'oiro converter-se em prata.

Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de soffrer da idade os damnos,
Porque me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, em quanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos annos.

SONETO.

Em resposta pelos mesmos consoantes, por huma Senhora natural do Rio de Janeiro.

TERMINDO, se Marfisa vos maltrata,
He porque conheceo vossas cautellas;
Porém ficai bem certo que por ellas
Nunca lhe pesará de ser ingrata.

Posto que o tempo tudo desbarata,
Em Marfisa são fixas as Estrellas,
Que as deidades não deixão de ser bellas,
Inda que o oiro se converta em prata.

Se tivesseis poder na formosura,
Eu receára então maiores damnos,
E desgraça seria o que he ventura.

A' tempo vos envio os desenganos,
Que fora para mim pena mui dura
Ver tão mal empregada a flor dos annos.

ODE.

AOS

GREGOS

POR

J. B. DE A. E S.

O' Musa do Brasil, tempera a Lyra,
Dirige o canto meu, vem inspirar-me:
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno!

Se com migo choraste os negros males,
Que a saudosa cara Patria opprimem,
Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te séquem.

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
Politica malvada a Grecia vende;
As bandeiras da Cruz, da Liberdade,
Farpadas inda ondeão.

As baionetas, que os servis amestrão,
Carnagem, fogo, não assustem peitos,
Que amão a Liberdade, amão a patria,
E de Helenos se presão.

Como as gotas da chuva o sangue ensópa
Arido pé de campos devastados:
Como do funeral lugubre sino,
Gemidos mil retumbão.

Creancinhas, matronas, virgens puras,
Que á apostasia, que á deshonra vota
O feroz Moslemim, filho do inferno,
Como martires morrem.

E consentis, oh Deos! Que os tristes filhos
Da redemptora Cruz, Arabes, Turcos,
Exterminem do sólo antigo e Santo
Da abandonada Grecia?

Contra Algozes os miseros combatem;
Contra barbaros Cruz, honra e justiça —
A Europa geme: só tyrannos frios
Com taes horrores fólgão.

Rivalidades, ambição, temores,
Sujo interesse a inerte espada prendem;
E o sangue de Christãos, que lagos fórma,
Hum ai lhes não arranca!

Perecerás, ó Grecia, mas com tigo
Murcharão de Albion honra e renome:
O sordido egoismo, que a devóra,
He já do mundo espanto!

Não desmaies porém, a Divindade
Roborará teu braço; e na memoria
Gravará para exemplo os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os mirrados ossos já se animão
De Mélciades; já da campa fria
Ergue a cabeça, e grito dá tremendo
Para acordar os netos.

Helenos, brada, ó vós, próle divina,
Basta de escravidão; não mais opprobrios!
He tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

Se arrazastes de Troia os altos muros
Para o crime punir, que amor causara,
Então porque soffreis há largos annos
Estupros e adulterios?

Forão assento e berço ás doutas Musas
O sagrado Helicón, Parnazo e Pindo:
Moral, Sabedoria, Humanidade
Fez vecejar a Lyra.

Ante Helenicas proas se acamava
Euxino, Egéo, — e mil Colonias hião
Levar Artes e Leis ás rudes plagas
E da Libya, e da Europa.

Hum punhado de Heróes então podia
Tingir de sangue Persa o vasto Ponto; —
Montões de corpos inda palpitantes
Estrumavão os campos.

Ah! porque não sereis o que já fostes?
Mudou-se o vosso Ceo, e o vosso sólo?
E não são inda os mesmos estes montes,
Estes mares e portos?

Se Esparta ambiciosa, Athenas, Thebas
O fratrecida braço não tivessem
Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
Curvára o collo á Roma.

E se de Constantino a infame próle
Do fanatismo cégo não houvera
Aguçado o punhal, ah! Nunca as Luas
Tremularão ufanas.

Depois que foste, ó Grecia miseranda,
De despotas brutaes brutal escrava. —
Em a esquerda o *Koram*, na dextra a espada,
Barbarie prega o Turco.

Assaz sorveste já milhões de insultos:
Já longa escravidão pagou teus crimes;
O Ceo tom perdoado. — Eia, já cumpre
Ser Helenos, ser homens.

Eia, Gregos, jurai, mostrai ao mundo
Que sois dignos de ser quaes fostes d'antes:
Eia, morrei de todo, ou sêde livres; —
Assim fallou, — callou-se.

E qual ligeira nevoa sacudida
Pelo tufão do Norte, a sombra augusta
Desapparece. A Grecia inteira brada:
Ou Liberdade, ou Morte.

ADVERTENCIA.

OFFERECEMOS ao Publico os seguintes versos de huma Senhora Brasileira, que se recomenda á estimação dos amadores da Poesia, não só pelas suas excellentes producções, como tambem pelas circunstancias da sua vida, que nos descobrem a grandeza e raridade do seu brilhante genio. Ella talvez fosse bem superior ás Poetizas, de que se honrão as mais celebres Nações, se podesse pelo estudo, e leitura das melhores obras aperfeiçoar hum talento raro, de que a dotára a Natureza, e que se não póde esconder nos pensamentos philosophicos, e rasgos verdadeiramente poeticos, que se admirão em seus versos. Fallamos da Senhora D. Delfina Benigna da Cunha, cujas producções, não só honrão o Parnazo Brasileiro, como tambem provão que as nossas patricias são dotadas de genio sublime, e muito se distinguem, quando se dedicão aos encantos da Litteratura. Se por hora não apparecem em maior numero Escriptoras dignas da publica attenção, deve isso attribuir-se á huma educação acanhada, que no Brasil reduzia huma Senhora á curta esphera do manejo domestico, como se as Bellas Letras fossem vedadas ao seu séxo. Mas a civilisação vai já fazendo desapparecer esses prejuizos, e esse acanhamento, que privava as nossas patricias de encantos, que tanto se casão com a sua natural sensibilidade, e viveza de genio; e a Imprensa tirando á luz muitos escriptos de Senhoras Brasileiras, hora sepultados no esquecimento do mundo, servirá de estimular a emulação de outras muitas, que hoje mais desembaraçadas cultivão com aproveitamento as Bellas Letras.

Nasceu a Senhora D. Delfina Benigna da Cunha na Provincia do Rio Grande do Sul no anno do 1794, e logo em 1796 perdeo a vista em consequencia de enfermidade. As suas idéas principiando á reluzir na primavera dos seus dias, descobrirão nella hum genio rarissimo; e a sua intelligencia já superior ao que se devia esperar em tão verdes annos, ajudando-se de huma prodigiosa memoria, fazia esperar que á despeito do soccorro da vista, ella seria huma Musa digna de honrar a Poesia Brasileira. Ouvindo ler e recitar, ella estudava e reflectia; a sua memoria guardava-lhe em seguro deposito, o que assim

colhia para riqueza do seu espirito, sendo tão pronta em ministrar-lhe o cabedal de idéas, que fazia suas, e augmentava consideravelmente por meio de huma continua meditação, que não só repetia com fidelidade qualquer Soneto, que se lhe recitava, mas ainda o conservava de cór sem perder hum só nome ou letra. O fogo da sua imaginação apparecia em muitos improvisos, em que exercia o seu estro, e não he para esquecer-se a gloza, que repentinamente fez da seguinte colxea, quando ápenas contava 12 annos.

A Natureza e Amor
Combatem minha razão.

GLOZA.

Até Jupiter, Senhor
De tudo quanto ha creado,
Estreitamente he ligado
A' Natureza e Amor.

Se este Deos, que he superior,
Vive sujeito á paixão:
Como ha de o meu coração
Libertar-se deste mal,
Se Amor com arma fatal
Combate a minha razão?

Huma Senhora, céga desde a idade de dous annos, versejando na de 12, com bastantes conhecimentos sobre a Historia, e outros ramos philologicos, he sem duvida hum assombro. A Natureza parece que assim quiz indemnisal-a do que a enfermidade lhe roubára com a vista. Ella continúa a viver na conversação das Musas; e a sua alma, á proporção que se enriquece de novas e mais brilhantes idéas, manifesta-se captivando a estimação dos que a ouvem, ou improvisando no circulo de honrados parentes e conhecidos, ou discorrendo com acerto sobre as principaes bellezas dos Poetas, e Historiadores. Nós publicamos alguns dos seus versos, que tem chegado ao nosso conhecimento, seguros de que he justiça trazel-os á luz publica, em honra das Senhoras Brasileiras, e em agrado dos nossos Litteratos e sensiveis Leitores.

QUADRA.

Na fragancia delcitosa
Que une á huma flôr outra flor,
Os consortes reconhecem
Da simpathia o calor.

GLOZA.

I.

SENTE o reino vegetal
De Amor a doce influencia,
Por que da sua existencia
He a causa principal;
Ante Amor tudo he igual
Em união amorosa;
Cresce o jasmim, cresce a roxa,
E em zephiros transformado
Vôa Amor de prado em prado
Na fragancia deleitosa.

II.

Como he rica a Natureza!
Quantos prodigios encerra!
Em toda a extensão da terra
Brilha a celeste belleza;
Por lei de immensa grandeza
Do Supremo Architector,
Quem he pois senão Amor
Que desenvolve a harmonia,
Que huma planta, e outra cria,
Que une á huma flor outra flor?

III.

Meigo Amor, porção da vida,
E do universo prazer
Sem ti não podia ser,
A natura enriquecida;
Avesinha enternecida
Quando as campinas florecem:
Busca hum cousorte, e ambos tecem
O seu ninho melindroso,
E o thalamo venturoso
Os consortes reconhecem.

IV.

Se em tão perfeita união
Vivem as plantas, e aves
Porque razão tão suaves,
Os nossos laços não são?
Ha de a humana geração
Viver cercada de horror!
Nos homens he crime Amor,
N'elles seu brilho se ofusca
E extinguir cada qual busca:
Da simpathia o calor.

Por D. Delfina Benigna da Cunha.

QUADRA.

Sobre mim, tyranna Morte,
Descarrega o golpe teu,
Não he justo que mais pene
Hum infeliz como eu.

GLOZA.

I.

INCERTO vagava hum dia
Por hum bosque espêsso e feio,
Eis que me sinto no seio
De huma gruta etma, e sombria;
Ouço huma voz, que dizia: —
„ Commigo termina a sorte;
„ Mas sobre que peito forte
„ O meo ferro empregarei? „ —
Intrepido eu lhe gritei
„ Sobre mim, tiranna Morte „

II.

Clama ella „ Oh Ceos que escuto:
„ He homem quem me não teme?
Eu lhe torno „ He sim quem geme,
„ Sou eu que com males luto;
„ Pagar o commum tributo
„ He só o desejo meo;
„ Da ingrata que me offendeo
„ Esquecer procuro a offensa;
„ Neste peito sem detença
„ Descarrega o golpe teu.

III.

„ Sempre de penas cercado
„ Tégora tenho vivido,
„ E tem Amor fementido
„ Meus dias envenenado;
„ Assim passo amargurado
„ Suspirando por Pirenne,
„ Por mais que brade, e que accene,
„ Nega-me sempre attenção!
„ Oh Morte, meo coração
„ Não hé justo que mais pene.

IV.

„ Extingue a paixão com a vida,
„ Triunfa do Deos de Amor,
„ Do teo calis o amargor
„ De certo não me intimida, „
Nisto a Morte endurecida
De compaixão signaes deo;
Do seu rigor se esqueceo,
Por cumprir-se a lei da sorte,
Porque em vão implora a Morte
Hum infeliz como eu.

Da mesma Authora.

QUADRA.

Que muito que nos Extractos
Sejas, Bomtempo hum primor,
Quando de *Estampas* tu fallas,
Es hum Extracto de Amor.

GLOZA.

I.

QUE de Orfeo roubaste a Lira,
Bomtempo, eu ouso affirmar;
Pois tu pudeste abrandar
Do vendado Deos a ira.
Ouvindo-te Amor, suspira...
E aos Mortaes não dá máos tratos;
O mesmo Orfeo sons tão gratos
Extrahir ah! não sabia;
E se o vences na harmonia,
Que muito que nos Extractos!

II.

Deo-te a sabia Natureza
Hum dom tão sublime e raro,
Que não pode o tempo avaro
Destruir sua belleza.
Do teo merito a grandeza
Tem Divinal esplendor;
Quem da harmonia o valor
Observa attento, e cisudo,
Jamais duvida, que em tudo
Sejas, Bomtempo, hum primor.

III.

Que importa que os invejosos
Murmurem de ti em vão?
Tu podes ter o brazão
De os deixares mentirosos.
Mesmo em lances amorosos
Se acaso hum suspiro exhalas,
Se o doce effeito não callas,
Que Amor em ti tem causado,
Não podes ser imitado,
Quando de Estampas tu fallas.

IV.

Quando assim as Nimphas chamas,
Que encantão tua alma pura,
Patentêas a ternura,
Desse amor, em que t' inflammas.
Se os ardentes sons derramas
De teo plectro encantador,
Brilha em todos almo ardor,
Exclamão — Ente Benigno,
Não es humano, es Divino,
Es hum Extracto de Amor.

Da mesma Authora.

QUADRA.

Os momentos, que nos restaõ,
Linda Marcia, aproveitemos;
Momentos tão venturosos
Sabe o Ceo quando teremos.

GLOZA.

I.

TU não vês como emmurchece
A roza, que á pouco abrira?
Não sentes como suspira
Rola, que o bosque intrestece?
Que tudo, ó Marcia fenece,
Flores, prados, manifestão;
Em quanto se não funestão
Os meos dias, e os teos,
Passarás nos braços meos
Os momentos, que nos restão.

II.

Não te esquives, doce amada,
Ao meo amor excessivo,
Vê por ti n'hum fogo activo
Minha alma pura abrazada.
Se foges, prenda adorada,
Desgraçados viveremos;
Estes momentos que temos
De liberdade, e de amor,
Dá nos o Ceo por favor,
Linda Marcia, aproveitemos.

III.

Não te deixes succumbir
Ao temor, que as almas gela;
Attende só, Marcia bella,
Ao que Amor nos faz sentir;
Vamos ternamente unir
Nossos peitos amorozos,
Sejamos ambos ditozos,
De amor vivas provas dando,
Felizmente em paz gozando
Momentos tão venturozos.

IV.

Não te demores, querida,
Completa a minha ventura,
No regaço da ternura
He doce passar a vida;
Ah! Marcia, não te intimida
Esse Fado, a quem tememos?
Ai de nós, que não sabemos
O que a sorte nos destina!
Dias táes, Marcia Divina,
Sabe o Ceo quando teremos!

Da mesma Authora.

SONETO.

Aos annos do Sr. Antonio José de Araujo, Tenente do Imperial Corpo de Engenheiros.

TU, dos amores suspirado encanto,
Aonio divinal, vate sublime,
Escuta o louvor meu, que mal exprime
Da Sagrada amizade o fogo santo.

Teu dia natalicio, Aonio, eu canto;
Tão alto assumpto, me arrebate, e anime
E o Delio côro, que jamais se exime
De louvar-te, fará que eu possa tanto.

Suaves Musas, affagai meu plectro,
Para que eu possa tão faustoso dia
Dignamente cantar em doce metro.

Aonio, Apollo que meus passos guia
Me franquêa tambem o Delio Sceptro:
Vê qual he teu poder, tua valia.

Pela mesma Authora.

SONETO.

Em resposta; Por Antonio José de Araujo, natural do Rio de Janeiro.

VICTIMA triste de amoroso encanto
Tu me chamas Felinda em som sublime;
Em som que a meu pesar assás exprime
Da verdade o fulgor mais puro e santo.

Ternas mágoas de amor em doce canto,
Pertendes que a sofrer audás me anime;
Porém dellas o peito não se exime,
Vê qual he meu pesar que pode tanto.

Redobra esforços mil ao mago plectro,
Torna medonha noite, em claro dia;
Meus males affagai em brando metro.

Vencer a minha dor seja teu guia
Pois ter do Delio côro, a palma, o Sceptro
Hum triumpho não he de mais valia.

SONETO.

Ao Exellentissimo e Reverendissimo Sr. Bispo Capellão Mór.

SENHOR, de quem a Fama ha muito canta
Memoraveis acções de san piedade,
Pondera qual será minha orfandade
Em tão misero estado, em magoa tanta.

Tua alma bemfazeja, pura, e santa,
Attenta escuta a voz da humanidade,
E a força da cruel mendicidade
Tua Benificencia assaz quebranta.

Tornas feliz o Mundo desgraçado,
Oh Numen Tutelar dos Homens Guia!
Tu es copia fiel do Ceo sagrado,

He teu renome qual astro do dia,
Sem que possa jamais ser eclipsado,
Porque teus dotes são d'alta valia.

Pela mesma Authora.

SONETO.

AO

FAUSTO NATALICIO

DE

SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

TEUS Feitos, ó Grão Rei d'eterna Fama,
Te erguem Padrões, e Estatuas permanentes;
Conta Tuas Acções altipotentes
A voz que pelo mundo se derrama.

A' bem dos Teus o Teu Valor s'inflamma,
E os torna, Senhor, independentes,
E ao Brasil dando Luzes refulgentes
Por seu Imperador eis que Te aclama.

Oh Pedro Invicto! Tua gloria he vasta,
Não a deslumbra o tempo, nem a altera:
Estatuas, e Padrões o tempo gasta.

Curvo Porvir o Nome Teu venera,
E para encher de gloria ao mundo basta
Que este Dia immortal brilhe na esfera.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A'

CHEGADA DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

A

SENHORA D. MARIA DA GLORIA.

ALÇA Neptuno a fronte coroada
De verde musgo, e de coral ramoso,
E ao Nitheroy saudando respeitoso,
Bemdiz do Rio a sorte afortunada.

Estava, diz, por Jove destinada
A gloria tua, ó Nitheroy famoso,
No egregio Imperador, que justiçoso
Sancciona as Leis, está mui bem firmada.

Assim disse do Mar o Deos potente,
E ouvindo a sua voz edificante,
Das Ondas surge Apollo refulgente.

Ao mundo traz o dia fulgurante,
Que marca deste Imperio a gloria ingente,
De ter hum Semi-Deos por Imperante.

Pela mesma Author.

SONETO.

A

SUA MAGESTADE IMPERIAL

POR OCCASIÃO DE SEGUNDA VEZ TER CHEGADO AO RIO DE JANEIRO.

A Ti corro, Senhor, porque vivia
Saudosa por Beijar-Te a Mão Augusta;
O tumido Oceano não me assusta,
Nem me assusta de Eólo a valentia.

Desprézo seu furor com ousadia,
Porque longe de Ti viver me custa;
Tua Presença amavel, e venusta
Novo Estro me dá, nova harmonia.

Vê, Senhor, como vem de varias terras
Correndo a Ti mil gentes sem ventura;
He porque alta virtude em Ti encerras.

Tua Alma Bemfazeja, doce e pura
Evita as tôrpes intestinas guerras,
E a gloria dos Teus torna segura.

Da mesma Authora.

SONETO.

A'

SUA MAGESTADE O IMPERADOR.

O SENHOR DOM PEDRO I.

POR OCCASIAÕ DA INFAUSTA MORTE DE SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ.

O Que vejo? O que escuto! A sorte austera
Ao melhor dos Monarchas tiranisa,
O pranto, que em seus olhos se divisa,
He prova da expressão, que n'alma impera.

Heróe, prole de Heróes, sofre, tolera;
A constancia aos humanos divinisa;
Vê que a Tua Consorte os Astros pisa
Por justa Lei do Ceo, que não se altera.

Não mais o pranto Teu corra apressado:
Modera Tua dor, Tua saudade
De impulso divinal reanimado.

Pois Tua Esposa gósa na verdade
O premio, que á virtude he destinado,
No seio da brilhante Eternidade.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A

SENTIDISSIMA MORTE

DE

SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ.

A FOITA pisa o Regio Pavimento
A Morte austera cruelmente armada,
Ai de nós! Ella só vem conspirada
Contra quem de virtudes he Portento.

Emprega o golpe teu, monstro cruento,
No vicio rude, na traição malvada,
E deixa-nos gosar a Prenda Amada,
Que para nós baixou do Etereo assento.

Mas que digo?.. Ai de mim!.. O geral pranto
Me annuncia do mal toda a fereza,
Vejo sobre o Universo escuro manto.

Suspira e chora a madre natureza...
A sabia Imperatriz do Mundo encanto
Volveo ao Ceo, deixando a Redondeza.

Pelu mesma Authora.

SONETO.

A' SAHIDA DO BRASIL

DE

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

A

SENHORA D. MARIA DA GLORIA.

PARA sempre! Ai de nós! Rainha Augusta,
Deixas os Patrios lares tão queridos?
A gloria, que vais dar a Povos fidos,
Aos fidos Brasileiros quanto custa!

Do mar, do vento a ira nos assusta;
Mas já por Ti não somos Attendidos!
Soão daqui, dali, tristes gemidos...
Nossa dor, e saudade, ah como he justa!

O Patrio Rio, que vaideso ondeava
Ufano com teus dous; queixoso agora
A margem triste com seu pranto lava.

Do excelso Pai o Rosto se Descora,
E o Brasil, que contente Te Encarava,
Triste, e saudoso, Te Suspira, e chora.

Pela mesma Authora.

SONETO.

A

SUA ALTEZA IMPERIAL

O

SENHOR DOM PEDRO DE ALCANTARA

No Dia 2 de Dezembro de 1829.

BENIGNOS Fados com risonho aspecto
Destinão ao Brasil Faustosa sorte,
E absortos em magico transporte
Chamão a Pedro o Grande Seu Dilecto.

Amplitude cabal dando ao projecto,
Que tinhão de o salvar á dura morte,
Daõ a este Monarcha Pio, e Forte,
Terno Filho, penhor do Seu Affecto.

Exulta o Pai, e o Brasil todo exulta,
Contemplando no Filho outro segundo
Heróe, que entre os Heróes Seu Nome avulta.

Principe excelso, o Teu Natal jucundo
He Obra prima de huma mão occulta,
Que ennobrece, que encanta, ao Novo Mundo.

SONETO.

A

SUA MAGESTADE IMPERIAL

POR OCCASIÃO DE REQUERER AO MESMO AUGUSTO SENHOR.

QUEM te falla, Senhor, quem te saûda,
Não vê raiar de Phebo a luz brilhante;
Da-lhe pio agasalho hum breve instante,
Seu Fado imigo em brando Fado muda.

A sustentar o peso assaz lhe ajuda
De huma vida, que á morte he similhante;
Não chegue a ser aflicta mendigante,
Quem a hum tal Protector roga, lhe acuda.

He por ti, que eu espero ser contente,
E supponho, Senhor, que não me illudo:
Da tua Alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro o Grande hum forte escudo,
Creio, folgo, e afirmo afoitamente,
Que és Pai, és Bemfeitor, és Nume, és Tudo.

Da mesma Authora.

SONETO.

AO

MESMO AUGUSTO SENHOR.

QUE he isto, coração? Quanta ventura
Desfructo neste dia aurifulgente?
Vejo o sabio Imperante affavelmente
Acolher teus suspiros de amargura.

Seu Nobre Coração, Sua Alma pura
Me anima, me promette gloria ingente;
Qual éra já não sou, quão de repente
Se mudou minha sorte infausta, e dura!

Benigno rosto para mim voltando
O excelso, o Immortal Pedro Primeiro
Me vai da vida as magoas adoçando.

Tu és Monarcha o Genio Brasileiro,
E aos Mundos dous, prudentes leis dictando,
Assombro causas ao Universo inteiro.

Pela mesma Authora.

SONETO.

AGRADECENDO AO MESMO AUGUSTO SENHOR O DESPACHO, QUE OBTEVE.

O' Inclito Imperante, eis me prostrada
A teus Pés, submissa, e respeitosa,
Beijando a Divinal Mão dadivosa,
Que a vida me tornou menos pesada.

Tua alma de virtudes adornada
Commigo se ha mostrado tão piedosa,
Que bem posso zombar da sorte irosa,
Tendo minha esperança em Ti fundada.

Apenas o meo triste mal soubeste,
Egregio Imperador d'Alta Memoria,
Tornar-me venturosa em fim quizeste.

Tua Famà, Senhor, hé já notoria,
O teu Nome immortal fazer pudeste,
Dando nome ao Brasil, ao Mundo Gloria.

Da mesma Authora.

SONETO.

AO

MESMO AUGUSTO SENHOR

ABRAZADA, Senhor, em fogo intenso
Minha alma exulta, e de prazer se inflamma;
E o gozo, que nas vozes se derrama,
A todos conta Teu Favor extenso.

A Ti da gratidão vôa o incenso,
Por mim lançado na mais pura chamma,
Esmalte do Brasil, honra da Fama,
Maravilha do Ceo, Numen immenso.

Se eu do Thracio cantor tivera a Lira,
Cantára os Feitos Teus, em Delio verso;
Porém meu Estro em vão a tanto espira.

Foi vencido por Ti meu fado adverso,
Completa páz minha alma hoje respira,
E tu, Senhor, sem par és no Universo.

Da mesma Authora.

A SUA MAGESTADE O IMPERADOR,

COMO

PERPETUO DEFENSOR DO BRASIL,

No Dia 13 de Maio de 1828.

SONETO.

C'ROAS sem conto de virentes Louros,
Que o Tempo estragador murchar não possa,
Perpetuo Defensor da cauza nossa,
Ornem Teu Busto em seculos vindouros.

Sem Temerdes phalanges nem pelouros
Promettestes expor a Vida Vossa;
E o Dedo Teu Omnipotente esbóça
Da nossa Liberdade aureos thesouros.

O modelo dos Reis em Ti se observa,
O' Grande, ó Immortal Pedro Primeiro!
Jove T'escuda, illustra-Te Minerva.

Tu Cimentaste o Solio Brasileiro;
Para Teu Nome a Gloria se reserva
De encher de grande assombro o Mundo inteiro.

Da mesma Authora.

SONETO.

A' par de hum coração como o de Pedro,
Os Diademas que são? que vale o Mundo?

Nova Castro.

IMPERIO vasto, rico, e florescente
Incentivo não he d'alta valia,
Perante huma Alma, Generosa, e Pia,
Que de virtudes Tem dom eminente.

Excelsa AMELIA, o encanto refulgente,
Que aos Teos formosos olhos Alicia,
He dadiva do Ceo, que o Ceo Te envia,
Sublime, e Pura, de valor ingente;

Almos prazeres Te prepara a Sorte,
O Facho do Himineo se accende ao lume
De mais ardente amor, do amor mais forte;

Tocaste, AMELIA, da Grandeza o Cume,
O Heróe, que o Ceo Te Deo para Consorte,
He mais que Imperador, He Pai, He Nume.

Da mesma Authora.

A PRIMAVERA,

IDILIO

TRADUZIDO DO GREGO EM PORTUGUEZ

POR

J. B. A. S.

JA' do Ether fugio ventoso Inverno,
E da florida Primavera a hora
Purpurea rio: de verde herva mimosa
A terra denegrida se corôa.
Bebem os prados já liquido orvalho,
Com que medrão as plantas, e festejão
Os abertos botões das novas rosas.
Com os asperos sons da frauta rude
Folga o serrano, o Pegureiro folga
Com os alvos recentes cabritinhos.
Já sulcão nautas estendidas ondas;
E Favonio innocente as vélas boja.
As Menades, cubertas as cabeças
Da flor d'hera, tres vezes enrolada,
Do uvifero Baccho Orgias celebrão:
A geração bovina das abelhas
Seus trabalhos completa; já produzem
Formoso mel; nos favos repousadas
Candida cera multiplicão. Cantão
Por toda a parte as sonorosas Aves;
Nas ondas o Alcyão, em torno aos tectos
Canta a Andorinha; canta o branco Cysne
Na ribanceira, e o Rouxinol no bosque.
Se pois as plantas ledas reverdecem;
Florece a Terra; o Guardador a frauta
Tange, e folga co' as maçans folhudas;
Se Aves gorgeião; se as Abelhas crião;
Navegão Nautas; Baccho guia os choros:
Porque não cantará tambem o Vate
A risonha, a formosa Primavera?

CANÇÃO

NO DIA 8 DE OUTUBRO DE 1785

AO

EXCELLENTISSIMO LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

POR

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

EGREGIA flor da Lusitana Gente,
Nobre inveja da estranha,
D'antigos Reis preclaro deseendente, (1)
Luiz, a quem se humilha quanto banha
Do Grão Tridente o largo Senhorio,
Desd'o Amazonio, até o Argenteo Rio. (2)

Em quanto concedeis repouso breve
A's redeas do Governo,
Ouvi a Musa, que a levar se atreve,
Ao som da Lyra de ouro, em canto eterno,
O Nome vosso a ser brilhante Estrella,
Onde habita immortal a Gloria bella.

Só ás Filhas do Ceo foi concedido
Do Lethes frio, e lasso
Os Heroes libertar; calca atrevido
Tempo devorador, com lento passo,
Tudo quanto os mortaes edificárão;
Nem deixa os écos das acções, que obrárão.

Receba o vasto Mar no curvo seio (3)
Os marmores talhados;
O amoroso Delfim, o Tristão feio
Respeitem temerosos, e admirados
A Muralha, onde Thetis québra a furia;
Do maritimo Jove eterna injúria.

Ao ar se eleve Torre magestosa, (4)
Thesouro amplo, e profundo
Das riquezas, que envia a populosa
Europa, e Asia grande ao Novo Mundo;
Por quem soberbo, ó Rio, ao mar te assomas,
Tu, que do Mez primeiro o nome tomas. (5)

Lago triste, e mortal, no abysmo esconda (6)
Pestiferos venenos;
E o leito, onde dormia a esteril onda,
Produza os Bosques, e os Jardins amenos,
Que adornando os fresquissimos lugares,
Dem sombra á terra, e dem perfume aos ares.

O vosso invicto Braço os bons proteja,
E os soberbos opprima:
Modêlo sempre illustre em Vós se veja
De alma grande, a quem bella gloria anima;
Regendo o Sceptro respeitado, e brando;
Digno da Mão, que Vos confia o Mando.

Os justos premios de emula Virtude
Da vossa mão excitem
Ao nobre, ao generoso, ao fraco, e rude:
As Artes venturosas resuscitem;
E achando em Vós hum inclito Mecenas,
Nada invejem de Roma, nem de Athenas.

A Paz, a doce Paz contemple alegre
As Marciaes bandeiras:
Prudente, e justo o vosso Arbitrio regre,
E firme a sorte de Nações inteiras;
Derramando por tantos meios novos
A ditosa abundancia sobre os Póvos.

Cresça a próspera Industria, que alimenta
Os solidos thesouros:
O Ocio torpe, e a Ambição violenta
Fujão com funestissimos agouros;
Fuja a céga Impiedade; e por castigo
Negue-lhe o Mar, negue-lhe a Terra abrigo.

Acções famosas de louvor mais dignas,
Que as de Cesar, e Mario!
Vós não sereis ludibrio das malignas
Revoluções do Tempo iniquo, e vario:
Que as bellas Musas, para eterno exemplo,
Já vos consagrão no Apollineo Templo.

Lá se erige mais solida columna,
Que o marmore de Paros;
E longe dos teus golpes, ó Fortuna,
Lá vive a imagem dos Heróes preclaros;
Assim respeita o tempo os nomes bellos
De Scipiões, de Emilios, de Marcellos.

Entre estes vejo o Achilles Lusitano, (7)
Que prodigo da vida,
Foi o açoute do barbaro Africano,
E exemplo raro d'alma esclarecida,
De que são testemunhas nunca mortas
D'Ourique o campo, de Lisboa as portas.

O grande Vasconcellos vejo armado, (8)
Que arranca, e despedaça
O alheio ferreo jugo ensanguentado;
E os soberbos Leões forte ameaça;
Da guerra o raio foi, da paz o leme;
America inda o chora, Hespanha o teme.

Quem he o que entre todos se assinála
No próvido conselho,
E no valor, e na prudencia iguala
Da antiga Pylos o famoso velho? (9)
He Pedro, que com hombros de diamante (10)
Foi d'hum, e d'outro Ceo robusto Atlante.

Mas que lugar glorioso Vos espera
A par de taes Maiores,
Inclyto Heroe, na scintillante esfera?
Eu vejo o Busto, que entre resplendores
As Virtudes, e as Musas vos levantão
Ao som dos hymnos, que alternadas cantão.

Luiz, Luiz a abobeda celeste
Por toda a parte soa;
E tu, ó Clio, tu que lhe teceste
Co' a propria mão a nitida coroa,
A voz levantas, entornando as Graças
O nectar generoso em aureas taças.

Delicia dos humanos, clara fonte
De Justiça, e Piedade,
Não sentirás do pallido Acheronte
Ferreo somno, nem densa escuridade.
Cantou a Musa: a Inveja se devora,
E o Tempo quebra a fouce cortadora.

Então, d'entre segredos tenebrosos
Erguendo o braço augusto,
Que vio nascer os Orbes luminosos,
Dá vida a Eternidade ao novo Busto.
Hum chuveiro de luz sobre elle desce,
E nova Estrella aos homens apparece.

Astro benigno! Eu te offereço a Lyra
De louros enramada:
Recebe.... ella já voa, e sóbe, e gira,
Rompendo os ares de esplendor cercada;
Já Satellite adorna o Firmamento,
E te acompanha lá no Ethereo Assento.

Canção, quanto te invejo!
Vai, e ao feliz Habitador do Téjo
Conta que a nova Estrella,
Banhada em luzes da Rainha Augusta,
Reflecte ao Novo Mundo a Imagem della.

(1) Para verificar-se Real a Ascendencia desta Excellentissima Familia, basta notar que, sendo a sua varonia de Vasconcellos, e tendo principio no Conde D. Osorio, este casou com D. Rufa, Neta da El-Rei D. Fernando; e igualmente que o Excellentissimo Sr. Affonso de Vasconcellos, setimo Conde de Calheta, casou com a Princeza Pelagia Senfronia de Rohan, de quem nasceo o Illustrissimo e Excellentissimo Sr. José de Vasconcellos e Sousa, quarto Conde de Castello-Melhor.

(2) Desde o Rio das Amazonas até o da Prata estão as Provincias, que fórmão o Estado do Brasil.

(3) O novo Caes na Marinha da Cidade.

(4) O Magnifico edificio da Alfandega, que tem na frente esta Inscripção:

En, Maria Prima regnante, è pulvere surgit,
Et Vasconcelli stat domus ista manu.

(5) O Rio de Janeiro.

(6) O Passeio publico no lugar, onde houve huma Lagôa, que infeccionava a vizinha Cidade. Este sitio he delicioso, pela sombra, e boa ordem das arvores, plantas aromaticas, e crystalinas fontes.

(7) Martim Moniz, Filho de D. Moninho Osorio, e Neto do Conde D. Osorio, governou huma das linhas da batalha do Campo de Ourique, onde deo grandes provas do seu valor; e depois no anno de 1147, quando El-Rei D. Affonso I. sitiou, e ganhou Lisboa, morreo valerosamente nas portas do Castello, que ainda conservão o seu nome.

(8) D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, segundo Conde de Castello-Melhor: na guerra da Acclamação ganhou muitas victorias, e governou as Armas das Provincias de Trás os Montes, do Minho, o Exercito do Alem-Téjo, e depois o Estado do Brasil.

(9) Nestor o mais prudente dos Gregos.

(10) Pedro de Vasconcellos e Souza, Filho de Simão de Vasconcellos e Souza, Neto de D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, foi Mestre de Campo General com o Governo das Armas do Minho, Beira, e Alem-Tejo, Governador, e Capitão General do Estado do Brasil, Embaixador extraordinario á Corte de Madrid, do Conselho de Guerra, Estribeiro Mór da Princeza do Brasil, &c.

SONETO.

Do mesmo Manoel Roxo.

EU vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e he tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella;
Se Estella agora vir, fico abrazado.

Mas ah! Que aquella me despreza amante;
Pois sabe, que estou preso em outros braços,
E Esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dois semblantes hum semblante,
Ou divide o meu peito em dois pedaços.

SONETO.

Do mesmo.

NÃO cedas, coração; pois n'esta empreza
O brio só domina; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Já não podes amar sem vil baixeza:

Rompa-se o forte laço, que he fraqueza
Ceder a amor, o brio deslustrando;
Vença-te o brio pelo amor cortando,
Que he honra, que he valor, que he fortaleza;

Foge de ver Altéa; mais se a vires,
Porque não venhas outra vez a ama-la,
Apaga o fogo, assim que o presentires;

E se inda assim o teo valor se abala,
Não lh' o mostres no rosto; ah! Não suspires!
Calado geme, soffre, morre, estala.

SONETO.

A' RAINHA D. MARIA I.

Pelo mesmo Author.

EXPOEM Thereza (1) acerbas magoas cruas,
E á briosa Nação de furor tincta
Faz arrancar da generosa cinta
O reflexo de mil espadas nuas.

Arrasta, e pisa as Ottomanas Luas,
E por mais que Neptuno o não consinta,
A Heroina do Norte (2) faz, que sinta
O pezo o mar Egeo das quilhas suas.

Seos nomes no aureo Templo a Fama ajunta;
Mas pintar seos estragos não se atreve,
Ao seo Danubio, ao mar negro o pergunta:

Lusitania aos Ceos muito mais deve:
Que a rege, como aos povos d'Amathunta,
Freio de rosas posto em mãos de neve.

---

(1) Maria Thereza d'Allemanha.
(2) Catharina da Russia.

SONETO.

A' Mesma. Pelo mesmo Author.

A Paz, a doce May das alegrias
O pranto, o lucto, o dissabor desterra;
Faz que s'esconda a criminosa guerra,
E traz ao mundo os venturosos dias:

Desce, cumprindo eternas prophecias,
A nova geração dos Ceos á terra;
O claustro virginal se desencerra,
Nasce o filho de Deos, chega o Messias:

Busca hum Presepio, cahe no pobre feno
A mão omnipotente, a quem não custa
Crear mil mundos ao primeiro aceno.

Bemdita sejas, Lusitania Augusta!
Cobre o mar, cobre a terra hum Ceo sereno,
Graças ati, ó Grande, ó Sabia, ó Justa.

SONETO.

A' sonhada Republica do Equador, por hum Brasileiro.
1824.

Os meninos de escolla Quinta feira,
E Domingo na rua se ajuntavão;
E n'hu' forte de arêa, que formavão,
Punhão por pavilhão palha de esteira.

Fingindo-lhe a redor cava e triucheira,
Taquari, como peças, lhe montavão,
E em bexiga de boi tambor tocavão,
Gastando n'este brinco a tarde inteira.

Hum sendo Capitão, outro Sargento,
Canudo de mamão sopra o trombêta;
E a noite a pés desfaz-se o novo invento.

Assim gente com barba, e que he pateta,
N'hum feriado giza sóbre o vento
A pueril Republica de pêta.

LYRA.

Pelo Padre Caldas.

O Homem não pode ser
Surdo ás Leis da Natureza;
Porque o iman da belleza
Tem mais força, mais vigor:
Meiga Anarda, corre aos braços
Do teu sincero amador.

Olha, se amor fora crime,
O homem não fora o reo;
Porém sim o sacro Ceo:
Porque, sendo o seu author,
O homem formou mais fraco,
Do que o doce, e terno amor.

Deu-te o Ceo nos lindos olhos
Attractivo meigo, e doce,
E, se amar-te hum crime fosse,
Eu me confundo, que horror!
Condemnava a creatura
O seu mesmo creador.

Olha se amor fora crime, &c.

Amor he base da vida,
He quem nos doira a existencia;
Nesta essencia, e n'outra essencia
He hum Deos dominador:
A seus pés se curva o sabio
O cafre, o Rei, o pastor.

Olha se amor fora crime, &c.

O terno pombo rulando
Não anima a doce amada?
Não ama n'agua salgada
O peixinho nadador!
O Ceo reparte com todos
Este instinto abrazador.

Olha se amor fora crime, &c.

Minha Anarda, se he delicto
Ser Leal, ser puro, e terno;
Porque não tragou o Averno,
Com fogo consumidor,
Quando foi buscar a esposa
Da Tracia o doce cantor?

Olha se amor fora crime, &c.

Os homens homens produzem
Por effeitos da ternura,
A corporea constructura
Acha nisso alto sabor:
Quando não, dormira o mundo
Do nada ainda no horror.

Olha se amor fora crime, &c.

E se acaso te assaltar
Atroz, bifronte illusão,
Não lhe prestes attenção,
Por ser monstro seductor,
Que os nossos olhos deslumbra
Com brilhantismo impostor.

Olha se amor fora crime, &c.

Eu, que amante entrego toda
A discursiva razão,
Extingo o falso clarão
Desse monstro malfeitor,
E concedo á natureza
Hum nectar d'alto sabor.

Olha se amor fora crime, &c.

Jove, que he pai dos celicolas,
Em seu seio amor gerou;
Depois á terra o mandou
Como hum Deos consolador;
Deos, que dá iguaes delicias
Tanto ao Rei, como ao Pastor.

Olha, Anarda, se não pode
Errar hum Deos, porque he Deos,
Como havemos nós ser réos
Por seguir o Deos de amor?
Ah! Voa, voa á meus braços,
O' bella, deixa o temor.

AOS ANNOS DE HUMA SENHORA.

RONDO'.

Por Jose' Pereira.

Natural do Rio de Janeiro.

Dà-me, Appollo, a lyra d'oiro,
Que hum thesoiro de belleza,
Alta empreza exige e manda
Terna e branda a voz alçar.

EU não canto heroe cruento,
Que de estragos faz alarde,
Taes façanhas, cedo ou tarde,
Qual o vento haõ de passar.

Soando a lyra divina
Já de inveja córa Orfeo,
He divino o canto meo
Se de Ulina vou cantar.

Da-me Apollo, &c.

Tem lindo e longo cabello,
Com que Amor as almas prende:
E qual mortal se defende
De seo bello e terno olhar?

Na branca frente fagueija
De continuo o pejo a rosa,
A breve boca mimosa
Amor beija sem cessar.

Da-me Apollo, &c.

Querendo pintar-lhe o peito
De ternura a voz se afraca,
A harmonia não aplaca
Doce effeito de adorar:

Fugi, sensiveis humanos,
D'esse sitio que ella habita,
Onde Amor hoje por dita
Vai seus annos festejar.

RONDO'.

Já o inverno foge, Alcina,
Da campina, e d'alta serra;
Já não berra o Norte irado,
N'este prado gira Amor.

BRANCA neve, gelo frio
Já não cobre esta collina;
Corre a fonte cristallina,
Corre o rio bramidor.

A agradavel Primavera
Veste o campo de mil flores,
O Sol lança vivas cores,
Recupera o resplandor.

Já o Inverno foge, &c.

A andorinha rastejando
Na Lagoa prateada
Com ligeira aza apressada
Vai tocando o seu licor:

Pela umbrosa e verde selva
Errar vejo o manso gado,
Co' a charrua já curvado
Corta a relva o agricultor.

Já o Inverno, &c. &c.

Torna a abelha ao seu serviço,
Zune, e beija a flor mimosa,
Volta alegre, e cuidadosa
Ao cortiço o mel compor;

Que prazeres, que receio?
Oiço já nestes raminhos
Dos alegres passarinhos
O gorgeio encantador:

Já o Inverno, &c.

Vem, pastora, tu formosa,
De jasmim huma capella,
Vem cingir a fronte bella
E da roza linda flor:

Junto a ti.., que feliz sorte!
Ah! Não posso a alegria
Exprimir, nem qual seria
Meu transporte, e terno ardor.

Já o Inverno foge, &c. &c.

Pelo mesmo Author.

QUINTILHAS.

A LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA.

Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga.

I.

MUSA, não sabes louvar,
E por isso neste dia,
Entre as vozes d'alegria,
Não pertendo misturar
Tua rustica armonia.

II.

Tens razão, mas não escuto
Os teus argumentos bellos:
Por mostrar novos disvellos
Demos o annual tributo
Ao illustre Vasconcellos.

III.

Vamos pois a preparar,
Que eu te darei as lições;
Folheando no Camões,
Bem podemos remendar
Odes, Sonetos, Canções.

IV.

Podemos fingir hum sonho
Por methodo tal e qual,
Se o furto for natural,
Eu delle não me envergonho,
Todos furtão, bem ou mal.

V.

Vê se lhe podes grudar
Huma bella madrugada,
Que muita gente barbada
Aplaude sem lhe importar
A razão, por que lhe agrada.

VI.

Feita assim a introducção,
Passemos ao elogio,
Não te escape o patrio Rio
Sahindo nesta occasião
Lá de algum lugar sombrio.

VII.

Coroado de mil flores
Venha a torto e a direito;
E se fizer hum tregeito,
Clamarão logo os leitores:
Viva, bravo, isto he bem feito.

VIII.

Co' as virtudes, co' as acções
Do nosso Heroe não te mates;
Basta que a obra dilates,
Dividida em pelotões,
Por sonoros disparates.

IX.

Quero ver a mão robusta
D' Alcides, encaixe, ou não,
E alguma comparação.
Ainda que seja á custa
D' Anibal, ou Scipião.

X.

Hão de vir de Jove as filhas,
Marte horrendo e furibundo,
E com saber mais profundo,
Traze as sete maravilhas,
Que ninguem achou no mundo.

XI.

Se acaso a Ode te agrada,
Para atterrar teus rivaes,
Tece em versos desiguaes,
Crespa frase entortilhada,
Palavras sesquipedaes.

XII.

Crepitantes, denodadas,
Enchem bem de hum verso as linhas,
E eu me lembro que já tinhas
N'outro tempo bem guardadas,
Muitas destas palavrinhas.

XIII.

Se de Soneto es amante,
Seja sempre pastoril,
Que sem cajado e rabil,
O Soneto mais galante
Não tem valor de hum ceitil.

XIV.

Venha sempre o adejar,
Que he verbinho, de que gosto,
E já me sinto disposto
Para o querer engastar
N'hum Idilio de bom gosto.

XV.

E pois que aqui nos achamos,
Tão longe de humano trato,
Que inda o velho Peripato
Por toda a parte encontramos,
Com respeito, e apparato:

XVI.

Dois trocadilhos formemos
Sobre o nome de Luiz,
Seja Luz, ou seja Liz,
O epigramma feito temos,
E só lhe falta o nariz.

XVII.

Acrosticos! Isso he flor
D'hum engenho singular;
Quem os soubera formar,
Que certo tinha o penhor
Para a muitos agradar!

XVIII.

Agudissimos Poetas,
Gente bem aventurada,
Que estudando pouco, ou nada,
Tem na cabeça essas petas,
E outra muita farfalhada!..

XIX.

Mas, oh Musa, o meo desgosto
He tal que já tenho pejo
De ti mesma, quando vejo
O teu animo indisposto
Para cumprir meu dezejo.

XX.

Não tive dias bastantes.. —
Basta, basta, isso he engano,
Sobeja o tempo de hum anno,
E he muito seis estudantes
Para hum só Quintilianno.

XXI.

Sei que ha nesta occasião
Poetas, filhos, e Paes;
Porém sejão taes ou quaes,
Cumpre tua obrigação,
Deixa cumprir os demais.

XXII.

Vinte quintilhas já são,
Nos annos não se fallou;
Mas á margem vendo estou,
Ler no Livro da razão
— Foi omisso, não pagou. —

XXIII.

Eis aqui como se ganha
O labéo de caloteiro,
Mas eu não sou o primeiro
Que tive esta boa manha,
Nem serei o derradeiro.

RETRATO DE AMIRA.

POR

DOMINGOS CALDAS BARBOZA.

SE as bellezas, virtudes, e graças
Em versos se podem cantar e exprimir,
Vou cantar atractivos de Amira,
Venhão escutar-me, que há muito que ouvir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não digo que os louros cabellos
Aos raios de Phebo podem competir,
Que assim bellos, quaes são, não precisão
Para os seus louvores qu' eu queira mentir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Nem direi que são duas estrellas
Os olhos d'Amira, qu' eu sempre segui,
Basta só que confesse a verdade
Que huns olhos tão lindos jamais nunca eu vi.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Pouco faço, se as faces comparo
Com rosa purpurea, com branco jasmim,
Que os jasmins misturados co' as rosas
A cor animada não fazem assim.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Os poetas, que pintão as bocas
Com perolas dentro, por fora rubim,
Vejao beiços e dentes de Amira
Mais rico que tudo quanto ha para mim.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não sei o que vejo no seio,
Quando elle respira, mover-se e bolir,
He simpatico o seu movimento
Que faz os dezejos aos olhos subir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Não se encontra figura mais bella
Nem corpo mais lindo formoso e gentil,
Se me prostro aos seus pés, e se os beijo
Eu devo fazel-o mil vezes e mil.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

RETRATO.

Pelo mesmo Author.

POIS que o lindo original
Meus tristes olhos não vem,
Quero ao menos consolar-me
Co' o retrato de meu bem.

Mas quem há de retratal-a?
Quem se atreve á tanto, quem?
Quem ha que possa pintar
As perfeições do meu bem?

Pinto a minha fantasia,
Só á ella isso convem,
Qu' ella sempre anda occupada
Nas idéas de meu bem.

As suas formosas tranças
Se tão linda graça tem,
He que as graças enfeitarão
Os cabellos do meu bem.

Os olhos da minha amada
Cativão quantos os vêm;
Ninguem fica em liberdade
Vendo os olhos de meu bem.

As faces, as lindas faces,
Em que neve e rosas tem,
São mimos da natureza,
Que se apurou no meu bem.

Por entre hum rubim partido
As perolas todos vêm,
Que adórnão a graciosa
Linda boca do meu bem.

Quem verá seu niveo seio
Sem sentir amores, quem,
Se os amores se recolhem
Entre o seio do meu bem?

Ah! Ninguem se chegue á elle,
Que hum fatal encanto tem;
Parece neve, e tem fogo,
Com que me abraza o meu bem.

Não posso dizer do mais
Que nunca os meus olhos vêm;
Que digão só meus dezejos
O que suppoem no meu bem.

Outra assim tão linda e bella
Todo este campo não tem,
Nem que possa comparar-se
Co' as bellezas do meu bem.

Não quero dizer o nome,
Que dizel o não convem;
Basta só qu' este segredo
Saiba-o eu, saiba-o meu bem.

MADRIGAES.

AMOR COM AS QUATO ESTAÇÕES.

AMOR tentou zombar da Primavera,
E escarneceo o louco
Das suas flores, que duravão pouco:
Mas a bella estação lhe respondia,
— Dize, as tuas finezas preciosas
Acaso durão mais, que as minhas rosas? —

O Estio suava, e tressuava,
Amor co' a venda o rosto lhe limpava;
Com isto, que hum favor só parecia,
O Estio languidez maior sentia,
Té que lhe respondeo: — Deixa-me em paz;
Que a tua compaixão peior me faz.
Teus soccorros, Amor,
Aos cançados não dão, tirão vigor. —

Ao Outono se offereceo o Deos frexeiro
Para ser vendimeiro;
Mas da vinha foi logo elle expulsado;
Por que dos caxos doces, que espremia,
O succo sempre amargo se fazia.

„ Fuge do lume, e busca as minhas chamas,
„ Terás mais doce natural calor. „
Disse ao Inverno Amor:
Mas o velho lhe torna: — em paz me deixa,
A quem te não conhece te destina;
Que eu sei que dos mortaes hés a ruina;
Tu destróes a Velhice,
Tu estragas a propria mocidade:
E que fará teu fogo
A' minha debil decadente idade? —

(*Anonimo.*)

CONSELHOS DE ALVALENGA PEIXOTO, Á SEUS FILHOS.

I.

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver;
Não basta somente ler,
He preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios he o pensar.

II.

Neste tormentoso mar
D' ondas de contradicções,
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar;
De caras á corações
Ha muitas legoas, que andar.

III.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes tem ouvidos,
E tambem podem fallar:
Ha bixinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

IV.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si virão,
Sem ninguem os procurar;
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

V.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas;
Rapazes, e raparigas
Não sabem mais, que asnear;
As conversas, e as intrigas
Servem de precipitar.

VI.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem. que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batão ferros vermelhos,
Deixem hum pouco esfriar.

VII.

Se he tempo de professar
De tafúl o quarto voto,
Procurai capote roto
Pé de banco de hum bilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

VIII.

Se vos mandarem chamar
Para ver huma função,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão
Quem está bem, deixa-se estar.

IX.

Deveis-vos acautelar
Em jogos de paro e topo,
Prontos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fabulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

X.

Quem falla, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E pode quem conta os contos,
Mil pontos acrescentar;
Fica hum rebanho de tontos
Sem nenhum adevinhar.

XI.

Com Deos, e o Rei não brincar,
He servir, e obedecer,
Amar por muito temer,
Mas temer por muito amar,
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

XII.

Até aqui pode bastar,
Mais havia que dizer;
Mas eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Pode o resto adevinhar.

Fim do I. Volume.

INDICE

Do 1.º *Numero.*

Sonho, por Alvarenga Peixoto..... 5
——— por Cordovil..... 43
Odes á Rainha D. Maria I. por Alvarenga Peixoto... 6
—— Ao Marquez do Pombal, idem..... 9
—— Ao Vice-Rei Vasconcellos, por Cordovil..... 42
—— A' Affonso de Albuquerque, por Vidal de Barboza..... 51
—— de Author Anonimo; (parece que não he Brasileiro)..... 57
Canto Epico, em Oitavas, por Alvarenga Peixoto, baptisando-se em Minas D. José de Menezes 12
——- Os Campos Elisios, por J. B. da Gama..... 25
——- Epithalamio do mesmo, á D. Maria Amalia... 27
——- Ao Marquez do Pombal, idem..... 31
A Gruta Americana, por Silva Alvarenga..... 22
Protheo, por Cordovil..... 34
Carnaval, pelo Conego João Pereira..... 59
Epistola, de Cordovil, aos Arcades do Rio de Janeiro. 38
Dythirambo, pelo mesmo, á huns annos..... 48
Oitava de Camões — Deu signal, &c. glosada por José Eloy Ottoni..... 54
Sonetos — de Alvarenga Peixoto. Nas azas do valor em Accio vinha — improvisado..... 17
——— Se armada a Macedonia ao Indo assoma..... 18
——— A mão, que aterra de Nemeo a garra..... 19
——— Por mais que os alvos cornos curve a Lua.... 19
——— Do claro Tejo á escura foz do Nilo..... 20
——— Honradas sombras dos maiores nossos..... ib.
——— Nem fizera a discordia o desatino..... 21
——— Peitos que amor da Patria predomina..... 63
——— Nas louras tranças da gentil Tircéa, pelo Padre Antonio Pereira Caldas..... 58

INDICE.

Do 2.° Numero.

A Declamação Tragica — Poema por J. B. da Gama.. 3
Epistola de Silva Alvarenga, á J. B. da Gama..... 9
——— Theseo á Ariadna, pelo mesmo Alvarenga... 12
Idilio de Francisco José de Sales (de Minas) — ou Fabula de Orpheo e Euridice..... 17
Elegia de Ovidio, traduzida por Soares de Meirelles.. 29
Retrato, por Alvarenga Peixoto..... 34
Cançoneta de Metastasio, traduzida por Alexandre de Gusmão..... 38
Palinodia, do mesmo — traduzida por Araujo Guimarães (Elmano Bahiense)..... 43
Lira por Vilella Barboza..... 47
—— pelo mesmo..... 49
Cantata, a Primavera, pelo mesmo..... 53

INDICE.

Do 3.o Numero.

Quitubia, Poema por J. B. da Gama..... 3
Templo de Nepluno; Idilio por Silva Alvarenga..... 9
Ode sobre a Restauração do Recolhimento de N. Senhora do Parto, ao Vice-Rei Vasconcellos, por Silva Alvarenga..... 18
Ode ao mesmo por Vidal de Barboza..... 22
Ode á Mocidade Portugueza, por occasião da Reforma de Coimbra, por Alvarenga..... 28
Oitavas — Discripção do Pão do Assucar, pelo Conego João Pereira (extrahida da Estolaida)..... 17
Oitava á Estatua Equestre, por Seixas Brandão (Medico das Caldas)..... 31
——— de Camões — Estavas linda Ignez, &c. glosada pelo dito Seixas..... 32

Sonetos de J. B. da Gama
——— Não sintas, não, Marquez, que o povo injusto 13
——— Ergue de jaspe hum globo alvo e rotundo.... 14
——— Se eu beijo a praia, e vos penduro o voto.. 15
——— Em quanto o Potemkim o Turco aterra..... 16
——— Já do lenho as prisões se desatarão..... 25
——— Fundou co' a forte espada a Monarquia..... 68
De Alexandre de Gusmão.
——— Isto não he vaidade, he desengano..... 66
De Luiz Paulino.
——— Eis já dos Mausoleos silencio horrendo..... 67
De Custodio Gonçalves Ledo.
——— Que importa meu Doutor, tenha defeitos..... 26
——— Quam doce he meu Doutor, na estação fria.. 27
De Seixas Brandão.
——— Parece-me que véjo a grossa enchente..... 32
De Joaquim José da Silva (o Çapateiro.)
——— Eu queria, mas eu tenho vergonha..... 42
——— As Rimas de João Xavier de Mattos..... 43
——— Senhor Mestre Alfaiate, este calção..... 43
——— Se quizer tomar lá o seu codorio..... 44
——— Não se enfade, menina, dessa sorte..... 44
——— Hum batuque se fez em São Gonçalo..... 45
——— Grande festa, Senhores, lá se fez..... 45
——— Mais bulha mais estrondo e mais aballo..... 46
8 Quadras glozadas do mesmo Çapateiro, desde pagina 47, até 62.
Fabula do Morro do Ramos, em quadras pelo Padre Silverio da Paraopeba..... 63

INDICE.

Do 4.º Numero.

Fabula do Ribeirão do Carmo, por Claudio Manoel da Costa (Glauceste) 3
Ode, Saudação á Arcadia, pelo mesmo 10
—— Ao sepulcro de Alexandre Magno, dito 12
—— Aos Gregos, por J. B. de A. e S. 22
Canção, á Vasconcellos, por Silva Alvarenga 52
Idilio — a Primavera, traduzido do Grego, por J. B. de A. e S. 51
Lira — pelo Padre Domingos Caldas Barboza 60
Quintilhas á Vasconcellos, por Silva Alvarenga 65
Retrato de Amira, por Caldas Barboza 69
———— pelo mesmo 71
Rondó por, José Pereira, á huns annos 62
——— —— pelo mesmo á Primavera 63
Sextinas, conselhos á seus filhos por Alvarenga Peixoto 74
Madrigaes, Amor com as quatro Estações 73
Sonetos de Claudio Manoel da Costa; de pagina 15 á 19
De Silva Alvarenga á Estatua Equestre
Soneto Vencer Dragão, que as furias desenterra 19
De Bernardo, Pintor em Minas
—— Debaixxo de hum Pinheiro alubantado 20
—— Há muito, Lêonori, fiz mil juras 20
De José Basilio da Gama
—— Já, Marfiza cruel, me não maltrata 21
Em resposta, pelos mesmos consoantes, e por huma Senhora do Rio de Janeiro
—— Termindo, se Marfiza vos maltrata 21
De D. Delfina Benigna da Cunha, de pagina 35 á 50
De Alvarenga Peixoto
—— Eu vi a linda Estella, e namorado 57
—— Não cedas, coração; pois nesta empreza 57
—— Expõe Thereza acérbas magoas cruas 58
—— A Paz, a doce Mãe das alegrias 59
Por hum Brasileiro
—— Os meninos da escolla Quinta feira 59
Advertencia sobre a Snra D. Delfina Benigna da Cunha 25
Quadras glosadas pela mesma Senhora, de pagina 27 á 33

00198